

SHILOMO VENEZIA

SONDERKOMMANDO

NO INFERNO DAS CÂMARAS DE GÁS

Prefácio de Simone Veil



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SHLOMO VENEZIA

Com a colaboração de
Béatrice Prasquier

SONDERKOMMANDO

NO INFERNO DAS CÂMARAS DE GÁS

Tradução
Jorge Bastos

Prefácio
Simone Veil

Notas históricas
Marcello Pezzetti e Umberto Gentiloni



Copyright © 2007 by Éditions Albin Michel

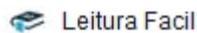
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Sonderkommando — Dans l'enfer des chambres à gaz

Capa
Marcelo Pereira / Tecnopop

Revisão
Diogo Henriques
Bruno Fiuza
Lilia Zanetti

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

-V571s-

Venezia, Shlomo

Sonderkommando [recurso eletrônico] : no inferno das câmaras de gás / Shlomo Venezia ; tradução Jorge Bastos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.
recurso digital

Tradução de: *Sonderkommando: dans l'enfer des chambres à gaz* Formato: ePub(Electronic Publication - Publicação Eletrônica)

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions - Adobe

Modo de acesso: World Wide Web (web)

159p. ISBN 978.85.390.0641.0 (recurso eletrônico)

. Venezia, Shlomo, 1923- - Entrevistas. 2. Birkenau (Campo de concentração). 3. Auschwitz (Campo de concentração). 4. Judeus - Grécia - Biografia. 5. Holocausto judeu (1939-1945) - Narrativas pessoais. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

14-16205
929:94(100)“1939/1945”

CDD: 920.994053438

CDU:

Gostaria de dedicar este livro às minhas duas famílias: aquela anterior à guerra e a que constituí depois. Meus primeiros pensamentos vão para minha queridíssima mãe de 44 anos de idade e minhas duas irmãs caçulas Marica e Marta, de 14 e 11 anos. Muitas vezes me lembro, com tristeza, da vida difícil que minha mãe levava, tendo enviuvado muito cedo, com cinco filhos. À custa de muito sacrifício, no limite do suportável, ela nos educou com base em princípios sadios, como os da honestidade e do respeito ao próximo. Tais sacrifícios e sofrimentos foram apagados, eliminados junto com minhas duas irmãzinhas, assim que desceram dos vagões para transporte de animais na *Judenrampe* de Auschwitz-Birkenau, em 11 de abril de 1944.

Minha outra família surgiu após a grande tragédia. Minha mulher, Marika, e meus três filhos, Mario, Alessandro e Alberto, sabem muita coisa melhor do que eu e têm como base essencial a honestidade e o respeito ao próximo. A tenacidade de minha mulher fez com que eles crescessem e se tornassem homens dos quais me orgulho. Marika também dedicou muitos cuidados a mim, tornando mais leves as enfermidades que resultaram do meu aprisionamento nos campos. Merece muito mais do que o meu afeto silencioso. Obrigado por tudo que fez até agora e pelo que continua a fazer pelos nossos cinco netos, Alessandra, Daniel, Michela, Gabriel e Nicole, assim como por nossas noras Miriam, Angela e Sabrina.

Do marido, pai e avô
Shlomo Venezia

“A verdade completa é bem mais trágica e assustadora.”

Zalmen Lewental¹

¹ O manuscrito em iídiche de Zalmen Lewental foi encontrado em outubro de 1962, enterrado no pátio do Crematório. Foi redigido pouco tempo antes do desencadeamento da rebelião do Sonderkommando, para deixar um testemunho e um vestígio do extermínio dos judeus nas câmaras de gás. Lewental provavelmente morreu em novembro de 1944, a poucas semanas da Libertação. Extraído de *Des voix sous la cendre. Manuscrits des Sonderkommandos d'Auschwitz-Birkenau*, com organização de Georges Bensoussan, *Revue d'histoire de la Shoah*, nº 171, janeiro-abril de 2001.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prefácio

Advertência de Béatrice Prasquier

I. A vida na Grécia antes da deportação

II. O primeiro mês em Auschwitz-Birkenau

III. Sonderkommando

IV. Sonderkommando (continuação)

V. A revolta do Sonderkommando e o desmonte dos Crematórios

VI. Mauthausen, Melk e Ebensee

Agradecimentos

Notas Históricas

A Shoah, Auschwitz e o Sonderkommando

por Marcello Pezzetti

A Itália na Grécia: Pequena história de um grande fracasso

por Umberto Gentiloni

Bibliografia

Fotos

PREFÁCIO

Shlomo Venezia chegou a Auschwitz-Birkenau em 11 de abril de 1944, e eu, vindo de Drancy, cheguei quatro dias depois. Até 9 de setembro de 1943, tínhamos vivido — ele na Grécia e eu em Nice — sob a ocupação italiana, com a sensação de estarmos, pelo menos provisoriamente, ao abrigo da deportação. Mas após a capitulação da Itália, o cerco nazista imediatamente se estreitou, para os que viviam tanto na região dos Alpes-Marítimos quanto no arquipélago grego.

Quando eu falo da Shoah, frequentemente evoco a deportação e o extermínio dos judeus da Grécia, pois o que se passou nesse país ilustra perfeitamente a obstinação dos nazistas com a aplicação da “Solução final”, a perseguição dos judeus até nas menores e mais recuadas ilhas do arquipélago. Foi então com um interesse bem particular que li o depoimento de Shlomo Venezia, judeu, cidadão italiano, falante não apenas do grego, mas também do ladino, o dialeto dos judeus de Salônica, onde ele vivia. Seu nome, Venezia, remete ao tempo em que seus ancestrais, nos anos de errância que se seguiram à expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, tinham tomado o caminho da Itália, antes de chegarem a Salônica, a “Jerusalém dos Bálcãs”, cidade que teve 90% da sua comunidade judia exterminada.

Leio inúmeros relatos de ex-deportados que, toda vez, me fazem mergulhar novamente na vida do campo. O de Shlomo Venezia, entretanto, é particularmente perturbante, pois é o único testemunho completo que temos de um sobrevivente dos Sonderkommandos. Passamos a conhecer, com precisão, como foram condenados a cumprir aquela abominável tarefa, a pior de todas: ajudar os deportados selecionados para morrer a se despirem e

entrarem nas câmaras de gás, carregando em seguida todos aqueles cadáveres, corpos misturados que tinham se debatido, para os fornos crematórios. Cúmplices dos carrascos contra a própria vontade, os membros do Sonderkommando foram quase todos assassinados, como aqueles que eles conduziam às câmaras de gás.

A força desse depoimento vem da honestidade irrepreensível do autor, que conta exclusivamente o que viu, sem nada omitir: nem o pior, como a barbárie do responsável pelo Crematório, nem as execuções sumárias ou o funcionamento ininterrupto das câmaras de gás e dos fornos crematórios. Ele cita também o que pode parecer atenuar o horror da situação, como a relativa clemência de um oficial SS holandês ou as condições de sobrevivência, menos atroz do que as dos demais deportados, de que gozavam os membros do Sonderkommando, servidores indispensáveis da máquina de morte. O que igualmente torna o seu testemunho excepcional é ter sido necessário esperar o diálogo com Béatrice Prasquier para que Shlomo Venezia ousasse evocar os aspectos mais macabros de seu “trabalho” no Sonderkommando, trazendo detalhes insuportáveis que dão toda a medida da abominação do crime.

Com palavras simples, Shlomo Venezia restitui vida a rostos definhados, a olhares extenuados, resignados e frequentemente aterrorizados daqueles homens, daquelas mulheres e crianças com os quais ele esbarrava uma única e última vez. Havia aqueles que ignoravam seu destino; aqueles que, vindo dos guetos, achavam não haver mais qualquer esperança de sobrevivência; e, finalmente, aqueles que tinham sido selecionados no campo e sabiam que a morte os aguardava — mas isso era, então, para muitos, uma libertação.

Um clarão de humanidade às vezes surge, iluminando o horror em que Shlomo Venezia tentou sobreviver, apesar de tudo. Houve o encontro, na entrada da câmara de gás, com o tio, Léon Venezia, enfraquecido demais para trabalhar, e a tentativa de lhe dar algo para comer, antes da morte. Pôde, assim, oferecer um último gesto de ternura e pronunciar, em seguida, um *kadish*² em sua memória. Houve também a gaita que ele às vezes tocava. Houve, enfim, aqueles gestos de solidariedade que o ajudaram a se manter um ser humano, como tantas vezes foi o caso, para a maioria dos deportados.

Shlomo Venezia não tenta silenciar episódios que poderiam gerar críticas, se alguém se atrevesse a formulá-las. Apenas o enaltece a coragem de contar sua sensação de ter sido cúmplice dos nazistas, o egoísmo de que precisou, às vezes,

para sobreviver, mas também o seu desejo de vingança por ocasião da libertação dos campos. Para quem eventualmente sugere que, tendo estado em um *kommando*, onde se alimentou e se vestiu melhor, talvez tenha sofrido menos que outros deportados, Shlomo Venezia pergunta: de que vale um pouco mais de pão, de descanso e de roupas, quando se tem diariamente as mãos na morte? Por também ter passado pelas condições de vida “normais” nos campos, de que ele fala com precisão e veracidade excepcionais, Shlomo Venezia declara, sem hesitação, que preferiria morrer a fogo lento a trabalhar no Crematório.

De que maneira, então, sobreviver em tal inferno, tendo como única perspectiva o momento da própria morte? A essa pergunta, cada deportado tem sua resposta. Para muitos, como Shlomo Venezia, simplesmente não se devia mais pensar: “Nos 10 ou 20 primeiros dias, eu estava constantemente chocado com a enormidade do crime, depois a gente para de pensar.” A cada dia ele preferia morrer e, no entanto, a cada dia lutava para sobreviver.

Que Shlomo Venezia ainda esteja aqui, hoje, representa uma dupla vitória sobre o processo de extermínio dos judeus; pois, em cada membro do Sonderkommando, os nazistas quiseram matar o *judeu* e a *testemunha*, cometer o crime e apagar os vestígios. Mas Shlomo Venezia sobreviveu e contou, tendo se calado durante muito tempo, como muitos ex-deportados. Se ele, como eu e tantos outros, só falou tardiamente, foi porque ninguém queria ouvi-lo. Voltávamos de um mundo em que procuraram nos banir da humanidade: queríamos contar isso, mas esbarramos na incredulidade, na indiferença, se não na hostilidade alheia. Foi apenas anos após a deportação que encontramos a coragem de falar porque, enfim, fomos ouvidos.

Por isso esse testemunho, como os de todos os deportados, deve ser entendido por cada um como um apelo à reflexão e à vigilância. Para além daquilo que nos esclarece sobre os Sonderkommandos, Shlomo Venezia nos lembra o que foi o horror absoluto, o “crime contra a humanidade”: a Shoah. A voz de Shlomo Venezia, como a de todos os deportados, vai se extinguir um dia, mas permanecerá esse diálogo com Béatrice Prasquier, entre uma testemunha — uma das últimas — que viu e uma jovem mulher, representante da nova geração, que soube ouvir; pois ela própria, há anos, já dedica uma ampla parte da sua existência à luta contra o esquecimento. Que se agradeça a ela, sobretudo por ter tido a coragem de acompanhar Shlomo Venezia nesse retorno assustador ao passado.

Cabe agora a essa nova geração não esquecer e fazer com que a voz de Shlomo Venezia ressoe para sempre.

Simone Veil
Presidente da Fundação
pela Memória da Shoah

² Oração para os falecidos. (N. da E.)

ADVERTÊNCIA

Béatrice Prasquier

O presente testemunho foi redigido a partir de uma série de entrevistas que tive com Shlomo Venezia, em Roma, com a ajuda do historiador Marcello Pezzetti, entre 13 de abril e 21 de maio de 2006. As entrevistas, feitas em italiano, foram traduzidas e transcritas na maior conformidade possível com a versão original e revisadas pelo próprio Shlomo Venezia, para não alterar a autenticidade da narrativa.

Por ter estado no centro daquela máquina de triturar vidas humanas, Shlomo Venezia está entre os raros sobreviventes a poder dar testemunho das vítimas “absolutas”, aquelas afogadas na multidão dos rostos esquecidos e que o acaso e a exceção não salvaram.

Seu testemunho se situa além de um ato da memória; é um documento histórico que esclarece o ponto mais sombrio da nossa história.

CAPÍTULO I

A vida na Grécia antes da deportação

Eu me chamo Shlomo Venezia e nasci em Salônica, na Grécia, em 29 de dezembro de 1923. Minha família teve que deixar a Espanha no momento da expulsão, mas antes de se estabelecer na Grécia meus antepassados passaram pela Itália. Por isso me chamo “Venezia”. Os judeus vindo da Espanha não tinham, na época, nomes de família; se chamavam, por exemplo, Isaac filho de Salomão. Chegando à Itália, escolheram sobrenomes que correspondiam à cidade em que se estabeleceram. Por esse motivo, muitas famílias judias têm nomes de cidades. Em nosso caso, foi o que nos permitiu manter a cidadania italiana.

Éramos uma família com cinco crianças, sendo dois meninos e três meninas. Meu irmão mais velho, Maurice, tinha dois anos e meio a mais que eu, e em seguida vinha Raquel, com um ano e meio a mais. Depois as duas últimas: Marica, nascida em 1930, e Marta, que nasceu em 1933. Nos primeiros anos, minha família vivia numa casa bem pequena. Mesmo não sendo grande, era bem melhor do que os barracos de madeira em que a maioria dos judeus pobres de Salônica morava. À medida que a família crescia, a casa ia ficando pequena demais. Eu devia ter cinco anos quando ela foi vendida e se construiu ao lado, em um terreno que pertencia a meu avô, uma casa maior, de dois andares. Meu pai era um tanto egocêntrico e mandou que o nome dele fosse escrito, “Venezia Isacco”, com tijolos vermelhos no caminho que levava à porta de casa. O segundo andar era alugado a famílias gregas. O dinheiro do aluguel ajudava meu pai a pagar os impostos. Infelizmente, as coisas mudaram com sua morte, que aconteceu cedo demais. Devíamos estar em 1934 ou 1935, e meu pai deixava para trás cinco órfãos.

Você, então, era bem jovem. Como sentiu o falecimento dele?

Eu tinha 11 anos e estava na escola quando uma prima de meu pai veio me buscar para visitá-lo no hospital. Tinha sido operado de uma doença no fígado, mas nada mais podia ser feito. Eu, aliás, sequer tive tempo de vê-lo; já estava morto quando cheguei. De repente, ficamos quase sozinhos e sem recursos.

Meu pai administrava uma pequena barbearia que o meu avô mandara construir. Eu, é claro, não podia substituí-lo quando morreu, pois era ainda muito menino. Seu assistente, então, assumiu o negócio, em troca de um pequeno percentual pago à minha mãe, toda semana. Mas não bastava para alimentar uma família com cinco crianças. Apenas graças à ajuda dos quatro irmãos de minha mãe pudemos ter o que comer todos os dias. Eu ia à casa deles todas as quintas-feiras, para que me dessem um saco de legumes com berinjelas, cebolas e outras coisas que cultivavam e separavam para a irmã. Essa ajuda era indispensável, mas insuficiente, tanto que, um ano após a morte de meu pai, precisei abandonar a escola para procurar um trabalho, e assim sustentar financeiramente minha família. Tinha apenas 12 anos.

E seu irmão mais velho, o que fazia?

Ele foi enviado pelo consulado italiano para estudar em Milão. Como ex-combatente da Primeira Guerra Mundial e cidadão italiano, meu pai tinha direito a certas vantagens. Para nós, isso significava ter uma boca a menos para alimentar. Após a promulgação das leis raciais de 1938, na Itália, meu irmão foi excluído do instituto técnico Marchioni, de Milão, e mandado de volta para a Grécia. Nem ele, então, conseguiu terminar os estudos.

Esses anos em que o regime fascista revelou sua verdadeira identidade, meu pai não os conheceu. Ele se sentia tão orgulhoso de ser italiano na Grécia que não hesitara em vestir a camisa preta do novo regime e exibi-la desfilando orgulhosamente em qualquer ocasião que se apresentasse. Para ele, Mussolini era socialista, e ele não compreendia a verdadeira natureza do fascismo. Estávamos longe demais para ver os desvios do regime. Como ex-combatente, ele participava de todas as manifestações e paradas organizadas pelos italianos. Era sua única diversão. Isso lhe dava a impressão de prestígio, em comparação aos outros judeus de Salônica. Não eram numerosos, dentre os judeus vindos da Itália, e puderam manter a nacionalidade italiana. A maioria agia como meu pai, via a realidade de longe, sem realmente compreender a situação na metrópole.

Sentiam alguma diferença, em Salônica, entre judeus italianos e judeus gregos?

Dos 60 mil judeus da cidade, nós, de origem italiana, devíamos ser pouco mais de trezentos. Mas éramos os únicos que podiam mandar os filhos à escola italiana. Em comparação aos outros, que iam em geral à escola judaica, isso gerava algumas vantagens: tínhamos tudo de graça, nos davam os livros, comíamos no refeitório, distribuía ólio de fígado de bacalhau... Usávamos uniformes muito bonitos, com aviõezinhos para os meninos e andorinhas para as meninas.

Naquela época, os fascistas tentavam chamar a atenção para a prosperidade italiana. Era propaganda para outros países, mas a gente se beneficiava disso. Desse modo, aos sábados na escola havia o “sábado fascista”, ao qual todas as crianças deviam comparecer. Participar daqueles desfiles me deixava orgulhoso, eu me sentia diferente dos outros e gostava disso. Inclusive fui duas vezes a colônias de férias na Itália, com os Balilla,³ numa época em que praticamente ninguém viajava. Além disso, tínhamos outras vantagens, pois a embaixada italiana nos ajudava muito. Por exemplo, em certos feriados, o consulado distribuía sapatos e livros aos italianos que não tinham muitos recursos. Para nós, essas pequenas coisas faziam uma bela diferença. É preciso lembrar que a comunidade judaica de Salônica era repartida em três categorias: uma ínfima parte era muito rica, uma pequena margem se virava mais ou menos, mas a grande maioria das pessoas saía pela manhã para trabalhar sem saber se conseguiria voltar com dinheiro suficiente, à noite, para alimentar a família. Na minha casa, é triste admitir, eu não podia dizer: “Estou com fome, vou comer”, pois tudo faltava. Nada parecido com as crianças de hoje, que a gente precisa forçar para que terminem o prato. Lá, tudo era limitado, cada um devia se arranjar para achar o que comer. Lembro que tínhamos vizinhos ainda mais pobres do que nós. Minha mãe sempre tentava ajudá-los, apesar de nós mesmos estarmos em necessidade. Isso dá uma ideia da extrema pobreza que nos cercava. Tais coisas forjaram o meu caráter. Estou convencido de que o estado constante de carência torna as pessoas mais fortes.

Como se passava a vida judaica em Salônica?

Devia haver uns cinco ou seis bairros judaicos na cidade, todos bem pobres. Em geral, eram denominados pelo número do bonde que os servia. Mas o principal se chamava Baron-Hirsch, que era o nome de um rico benfeitor que havia ajudado a comunidade judaica de Salônica. Mais de 90% da população

morando nesse bairro era judia. Morávamos fora dessa área, mas eu ficava quase o tempo todo entre judeus. Em casa, tudo era *kosher*. Não que minha família fosse religiosa ou realmente praticante, mas porque todas as lojas do bairro eram *kosher*. Principalmente a carne, que comprávamos nas raras vezes em que podíamos. Comíamos na sexta-feira, com vagem; era o prato rico dos pobres. Para se comer não *kosher* era preciso realmente querer e procurar bem longe, fora do bairro. Na escola, ao contrário, a comida não era *kosher*, mas isso não era um problema. Para nós, o principal era comer para não morrer de fome.

Ao nosso redor, havia muitos judeus religiosos. Mas provavelmente não como nos vilarejos da Polônia, onde todo mundo era, de fato, praticante. Quando fiz meu *bar mitzvah*,⁴ não sabia falar hebraico, então precisei decorar tudo que devia dizer. Meu pai já não estava mais conosco e foi meu avô quem me levou à sinagoga. A partir desse dia, toda vez que eu ia dormir em sua casa, ele me acordava ao amanhecer para que eu o acompanhasse na oração da manhã. Como qualquer menino de 13 anos, que prefere dormir tranquilamente, eu me revirava na cama, grunhindo, para tentar escapar.

Como eram as relações entre judeus e não judeus?

Não havia problemas em particular. Apesar de muitos dos meus amigos serem judeus, eu também convivia com cristãos. Ainda assim aconteciam algumas rixas, quando certos jovens das redondezas vinham ao bairro judeu para nos provocar e brigar. Mas eram, sobretudo, disputas entre garotos. Não sei se podemos falar de antissemitismo com relação a isso. Lembro de um episódio que quase acabou mal para mim, quando eu tinha 12 ou 13 anos. Na época, a gente saía muitas vezes, no final da tarde de sábado, para olhar e encontrar meninas de outros bairros. Mas os rapazes ficavam rapidamente enciumados e tentavam nos expulsar do território deles. Uma vez, eu estava com quatro ou cinco amigos e demos de cara com um bando de outro bairro. Meus amigos deram meia-volta às pressas, mas eu, sem me dar conta do perigo, continuei a andar. Quando percebi o quanto estavam com raiva, comecei a fingir que mancava. Ao passar por eles, me disseram: “Vamos te deixar em paz porque é manco, senão...” Dei ainda uns dez passos daquela maneira e fugi correndo. São coisas que acontecem com todo menino.

Mas não sentia qualquer hostilidade específica contra os judeus...

O único momento em que se sentia uma tensão desagradável era na Páscoa ortodoxa. Nos cinemas, era possível ver, naquelas ocasiões, filmetes que alimentavam o antissemitismo, dizendo que os judeus matavam crianças cristãs e usavam o sangue para fazer pão ázimo. Eram os momentos mais difíceis, mas não me lembro que degenerassem em violência. Sentia-se, entretanto, a dificuldade de ser judeu quando o governo mudava e um governo fascista tomava o poder. Nesse momento os judeus tinham problemas com mais frequência. Mesmo quando outros meninos vinham procurar briga, os judeus eram sempre apontados como os responsáveis. Mas fora isso, estávamos tão distantes dos negócios do mundo que poucos de nós sabiam o que se passava na Alemanha durante aquele período. Até o fim, aliás, ninguém podia imaginar. Você entende, não tínhamos telefone, nem rádio, exceto nos dois táxis da cidade. Um dos dois motoristas era judeu, e quando passávamos perto do carro ouvíamos alguém falando de um jeito estranho; era o rádio. Isso nos intrigava e queríamos saber como aquilo era feito, o tal do rádio. Mas eu, em todo caso, era jovem demais para me interessar pelo que estava sendo dito.

Aos 12 anos, então, foi preciso se arranjar sozinho e deixar a escola, para trabalhar...

Sim, eu não tinha mais apoio de fora para me encorajar e ajudar com os estudos. Minha mãe, apesar de nascida na Grécia, não falava grego, pois seus pais, como muitos judeus, não quiseram que suas filhas convivessem com os não judeus. A língua em minha casa sempre foi o ladino, o dialeto judeo-espanhol. Mas com os amigos, na rua, sempre falei grego. E falava perfeitamente, sem o sotaque e as entonações particulares dos judeus de Salônica. Tudo que eu sabia, aprendera na rua. Não tinha estado na escola judaica, apenas na escola italiana. Não tinha mais meu pai para ensinar as coisas da vida e minha mãe se limitava a algumas recomendações práticas. Nas famílias pobres, a preocupação não era com a educação, mas unicamente com a procura do que comer. Crescia-se assim, com o ar.

Aos 12 anos, comecei, então, a fazer pequenos trabalhos. Aceitava tudo que encontrava, para levar um pouco de dinheiro para casa e ajudar minha mãe. Por exemplo, trabalhei alguns meses em uma pequena fábrica de espelhos. Eu

ainda era pequeno, mas fui colocado na prensa; fixava o espelho ao cabo. Em seguida, trabalhei na fábrica do pai de um amigo, um italiano não judeu. Produziam-se termostatos. Trabalhei também numa fábrica de camas, que ficava perto de casa. Fazia coisas simples, levava isso, buscava aquilo... nada importante, mas para minha mãe aquele dinheiro fazia diferença.

Meu irmão ainda estava na Itália e nem minha mãe nem minhas irmãs trabalhavam. Minha mãe tinha se casado bem moça e nada recebera da vida, além de nós, seus filhos. Dedicara-se inteiramente à sua família e fazia tudo que podia por nós. Lembro que sua única diversão, quando ainda éramos pequenos, era uma saída no fim da tarde de domingo. Meus pais nos levavam a um lugar que vendia cerveja e queijos. Sentavam-se a uma mesa, pediam uma ou duas cervejas e o garçom trazia um pouco de queijo. Não os deixávamos em paz, pedindo o tempo todo um pedacinho. Minha mãe, no final, sempre ficava sem nada para ela. Guardei essas lembranças, apesar de me deixarem triste. Muitas vezes pensei em tudo que poderia ter feito para ajudar minha mãe. Eu a amava muito e sei que tinha um carinho especial por mim. Chamava-se Doudoun Angel Venezia. Sei de todos os sacrifícios que fez por nós e me esforcei para ajudar tanto quanto podia. Mesmo assim, gostaria de ter feito mais.

Mas eu era moço e também queria aproveitar a vida. Por exemplo, tentava economizar algumas moedas para poder alugar uma bicicleta. Eu adorava aquilo. Acabei me virando sozinho. Como não podia comprar uma, consegui construir eu mesmo uma espécie de patinete. Utilizei um pedaço comprido de madeira e um outro para me servir de guidom, duas rodas que encontrara, e quebrei a cabeça inventando um sistema que permitisse girar o guidom. Consegui, mas para usá-la precisava percorrer a pé 200 ou 300 metros, até chegar a uma estrada em condições de uso. A patinete representou minha primeira grande decepção de infância. No primeiro dia em que saí para experimentá-la, me sentia orgulhoso e muito feliz. Carreguei-a nos ombros e passei ao lado de uma charrete parada. A estrada estava com muita lama e o cavalo não conseguia puxar o carro. Ao me ver passar, o cocheiro pegou minha patinete sem me pedir e usou-a para espancar com força o cavalo, que ficou com medo e se livrou da lama que o prendia. A patinete ficou jogada no chão, toda quebrada. Eu nada podia fazer senão chorar. Ele a pegara, quebrara, o cavalo saíra do lodaçal e eu fiquei preso nele. Você pode imaginar a decepção

de uma criança que pusera toda sua energia na construção de seu brinquedo. Foi uma lição de vida.

As coisas mudaram quando seu irmão voltou da Itália?

Ele voltou em 1938, após a promulgação das leis excluindo os judeus da escola, na Itália. A situação, em casa, não mudou tanto. Eu tinha um pouco de raiva, porque em vez de pensar na família, ele só pensava em si mesmo e em se divertir... Acho que ele próprio se ressentia com minha mãe, por tê-lo mandado para tão longe. Nunca fomos muito próximos: ele tinha a sua turma, e eu, a minha. Com minha irmã, apesar de mais velha, era eu quem fazia o papel do irmão mais velho protetor. Lembro, inclusive, que um dia rasguei uma blusa que ela mesma tinha costurado, porque achei decotada demais...

A guerra se preparava no horizonte. Como reagiam as pessoas em volta e como se passou para vocês o início do conflito?

Não nos dávamos conta muito bem. Os responsáveis pela comunidade se reuniam para falar disso. Sentiam-se inquietos e olhavam a Torá, tentando interpretar os acontecimentos. Mas, para nós, tudo aquilo estava longe. Ouviam-se certas coisas a respeito da Alemanha. Tudo que eu sabia é que o regime alemão tinha raiva dos judeus. Tínhamos tanta fome e tantos problemas com a nossa própria vida que não havia tempo para questões relacionadas ao futuro. Por isso, mais tarde, os alemães não tiveram dificuldade alguma para deportar os judeus da Grécia. Foi fácil fazer-lhes acreditar que lhes dariam moradias em função do tamanho de cada família e que os homens trabalhariam, enquanto as mulheres ficariam em casa. Éramos ingênuos e ignorantes quanto aos acontecimentos políticos. Além disso, suponho que as pessoas achassem que os alemães eram gente confiável e honesta. Quando se comprava algo feito na Alemanha aquilo funcionava bem, tinha precisão. As pessoas acreditavam no que lhes prometiam. Para aqueles que não tinham o que comer, eles falavam de moradia em troca de trabalho. Não parecia tão dramático...

Para nós, a guerra realmente começou com a ocupação italiana da Albânia, em outubro de 1940.⁵ Antes mesmo de entrar na Grécia, a Itália bombardeou a cidade de Salônica. As bombas punham fogo nas casas e assustavam a

população. Quando a Itália declarou guerra, a polícia grega imediatamente prendeu os homens de nacionalidade italiana. Eu ainda não era maior e portanto fui deixado, mas prenderam meu irmão Maurice. Um policial que eu conhecia me disse que eu podia, por enquanto, ficar tranquilo, mas que devia tomar cuidado para nunca ter nos bolsos objetos que pudessem causar problema. Não entendi de imediato o que queria dizer, mas, na realidade, se encontravam alguém com um espelho no bolso, podiam acusá-lo de ter feito sinais aos aviões.

Pegaram, então, meu irmão, mas não somente ele. Prenderam também todos os italianos, judeus e não judeus, e os levaram para um grande prédio no centro da cidade. Não era uma prisão, mas não podiam sair. O problema é que foi justamente a zona que os italianos bombardearam. Por sorte não foram mortos. Foram, em seguida, transferidos para perto de Atenas e só os soltaram com a chegada dos italianos. Meu primo Dario Gabbai, que também estava entre eles, com o irmão e o pai, me disse que um judeu bem rico pagou para que os judeus italianos pudessem permanecer em um hotel, sob vigilância. Eles, pelo menos, comiam melhor do que em casa.

Durante todo esse tempo, eu subia diariamente no telhado de uma casa ocupada pelos soldados do exército grego. Sabia que um caminhão vinha todos os dias, na mesma hora, distribuir alimentos para os soldados. Eu tinha simpatizado com eles, e como não desconfiavam que eu fosse de nacionalidade italiana, também me davam comida. Eu não fazia grandes coisas, mas pelo menos podia comer. As coisas ficaram assim durante três meses: a Itália avançava e depois era repelida pelo exército grego, entrava e era obrigada a recuar. Os alemães finalmente invadiram a Grécia pelo norte, para ajudar o aliado italiano. Para nossa infelicidade, Salônica, a principal cidade do norte da Grécia, foi imediatamente ocupada pelos alemães. Se, em vez de bombardear as cidades, os italianos tivessem bombardeado pontes e outros pontos estratégicos, teriam entrado facilmente, pois a Grécia não tinha um exército forte. Em vez disso, foram os alemães que invadiram a Grécia, sem encontrar a menor dificuldade.

No dia em que as tropas alemãs entraram em Salônica, estávamos em um refúgio situado sob grandes edifícios, perto do porto e do depósito de mercadorias. Nossa casa ficava muito perto da estação e o lugar corria o risco de bombardeio; nós, então, nos aproximamos de onde moravam meus tios. Eu,

como de costume, procurava sempre alguma coisa para comer. Vi que as pessoas vinham do porto carregadas de mantimentos. Se serviam para nada deixar aos alemães. Fui até lá, então, e peguei um barril de azeite, que fui rolando até onde estava refugiada minha família. No caminho, um dono de restaurante me perguntou se eu não queria vendê-lo. Achei que poderia fazer isso e voltar rápido para pegar um outro. Negociamos e ele me deu imediatamente um maço de notas. Entreguei o azeite e voltei ao porto, mas nada mais encontrei. Voltei para casa e contei a minha mãe o que tinha acontecido. “O que você fez? Com aquele azeite poderia ter feito alguma coisa, mas o dinheiro não vale mais nada”, ela exclamou. Fui com ela até o dono do restaurante. Ela suplicou e ele, finalmente, aceitou devolver a metade do azeite que eu tinha lhe vendido.

Uma outra vez, tive mais sorte. Encontrei um forno de assar pão árabe, sem fermento, e consegui pegar vários pães, pois conhecia os bons caminhos ao interior do armazém. Todo mundo quis comprar e então comecei a vender. Depois, voltei ao lugar onde os encontrei. Nesse meio-tempo tinham fechado o acesso. Vi, porém, um pequeno buraco pelo qual consegui passar. Peguei tudo que podia carregar e voltei para casa com os pães e com dinheiro.

Com a chegada dos alemães, as coisas só pioraram, e ficava cada vez mais difícil encontrar o que comer. Por sermos italianos recebíamos mais ajuda do que outros judeus. Os soldados italianos não eram numerosos, pois a cidade estava ocupada pelos alemães, mas criei laços de amizade com alguns. Isso me permitiu encontrar mais facilmente o que comer. Fora isso, o consulado italiano continuava a nos ajudar, distribuindo, uma vez por semana, alimentos em conserva, massa e parmesão. Éramos seis em casa, havia muita coisa a carregar. Eu usava um carrinho para ir ao local da distribuição. Voltando, em vez de seguir o caminho normal, bem-conservado, preferia pegar um atalho em pior estado, porém mais rápido. Uma vez, fui parado por um policial grego:

- Ei, você! Onde pegou tudo isso?
- Eu ganhei. Sou italiano; é um direito meu.
- Não acredito, venha comigo à delegacia.
- Por quê? Não roubei, isso é meu, de direito! Por favor, deixe-me ir para casa!

Entendi que ele, na verdade, queria uma parte do bolo, era só isso. Disse então que viesse comigo e, em troca, lhe daria o parmesão. Ele logo aceitou e

me escoltou até minha casa. Essa desventura evitou que eu encontrasse outro policial que, inevitavelmente, exigiria a mesma coisa. Eu o encontrava todas as semanas e o cenário se renovava a cada vez. De qualquer maneira, se desse a volta maior, seria parado por outros. Ele, pelo menos, me protegia.

Mas como as ajudas não bastavam, comecei a fazer pequenos tráficos e a trocar coisas no mercado negro. Em geral, passava os dias com os outros, esperando na estação a passagem dos trens militares. Soldados italianos e alemães desciam rapidamente na estação de Salônica e compravam ou vendiam o que podiam, como cigarros ou medicamentos contra a malária, que revendíamos aos camponeses em troca de batatas ou de farinha para fazer pão. Era preciso tomar o trem e ir longe para encontrar o que trocar. Para não pagar a passagem, eu me pendurava na traseira do vagão, mesmo no frio. Era uma vida dura, mas eu era jovem e saudável.

Uma vez, enquanto estávamos ali, esperando, encostados em um muro, um policial grego chegou e levou todo mundo para o comissariado. Éramos todos judeus. Ele nos fez entrar, um de cada vez, em sua sala, para nos interrogar. Fui o último e tinha rapidamente entendido que ele obrigava todos a espalmarem a mão para bater nela com uma vareta de ferro até sangrar. Quando chegou a minha vez de entrar na sala, fui dizendo:

— Em mim você não pode tocar, sou italiano!

— Não faz diferença que seja italiano, abra a mão! — ordenou.

Meu irmão, porém, que não estava comigo no momento da detenção, soube que eu estava no comissariado e foi falar com um soldado italiano que conhecíamos bem. O soldado entrou na sala furioso e pegou o policial pela gola, vociferando:

— Ele é italiano, tome muito cuidado para não encostar num fio de cabelo dele!

O fato de ser judeu, então, era menos importante do que o de ter a nacionalidade italiana?

Sim, isso nos protegeu enquanto os italianos estiveram na Grécia. Por mais que fosse judeu, até aquela época eu era, ainda e sobretudo, italiano. E isso me protegia, até mesmo dos alemães. Pois eles tinham começado imediatamente a perseguir os judeus. Quando precisavam de gente para trabalhar, fechavam o bairro e apanhavam quem quer que tentasse fugir. Depois, faziam uma

trialogem, ficando apenas os judeus. Eles agrupavam na Praça Elefteria (Praça da Liberdade) uns quarenta homens judeus, entre 18 e 45 anos. Para humilhá-los, obrigavam que fizessem o que, por zombaria, chamavam de “ginástica”. A população grega assistia ao espetáculo e se divertia, vendo os judeus obrigados a fazer aqueles movimentos ridículos. Frequentemente, depois desses momentos humilhantes, os homens eram enviados para os trabalhos forçados em locais infestados pela malária. Trabalhavam lá durante um ou dois meses e voltavam magros e doentes, mais mortos do que vivos.

Aconteceu de eu de estar por ali quando ocorria uma dessas varreduras. Isso foi antes do bairro Baron-Hirsch ser fechado. Eu conhecia muito bem as ruelas para poder escapar. Mesmo sendo italiano e, teoricamente, estando protegido, era melhor não cair nas mãos deles.

Depois, um dia, após a visita de um alto graduado da SS a Salônica, foi dada a ordem de fechamento do bairro Baron-Hirsch, que foi cercado por arame farpado. O fechamento definitivo daquela área aconteceu no final de 1942 ou início de 1943. As primeiras deportações começaram três meses depois.

Lembro, inclusive, que um alemão que trabalhava no escritório da Gestapo tentou advertir os judeus. Ele tinha simpatizado com os responsáveis pela comunidade e transmitia informações. Esse alemão desapareceu de um dia para o outro. Creio que foi denunciado por agentes da contraespionagem...

Qual era a situação dentro do gueto?

A gente não usava a palavra gueto, dizia apenas “Baron-Hirsch”. Mas parecia um gueto, com uma porta de saída, dando para a estação, e uma porta de entrada vigiada, do outro lado do bairro. O bairro rapidamente se tornou um lugar de passagem, antes das deportações.

Eles cercaram e aprisionaram os mais idosos. Eu, como disse, morava bem próximo, mas do lado de fora daquela área, e estava protegido pela nacionalidade italiana. Eu não usava a estrela amarela que foi imposta aos judeus antes do fechamento do bairro. E no documento do consulado, onde estava escrito que eu era cidadão italiano, não se mencionava o fato de eu ser judeu. Meu sobrenome constava como “Salomone” e não “Shlomo”. Pude, então, permanecer no lado grego e ajudar meus amigos que estavam presos no bairro. Nada tinham para comer e marcávamos encontro em um canto isolado,

de onde me jogavam dinheiro por cima da cerca, para que comprasse os alimentos de que necessitavam. Mas só fazia isso para as pessoas que eu conhecia. Não durou mais que uma semana, pois foram rapidamente deportadas e substituídas por outros judeus, que eu não conhecia.

Não tive a sorte de ver meus tios e nem meus primos antes que fossem deportados. Sequer soube que já tinham partido. Minha avó paterna, Doudoun Levi Venezia, que tinha 63 anos de idade, também foi deportada, apesar de ter, como meu pai, a nacionalidade italiana. Mas morava dentro do bairro e, mesmo com nossos esforços e as tentativas de Maurice para conseguir a libertação dela, foi impossível salvá-la. Baron-Hirsch se tornara um campo de passagem: faziam os preparativos para a próxima deportação e lotavam os trens novamente. Mas o sofrimento já começava ali.

Em dez dias, os que moravam no bairro Baron-Hirsch foram deportados e depois o círculo das incursões se alargou, com a prisão de judeus dos outros bairros para alojá-los no Baron-Hirsch, no lugar dos desaparecidos. As pessoas dormiam ali apenas uma noite ou duas e eram deportadas pela manhã, bem cedo. Li nos cartazes do museu de Auschwitz que durante aqueles dez primeiros dias mais de dez mil pessoas foram deportadas da Grécia para Auschwitz.⁶

A população grega assistia a essas incursões?

Não, pois as deportações eram organizadas de manhã bem cedo. Não havia ainda vitalma nas ruas. O horário era escolhido de propósito, para que tudo se passasse sem muitas testemunhas, discretamente. Eu mesmo nada vi.

Quando os alemães terminaram de deportar todos os judeus gregos, quiseram fazer o mesmo com as famílias judias italianas. O cônsul, Guelfo Zamboni, mais uma vez interveio para nos ajudar. Eu sei que depois da guerra ele recebeu a medalha “Justo entre as Nações”, de Yad Vashem, por ter salvo muitos judeus e não somente italianos;⁷ ele forneceu documentos falsos também para judeus gregos, os protegendo como se fossem italianos. Ele, daquela vez, convocou os responsáveis das famílias judias italianas. Meu irmão foi à reunião, no lugar do meu pai. O cônsul anunciou que os alemães tinham a intenção de nos deportar, mas que a Itália não permitiria. Deu-nos a escolha entre sermos transferidos para Atenas, que estava ainda sob a administração italiana, ou irmos de navio para a Sicília. Como, dentre os judeus italianos que

estavam presentes, alguns tinham negócios, empresas ou fábricas na Grécia, eles preferiram permanecer no país, para melhor controlar seus negócios. Decidiram, então, em nome de todos, ir para Atenas. Infelizmente, foi a escolha da morte, também para nós.

Como se organizou a transferência para Atenas?

Foi no mês de julho. Deixamos a casa, levando colchões e tudo que minha irmã tinha preparado para o seu casamento. O noivo não era italiano e fora deportado em 1943, com toda sua família.

Os italianos tinham organizado para nós uma partida em um trem em direção a Atenas, sob a proteção dos militares italianos, que tinham ordem de não deixar que os alemães subissem a bordo. Aparentemente, essa transferência fora motivo de conflito entre os dois aliados, mas os italianos julgavam se tratar de um negócio italiano. Levamos dois dias para chegar, pois os alemães procuraram várias maneiras de travar nosso caminho entre Salônica e Atenas. Usaram diversas estratégias, como obrigar o trem a parar várias vezes para que outros comboios prioritários passassem, ou nos deixar horas a fio nas vias de espera. Naquela época, os alemães já não se entendiam muito bem com os italianos. Achavam que podiam controlar tudo, principalmente no que dizia respeito aos judeus. Os soldados italianos deram uma arma a meu irmão, para que pudesse nos defender em caso de dificuldade. No caminho, o trem passou por zonas infestadas de paludismo, onde trabalhavam os últimos judeus designados para o trabalho forçado. O maquinista, em combinação com os militares italianos, diminuiu a velocidade para que alguns pudessem se agarrar ao trem e fugir conosco. Um rapaz subiu em nosso vagão e ficou sob a proteção italiana até Atenas.

Quando finalmente chegamos à cidade, nos alojaram em uma escola. Quem podia, alugou um apartamento. Nós ficamos com cerca de vinte famílias naquela escola. Voltou a surgir o problema da alimentação. Como não trabalhávamos, era preciso encontrar um meio de trazer comida, pois o consulado italiano distribuía apenas uma refeição por dia e a ajuda que dava chegou inevitavelmente ao fim em 8 de setembro de 1943, com a capitulação da Itália e a ruptura da aliança com a Alemanha.

Como não havia mercado negro em Atenas, era preciso encontrar algo para fazer. Os mais idosos que estavam conosco na escola não podiam ir

pessoalmente vender o que tinham, e então me entregavam para que eu o fizesse, no mercado das pulgas. Tinham, em geral, belas roupas tradicionais, costuradas com fios de ouro, que eram usadas em dias de festa. Eram roupas caras, mas deviam ser vendidas, nem que fosse por dois centavos. Precisávamos tanto comer... Eu pegava o que as pessoas me davam, elas me diziam o quanto esperavam obter, entrávamos em acordo e se eu conseguisse vender mais caro, guardava a diferença, para alimentar minha família. Rapidamente compreendi que a melhor maneira de vender aquele tipo de roupa era indo a bordéis. Lá havia dinheiro à vontade, pois não faltava trabalho para as mulheres. E se a roupa lhes agradasse, elas não ligavam para o custo. Eu dizia 20 e elas pagavam 20, sem discutir. Para outras coisas, no entanto, era preciso ir ao mercado. Foi onde vendi a maior parte dos objetos que minha irmã havia preparado como enxoval.

Como se passaram as coisas após 8 de setembro de 1943?

O boato de que a Itália pedira o armistício rapidamente se espalhou.

Em Atenas, que eu soubesse, havia milhares de soldados italianos, nos quartéis e em outros lugares. Tive oportunidade de conhecer muitos. Mas os alemães assumiram tudo e vários soldados se recusaram a voltar para dormir nos quartéis, com medo de serem presos pelos alemães. Na época, eu já estava em contato com pessoas da resistência grega e conhecia muitas famílias na cidade. Tentei intermediar para que algumas delas recebessem soldados, de modo que eles não tivessem de voltar aos quartéis. Ajudei uns sete ou oito. Soube depois que um deles acabou casando com uma filha da família que, por meu intermédio, o tinha recebido e escondido. Nesse meio-tempo, quis também pôr minha família a salvo. Uma vez que tínhamos perdido a proteção italiana, não havia dúvida de que seríamos, mais cedo ou mais tarde, deportados quando nossa hora chegasse.

Os alemães começaram a resolver o problema dos soldados italianos. Disseram que, se quisessem continuar a guerra do lado das forças alemãs, deviam se inscrever em um determinado escritório. Se, ao contrário, quisessem voltar para casa, deviam se encaminhar a um outro escritório. A maioria deles não quis continuar a guerra junto aos alemães e, assim sendo, foi se inscrever no escritório indicado. Após alguns dias, foram informados de que para voltar para casa deviam se apresentar tal dia, em tal local. Era uma armadilha, pois os

enfiaram em vagões quase iguais aos que serviam à deportação dos judeus. Eu soube, em seguida, que foram enviados a fábricas na Alemanha, para trabalhos forçados.

Dentro desse contexto, como fez para entrar em contato com a Resistência?

Pelos arredores, meu irmão e eu acabamos conhecendo e travando relações com muita gente. Ao nos darmos conta de que as coisas não iam melhorar para nós e que certamente logo seríamos deportados, pensamos em nos juntar à Resistência. Queríamos pôr nossa mãe e irmãs a salvo, enviando-as às montanhas. O problema é que os resistentes gregos sabiam que éramos italianos e não confiavam muito em nós. Disseram que não precisavam de mais gente no maqui e que, para sermos úteis, devíamos permanecer na cidade e ajudar a organizar sabotagens e transmitir informações clandestinamente.

Começamos, então, a participar de pequenas ações de sabotagem. Geralmente ocorriam à noite, pois durante o dia nada se podia fazer, havia muitos delatores, espíões e militares gregos colaborando com os alemães. Reuníamos-nos, então, à noite, em pequenos grupos. Nos dividíamos de acordo com os bairros. Passávamos panfletos por baixo das portas dizendo que voltaríamos no dia seguinte e pedindo às pessoas que nos dessem o que pudessem para ajudar. De modo geral, as pessoas ajudavam, mesmo sendo perigoso também para elas. Foi como nos tornamos *andartis*.⁸

Finalmente, os companheiros da Resistência encontraram um lugar nas montanhas para esconder minha mãe e minhas irmãs. Meu irmão e eu ficaríamos com uma família, na cidade. Mas a mulher que devia nos dar abrigo foi denunciada antes que chegássemos. Minha mãe ficou um tempo escondida com minhas irmãs em um vilarejo, mas, como não falava grego, acabou preferindo voltar à escola para ficar perto de nós.

Os alemães, depois que chegaram a Atenas, não procuraram imediatamente reagrupar os judeus?

Não, nos primeiros meses nada percebemos nesse sentido. Ouvíamos falar das derrotas militares da Alemanha e as pessoas estavam convencidas de que eles não se dariam ao trabalho de deportar os judeus de Atenas, naquela situação, havendo outras urgências. Em janeiro ou fevereiro de 1944, foi

imposto que todo judeu homem assinasse um registro, numa sala da sinagoga, todas as sextas-feiras. Eu ia com meu irmão, e levávamos uma pequena mala, prontos para fugir ao menor sinal de alerta. Mas numa sexta-feira, no final do mês de março de 1944, cometemos o erro de ir cedo, pela manhã. Naquele dia, em vez de nos deixarem ir embora, nos mandaram ficar no grande salão da sinagoga, e os responsáveis pelo templo pediram que esperássemos lá, com as outras pessoas que tinham ido assinar. Devíamos, em princípio, aguardar um oficial alemão. Na realidade, era um pretexto inventado pelos alemães para que ficássemos lá, sem muita história. À medida que as pessoas iam assinar, eram encaminhadas à sinagoga. Por volta de meio-dia, vendo que continuava a chegar gente, compreendemos que estávamos presos em uma armadilha. As janelas eram muito altas, e, para ver o que acontecia lá fora, subi nos ombros de alguns rapazes e vi vários caminhões SS e soldados alemães com metralhadoras e cães. Preveni todo mundo de que estávamos cercados e que se não encontrássemos, o mais rápido possível, um meio de sair dali, íamos ser levados. A maior parte dos que estavam presentes eram judeus de Atenas e dos arredores. Ao contrário de nós, judeus de Salônica, eles não tinham assistido às deportações e não sabiam de que os alemães eram capazes. Preferiram, então, nada fazer, certos de que seríamos mortos se tentássemos sair antes da chegada do oficial. Por volta das 14h, oficial algum tinha aparecido. Mas lá fora, por outro lado, tudo estava pronto. Ordenaram que saíssemos. Diante de nós, caminhões e soldados armados que nos cercaram. Vociferavam “*Los! Los!*” (Vão! Vão!), e tivemos que subir nos caminhões. Não me lembro se havia pessoas em volta que assistiam à cena, certamente havia algumas, que não puderam se aproximar muito.

Os caminhões nos levaram à grande prisão de Haïdari. Devíamos ser mais ou menos umas 150 pessoas. Não havia lugar para nós no edifício principal. Deixaram-nos presos no local dos chuveiros, no pátio da prisão. Não havia camas, nem colchões de palha, somente o cimento do chão e os chuveiros sobre nossas cabeças. Apertados, uns sobre os outros, mal tínhamos espaço para nos deitar. Foi penoso e difícil. Do pátio, ouviam-se tiros regulares — execuções sumárias de prisioneiros políticos. O local ficava junto às cercas de arame farpado e éramos vigiados por soldados que usavam um uniforme que eu não conhecia, mas que parecia o uniforme italiano. Eu, idiota que era, me dirigi a um dos soldados que estava de guarda e disse: “Eu sou italiano! Acha

que eu posso fugir?” É claro, ele imediatamente apontou o fuzil para mim e eu recuei, erguendo as mãos e dizendo: “Tudo bem, eu não disse nada!” Era um fascista italiano das milícias que colaboravam com os alemães. De certa maneira ele me salvou a vida, pois, se tivesse dito que eu podia fugir, teria com certeza sido morto, porque havia soldados alemães em todos os cantos, posicionados nas torres de vigia a cada 20 metros.

Acreditava mesmo poder fugir?

Sim, o tempo todo, pois sabia como as coisas tinham se passado em Salônica. Se, na sinagoga, nos tivessem ouvido quando quisemos explicar o que os alemães tinham feito em Salônica — os trabalhos forçados, o gueto e as deportações —, talvez pudéssemos ter forçado a saída, em vez de esperar que fosse tarde demais. Teríamos conseguido, devíamos ter tentado fugir. Alguns certamente seriam mortos, mas, de qualquer maneira, era em direção à morte que iriam. As pessoas tinham a esperança de que cumprindo as ordens seriam poupadas. Foi o contrário.

Quem estava com você?

Meu irmão e meus primos, Dario e Yakob Gabbai. Yakob era casado e 12 anos mais velho que o irmão Dario, que devia ter cerca de 21 ou 22 anos de idade.

Além da pequena valise, eu tinha comigo cinco moedas de ouro que minha mãe me havia confiado. Ela também tinha dado cinco outras para meu irmão, mas Maurice gastara imediatamente o dinheiro. Mamãe tirara essas dez moedas das joias que seus irmãos e pais lhe haviam confiado antes de serem deportados. Ela sempre evitara categoricamente pegar o que fosse daquele envelope, pois estava convencida de que os irmãos voltariam e precisariam do dinheiro para refazer suas vidas. Outros teriam usado aquilo para fugir, mas minha mãe era honesta demais e repetia sempre: “Ai de quem tocar nesse dinheiro!” Vendo que a situação se agravava, acabou pegando as moedas e nos deu, para o caso de estarmos em perigo de vida. Mas eu quase perdi, em Haïdari, as cinco moedas que eu guardara tão preciosamente...

De fato, no dia seguinte a nossa chegada à prisão, os alemães vieram e, com gritos e pancadaria, ordenaram que saíssemos para o pátio e nos alinhássemos

em fileiras de cinco. Depois de pegarem o que bem quiseram no local vazio, nos fizeram entrar, cinco de cada vez, mandando que nos despíssemos completamente, para nos revistar e, assim, roubar tudo que pudessem. Quem não desse imediatamente os objetos de valor que tinha consigo era brutalmente espancado.

Eu tinha o hábito de me colocar sempre entre os últimos em tais situações, para ter tempo de ver o que acontecia. De repente, quando metade das pessoas já tinha passado, ouvi urros que vinham lá de dentro. Os alemães estavam batendo em um rapaz com quem tinham encontrado uma moeda de ouro escondida no sapato.

Além das cinco moedas de ouro, eu tinha também um relógio *Doxa*, que havia comprado de um alemão, em troca de cigarros. Junto da marca, havia uma inscrição: “Shimshi”. Era o nome de um judeu de Salônica, de quem o alemão roubara o relógio. Para mim, era o meu primeiro relógio, e eu não queria deixá-lo nas mãos dos alemães. Coloquei-o no chão e pisei com força, para ter pelo menos a satisfação de não entregá-lo.

Quanto às moedas, resolvi dar uma a meu irmão, uma a Dario e uma a Yakob, ficando com duas. Pus a primeira na boca e a engoli. Eles fizeram o mesmo. Só que, no meu caso, a segunda moeda não passou e eu quase me sufoquei. Não tinha pão e nem água, mas estava fora de questão morrer daquele jeito, ali, sufocado. Juntei, então, tanta saliva quanto pude e, finalmente, a moeda desceu. À nossa frente, uns imbecis espalharam o boato de que os alemães tinham um aparelho de raios X. Meu irmão entrou em pânico. Eu disse a mim mesmo que de qualquer maneira já era tarde demais e que nada podia ser feito para que as moedas saíssem de imediato. Bom, “Que aconteça o que tiver que acontecer”, pensei comigo mesmo.

Quando chegou a nossa vez, os alemães mal nos revistaram. Provavelmente já tinham pegado o bastante e tinham pressa de acabar. Quando voltamos à sala dos chuveiros, nossa bagagem de mão tinha desaparecido, mas tínhamos conseguido guardar o principal. No dia seguinte, cada um de nós foi ao banheiro para fazer o que eu chamei de “o ovo de ouro”. O primo Dario foi o primeiro; nada. Seu irmão, Yakob; nada. Meu irmão disse que não queria olhar. No segundo dia, Dario “pôs o ovo de ouro”. Meu primo Yakob e eu, também. Meu irmão não conseguiu. Veio nos dizer quatro dias depois que, enfim, pusera também “o ovo de ouro”.

Quanto tempo ficaram naquela prisão de Haïdari?

Sete ou oito dias. De início, estava furioso por ter sido preso daquela maneira, sem tentar fugir. Depois, com o tempo, foi preciso aceitar. Com meu irmão e os primos, ficávamos pensando o que teríamos podido fazer, o que deveríamos ter feito.

Havia, conosco, muitas pessoas que tinham vindo de outras regiões da Grécia, de vilarejos com no máximo dez judeus. Tinham sido presos e enviados a Atenas, como, mais tarde, alguns judeus de Corfu e de Rodes. Na verdade, uma vez que Salônica tinha sido esvaziada, todos os judeus presos passavam por Atenas. Tornara-se o local de trânsito.

Lembra-se do dia em que foi deportado?

Foi no final de março ou talvez em 1º de abril. Tínhamos sido presos no dia do feriado nacional grego, 25 de março, e ficamos uma semana na prisão. Sei que o trem chegou a Auschwitz em 11 de abril e acho que a viagem durou 11 dias. Deve ter sido, então, em 1º de abril.⁹

Naquele dia, os alemães nos mandaram sair para o pátio. Estava cheio de gente. Disseram que tentássemos encontrar familiares nossos e nos mantivéssemos em grupos, pois, quando chegássemos ao destino, nos distribuiriam casas de acordo com o tamanho das famílias. Procurando, encontrei minha mãe e minhas três irmãs. Meus primos também encontraram os seus pais, o irmão caçula Samy e a mulher de Yakob. O fato de estarmos juntos nos tranquilizava. Tentávamos nos convencer de que os alemães diziam a verdade e que teríamos a tal casa. Certamente nos fariam trabalhar duro, mas pelo menos estaríamos juntos. Era o principal.

Minha mãe contou que no mesmo dia em que tínhamos sido presos, meu irmão e eu, os alemães cercaram a escola e recolheram todos que encontraram lá dentro. Minha irmã mais nova, Marica, estava com uma senhora não judia que morava perto da escola; ela limpava a casa em troca de comida e moradia. Mas quando soube que os alemães iam deportar a família, correu para se juntar à minha mãe. Muitas vezes pensei que, se não tivesse sabido o que estava acontecendo, certamente teria permanecido com a tal família e poderia ter sido salva. Mas não foi como as coisas se passaram e, infelizmente, também foi deportada.

Os alemães foram espertos nos agrupando em famílias. Sozinho, a ideia de fugir é mais tentadora. Mas como aceitar abandonar os pais ou os filhos...? Alguns, no entanto, conseguiram fugir, quase por acaso. No caminho entre a prisão e a estação de carga, os caminhões que nos transportavam seguiam em fila. Um guarda alemão ficava sentado ao lado do motorista e vigiava os passageiros do caminhão da frente. Um desses caminhões enguiçou e, assim, o que o precedia ficou sem ninguém vigiando atrás. Cinco ou seis rapazes saltaram e fugiram, mas os alemães rapidamente retomaram o controle da situação.

Finalmente chegamos à plataforma de embarque, onde os vagões de transporte de animais nos esperavam. Fomos brutalmente empurrados para dentro. No interior, nada havia, apenas as tábuas do chão, um latão grande e vazio no meio, e um outro, menor, com água. Num canto, vi três caixas de uvas secas e cenouras. O espaço era muito limitado, e, assim que todo mundo entrou no vagão, vimos que seria impossível nos deitar e que, no máximo, conseguiríamos nos sentar durante a viagem. Eu imediatamente me coloquei num canto, perto da janela.

Os operários começavam a chegar às proximidades da estação para trabalhar e, por isso, os alemães tinham pressa, para não chamar muita atenção. Olhando pela janela, vi um oficial SS se irritando com pessoas que pareciam ser da Cruz Vermelha. Achei que estavam ali porque queriam nos libertar. Na verdade, queriam simplesmente distribuir alimentos para a viagem. Ao meu ver, eles sabiam qual era o nosso destino final, pois não teriam se incomodado se o trajeto fosse pequeno, mesmo naquelas condições. Enfim entraram em acordo e o oficial SS aceitou que os caminhões da Cruz Vermelha seguissem o trem até que ele parasse, fora da cidade. Da janela, eu podia ver os caminhões nos seguindo, à distância. O trem parou numa área deserta para que os funcionários da Cruz Vermelha distribuíssem pacotes com alimentos e cobertores.

Como eram as janelas do vagão? Tinham arame farpado?

Havia quatro pequenas janelas. No meu vagão elas não tinham arame farpado, mas vi que em outros, sim. Tratava--se, certamente, do primeiro comboio partindo de Atenas, e nem todos os vagões haviam sido “adaptados”. Chegando a Viena, finalmente colocaram arame farpado no nosso vagão.

Tornou-se ainda mais opressor, sufocante e humilhante. Até ali, eu tinha ficado com a cabeça do lado de fora durante quase toda a viagem, para ter ar fresco e ver o que se passava. Foi o que me permitiu também, no início, conseguir um número maior de pacotes. O pessoal da Cruz Vermelha tinha tentado distribuir a maior quantidade possível, e o importante era conseguir pegar. Eu recebia os pacotes e os cobertores e os passava adiante, para meu irmão e meu primo, que abriam espaço no vagão. Depois de alguns minutos, o oficial urrou: “*Fertig!*” (Acabou!) e ordenou aos agentes da Cruz Vermelha que se fossem. Assim que se afastaram, os soldados percorreram os vagões para saber quantos pacotes cada um tinha recebido. Pude ver o alemão perguntar a alguém, no vagão à nossa frente, quantos ele tinha. O rapaz respondeu ter recebido oito e o alemão, então, mandou que entregasse quatro. Não havia como eles entrarem nos vagões para verificar, levaria tempo demais, precisávamos apenas afirmar algo em que pudessem acreditar. Quando o alemão parou à minha frente e perguntou quantos eu tinha recebido, respondi também que tinha oito. Como esperado, ele ordenou que lhe jogasse quatro. Na verdade, havia recebido 38 pacotes e vários cobertores. Em cada pacote havia pão árabe de trigo, leite em pó, chocolate, cigarros e outras coisas úteis para se ter durante toda a viagem. É claro, dividimos tudo com as demais pessoas do vagão. Pelo menos tivemos o suficiente para comer e sobreviver nos 11 dias que durou a viagem de trem.

Quantas pessoas havia dentro do vagão?

Devíamos ser de 70 a 80 pessoas. Dentre os deportados do vagão, eu conhecia alguns que tinham sido evacuados de Salônica ao mesmo tempo que a minha família.

De Atenas, o trem devia passar por Salônica, porque era um entroncamento ferroviário importante, no Norte. O trem parou nas proximidades da estação para o reabastecimento de carvão e água. Me aproximei da lucarna para ver se, quem sabe, não havia alguém conhecido. Os soldados alemães estavam postados a cada dez metros ao longo do trem. O destino assim quis que o ferroviário que verificava os trilhos fosse um rapaz que eu conhecia. Chamava-se Gyorgos Kaloudis, era cinco ou seis anos mais velho que eu e fora meu vizinho quando éramos crianças. Seu pai era um comunista notório que trabalhava na ferrovia. Tinha sido preso pelos alemães assim que eles chegaram a Salônica. Gyorgos assumira o lugar do pai na estrada de ferro. Seu trabalho

consistia em controlar os freios para que não se bloqueassem nas rodas e em reajustá-los com um martelo comprido. Ao me ver, pareceu muito surpreso e se aproximou discretamente, fingindo trabalhar no meu vagão. Sem chamar a atenção dos alemães, disse em grego: “Como foi isso? Também está aqui! Tente escapar de qualquer jeito, porque lá para onde os estão levando, matam todo mundo!” Me avisou também que estávamos indo para a Polônia. Não pude perguntar mais nada, pois os alemães nos vigiavam.

Quando o trem partiu, contei logo a meu irmão e aos primos o que Gyorgos acabara de me dizer. Tínhamos levado dois dias para ir de Atenas a Salônica. Por mais dois, ainda estaríamos em território grego. Até ali, ingenuamente achávamos que os resistentes gregos atacariam o trem, no meio do caminho, para nos soltar e impedir as deportações. Tinham nos prometido isso, na época em que estávamos com eles. Mas o comentário de Gyorgos me fizera entender que nada se devia esperar e que tínhamos que tentar escapar por conta própria. Mas isso significava deixar para trás nossa família... Enquanto estivéssemos em território grego, a fuga seria menos arriscada, pois não teríamos muita dificuldade para encontrar refúgio com os camponeses. Teriam nos ajudado como resistentes, sem saber que éramos judeus. Já em território iugoslavo, as coisas se tornariam mais difíceis. Resolvemos, então, tentar fugir naquela noite mesmo.

Estávamos magros o bastante para passar pela janela e saltar do trem em movimento. Era bem arriscado, pois os alemães montavam guarda a partir de torres que tinham sido construídas sobre alguns vagões. Eu havia notado que, em cada três vagões, um era ocupado pela SS. Mas estávamos determinados. Meu irmão seria o primeiro a saltar e depois eu. Em seguida, caminharíamos para encontrar os primos que, sucessivamente, também saltariam. Meu irmão nem teve tempo de pôr uma perna para fora e todas as pessoas do vagão acordaram e começaram a gritar e chorar. Tinham certeza de que morreríamos e que eles próprios seriam mortos por nos terem deixado fugir. O pai de Dario, Milton, repetia sem parar: “Eles sabem quantos somos, quando o trem chegar e virem que estão faltando, vão matar todo mundo.” Na verdade, isso nada mudou: todos foram mortos. Mas quem podia saber? Vendo-os chorar, vendo minha mãe e minhas irmãs aterrorizadas e nervosas, nos convencemos de que não era justo deixá-las sozinhas e tentar escapar. Se não nos tivessem percebido, talvez tivéssemos conseguido fugir e nos salvar. Contudo, tentamos mais uma

vez, na noite seguinte. Mas Milton não dormia e vigiava para evitar que fizessemos aquilo. Fomos de novo impedidos. E, finalmente, saímos do território grego. Atravessamos a Iugoslávia e depois a Áustria. Em Viena, com o arame farpado, perdemos por completo toda esperança de liberdade.

Pôde falar com a sua mãe durante o trajeto?

Não, não podia nem me aproximar, pois não tínhamos como nos mover. Para se ter alguma privacidade, um cobertor foi estendido separando os homens das mulheres. Um segundo cobertor foi utilizado para isolar o latão que servia para as necessidades. Mal podíamos nos deslocar. De qualquer maneira, não se falava muito. Todos seguiam mergulhados em seus próprios pensamentos, atordoados pela desgraça que se abatia. Não havia muito a conversar com os outros, pois estávamos todos na mesma situação. Estávamos ali, destruídos, e era só isso. A ideia da fuga, de ter deixado passar aquela oportunidade, provavelmente única... Todos sentiam que nada de bom ia nos acontecer. Mas acho que é normal querer manter alguma esperança. Por isso não disse a meus companheiros o que ouvira da boca do meu amigo de infância.

No fundo, acreditava mais em Gyorgos ou nos alemães que diziam que iriam trabalhar no Leste?

Nos dois. Por um lado, queria me convencer de que Gyorgos apenas transmitira boatos e era absurdo que os alemães fizessem tudo aquilo apenas para nos matar ao chegarmos. Ninguém poderia acreditar, mas a história mostrou que Gyorgos tinha razão. Naquela época, os alemães já tinham empreendido a construção da rampa que devia levar os trens até o interior do campo. Foi em abril de 1944, e eles não se preocupavam mais com o fato de que os ferroviários não alemães pudessem ver o interior do campo. Eu suponho que foi assim que o Gyorgos soube do que se passava em Auschwitz.

O trem parou em outros lugares?

Parou ainda em território grego para esvaziarmos o latão em que fazíamos nossas necessidades. No final de dois dias, ele já transbordava, mas foi preciso esperar essa parada para que nos autorizassem a esvaziá-lo. E foi a única vez,

aliás. Os soldados se colocaram a cerca de 15 metros, para se assegurar de que ninguém tentasse fugir. Quando as portas do vagão foram abertas, eu desci com outros três rapazes carregando o latão cheio de excrementos. Quisemos esvaziá-lo perto do trem mesmo, mas o soldado mandou que fôssemos um pouco mais adiante. Sair do vagão em que estávamos trancados havia dias, respirar o ar fresco e ver a luz do dia naquele espaço aberto causou um efeito estranho. Foi mais difícil ainda voltar ao vagão. A porta ficou aberta por uns 15 minutos, mas de forma alguma bastou para renovar o ar. Foi preciso voltar àquele fedor, uma pesada mistura de detritos, de excrementos e de suor humano.

Depois, o trem atravessou a Iugoslávia e a Áustria. Em certo momento em que novamente parou para se reabastecer de carvão, vi passar um homem de uniforme que estava desarmado. Não sabia se era um militar austríaco ou um ferroviário. Ele me fez sinal e disse: “*Komm raus!*” (Saia!). Mas não tive confiança, não sabia se queria me ajudar ou denunciar. Ele ganharia uma medalha se me prendesse dizendo que eu tentara fugir. Nada fiz e o trem continuou seu caminho.

Lembra-se de ter visto outras pessoas fora do trem ao atravessar as localidades?

Sim, de vez em quando. Em Brno, o trem parou mais uma vez. Lembro desse lugar por ter me espantado com o nome da cidade. Suplicávamos aos alemães que nos dessem um pouco d'água. Em vez disso, um bêbado parou diante do meu vagão e nos fez sinais bem claros com a mão, dizendo que todos íamos ser mortos, enforcados. Estava completamente embriagado, mas vê-lo fazer aqueles gestos me deixou com tanta raiva que lhe cuspi no rosto, quando se aproximou do meu vagão. Um soldado alemão acabou por escorraçá-lo, brutalmente. Voltando a pensar nisso, não sei se ele estava zombando ou se simplesmente tentava nos avisar... De Brno, levamos ainda dois dias até chegarmos à *Judenrampe*¹⁰ de Auschwitz-Birkenau.

Houve quem morresse no seu vagão?

Não, ninguém morreu no meu vagão. Mas não foi o caso em outros vagões, de forma alguma. No esquema alemão, se as pessoas morressem no caminho, isso era bom, pois já chegavam mortas. Viajar naquelas condições, durante 11

dias... No meu vagão, tivemos o suficiente para comer nos primeiros dias, graças aos pacotes da Cruz Vermelha, mas as reservas chegavam ao fim e ninguém sabia quando chegaríamos. As pessoas começaram a se preocupar seriamente e a se agitar. Nós, mais jovens, tentávamos acalmá--las para evitar que uma onda de pânico geral tornasse as coisas ainda mais difíceis naqueles últimos dias no trem.

³ Movimento da juventude fascista.

⁴ Cerimônia judaica para meninos, ao chegarem à maioridade religiosa (13 anos de idade).

⁵ Para maiores detalhes sobre a situação da Grécia e da Itália durante a guerra, ver a nota histórica da p. 227.

⁶ Entre março de 1943 e agosto de 1944, 22 comboios de deportados saíram da Grécia para Auschwitz (mais de 55 mil pessoas). Dezenove comboios partiram de Salônica, dois de Atenas e um de Rodes. Um comboio de judeus de Salônica teve como destino o campo de extermínio de Treblinka, na primavera de 1943.

⁷ Guelfo Zamboni salvou quase 280 pessoas, fornecendo-lhes documentos falsos. O Instituto Yad Vashem, em Israel, lhe concedeu, em 1992, o título e a medalha “Justo entre as Nações”.

⁸ Resistente, em grego. O movimento grego de Resistência se chamava EAM (Frente Nacional de Libertação).

⁹ Shlomo Venezia foi deportado no primeiro comboio que partiu de Atenas, chegando a Auschwitz-Birkenau em 11 de abril de 1944. Pelas indicações do Museu de Auschwitz, o comboio trazia 2.500 judeus, mas outras fontes indicam um número superior.

¹⁰ Primeira rampa de chegada e de seleção dos comboios de judeus deportados entre março de 1942 e maio de 1944, antes da construção da grande rampa que ia até o interior do campo. A *Judenrampe* se situa a meio caminho entre o campo de Auschwitz I e Birkenau. Ver a nota histórica para maiores informações, na p. 193.

CAPÍTULO II

O primeiro mês em Auschwitz-Birkenau

O trem nunca apitava ao parar, durante todo o trajeto. Então, quando ouvi aquele apito tão particular e senti o trem frear de repente, imediatamente entendi que o comboio tinha enfim chegado a seu destino. As portas se abriram para a *Judenrampe*, bem em frente ao armazém das batatas. Minha primeira sensação foi de alívio. Não sabia por mais quanto tempo conseguiria sobreviver naquele trem, sem ter mais o que comer, sem espaço, sem ar e sem qualquer comodidade.

Assim que o trem parou, os SS abriram as portas do vagão e se puseram a vociferar: “*Alle runter! Alle runter!*” (Desçam todos!) Vimos homens de uniforme apontando metralhadoras e pastores alemães latindo para nós. Todos estávamos desorientados e parvos, por causa da viagem, e aqueles repentinos urros ferozes, a barulheira infernal, nos desestabilizavam e impediam que compreendêssemos o que estava acontecendo. Eu estava perto da porta e fui, então, um dos primeiros a sair. Quis esperar ao lado do trem, para ajudar minha mãe a descer. Era preciso pular, pois o vagão era alto e o terreno, inclinado. Ela não era tão velha, mas eu sabia que a viagem a teria castigado duramente e queria dar um apoio. Enquanto esperava, um alemão se aproximou por detrás e me deu duas pancadas fortes na nuca, com um cassetete. Tive a impressão de que me tinha aberto o crânio, de tão violentos que foram os golpes. Levei as duas mãos à cabeça para, instintivamente, me proteger. Vendo que ele se preparava para bater ainda mais, fui correndo me juntar aos outros na fila. Eles espancavam as pessoas assim que chegavam; para relaxar da tensão, por crueldade e também para que elas perdessem as referências e obedecessem por medo, sem criar dificuldades. Foi o que fiz e quando me virei, tentando localizar minha mãe, ela não estava mais ali. Eu nunca mais a revi. E nem minhas duas irmãs menores, Marica e Marta...

Como se passou a seleção?

Logo na descida do trem, os alemães, com chicotes e pancadas, formaram duas filas, enviando as mulheres e as crianças para um lado e os homens, sem

qualquer distinção, para o outro. Com um gesto de mão, nos indicavam: “*Männer hier und Frauen hier!*” (Os homens por aqui e as mulheres por lá!) Avançávamos como autômatos, respondendo aos gritos e às ordens.

A qual distância ficaram das mulheres? Ainda podiam vê-las?

No início, sim, mas rapidamente a multidão se tornou tão densa e, ao mesmo tempo, tão estruturada que me vi, em pouco tempo, cercado unicamente por homens. De todos os homens que se encontravam no trem, sobraram apenas 320, após a seleção.¹¹

Tudo se passou relativamente rápido. Como eu disse, não se tinha tempo para pensar. Em situações assim a gente se sente desorientado, fora do mundo. Os alemães nos cercaram com metralhadoras e cães. Ninguém podia sair da fila. Ouvi dizer que alguns ainda puderam receber a bênção de seu pai ou de sua mãe. Fico feliz por eles. Infelizmente, nem todos tiveram essa sorte.

E você, conseguiu ao menos ficar junto de seus primos?

Sim, permanecemos juntos. O pai deles e os outros, eu não vi mais.

Puseram-nos imediatamente em fila, diante de um oficial alemão. Um outro oficial chegou logo depois. Não sei se era o famoso dr. Mengele; é possível, mas não tenho certeza. O oficial mal olhava para nós e fazia um gesto com o polegar, indicando “*Links, rechts!*” (Esquerda, direita!), e, de acordo com a direção que nos apontava, devíamos seguir para um lado ou para o outro.

Notou alguma diferença entre as pessoas que iam para a direita e as que eram mandadas para a esquerda?

Não, nada notei: havia jovens e velhos em ambos os lados. A única coisa significativa era o desequilíbrio evidente entre o número de pessoas dos dois lados. Fui enviado para o grupo em que havia menos gente. No final, éramos apenas 320 homens. Todos os outros partiram, sem saber, para o lado da morte imediata, nas câmaras de gás de Birkenau. Meu irmão e meus primos também ficaram no lado bom comigo. Nosso grupo foi enviado, a pé, para Auschwitz I.¹²

Quanto tempo acha que durou todo esse processo, desde a chegada até o final da seleção?

Creio que durou cerca de duas horas. E por que acho isso? Porque ainda era dia quando desembarcamos na *Judenrampe* e os prisioneiros já não trabalhavam mais quando meu grupo chegou a Auschwitz. Percorremos a pé os três quilômetros que separam a *Judenrampe* do campo de Auschwitz I, enquanto os outros partiram, sem desconfiar, em direção às câmaras de gás de Birkenau.

Lembro que antes de passar por baixo do portão principal de Auschwitz I, com a inscrição “*Arbeit macht frei*” (O trabalho liberta), notei um cartaz junto ao arame farpado, onde se lia: “*Vorsicht Hochspannung Lebensgefahr*”, isto é: “Cuidado com a corrente elétrica, perigo de morte.”

Uma vez lá dentro, imediatamente à esquerda havia o pavilhão 24, que, como soubemos depois, servia de bordel para os soldados e para alguns privilegiados não judeus. Viam-se nas janelas belas mulheres que riam. Pelo que me disseram depois, não eram judias. Ingenuamente pensei que, se havia um bordel, se tratava efetivamente de um local onde as pessoas trabalhavam.

Estavam cercados e guardados por SS quando entraram?

Sim, ao todo devia haver uma dezena de soldados; um a cada dez metros ao longo da nossa coluna. Acompanharam-nos até a entrada, mas, uma vez lá dentro, nos passaram para os SS que já estavam no interior do campo. Entrando, vimos, de longe, prisioneiros que tentavam se aproximar de nós para saber de onde vínhamos e se por acaso tínhamos notícia das suas famílias. De repente, ouvi uma voz chamar: “Shlomo, Shlomo!” Olhando na direção dos prisioneiros, vi o noivo de minha irmã Raquel, Aarão Mano, que tentava chamar minha atenção. Queria saber se Raquel também tinha sido presa. Respondi que, infelizmente, tinha sido deportada conosco, mas que eu não sabia o que lhe acontecera depois.

Os alemães, finalmente, ordenaram que nos puséssemos em filas de cinco, em um pequeno espaço entre dois pavilhões, em frente às cozinhas. Dois alemães, com uma câmera, nos aguardavam ali. Disseram a um dos prisioneiros que tinha sido deportado conosco que se aproximasse para que o filmassem. Lembro-me bem da pessoa, pois tinha o mesmo sobrenome que eu, Venezia, Baruch Venezia, mas não era da minha família. Era um sujeito bem grande,

com o nariz adunco e o rosto típico dos judeus meridionais. Estava com uma expressão contraída e cansada da viagem. A barba por fazer e seu ar derrotado o tornavam ainda mais miserável. Ouvi um dos alemães dizer ao outro que o filmasse, pois tinha o perfeito perfil judaico. O filme, certamente, era utilizado para a propaganda nazista e seria exibido em cinemas, dando uma imagem ruim dos judeus. Naquele momento, compreendi que estávamos em um lugar onde o pior nos esperava. Senti sobretudo raiva, fúria por ter caído tão baixo, sendo tratado e humilhado de tal maneira. Nunca teria imaginado que aquilo fosse possível. Tinha medo também, é claro, tínhamos medo o tempo todo, fizessemos o que fosse, pois o pior podia acontecer a qualquer momento.

O que ocorreu quando os puseram em fila?

Devíamos esperar que um oficial viesse nos dar instruções. Permanecemos imóveis por muito tempo. Antes da chegada do oficial, um intérprete grego de Salônica, que eu conhecia, veio nos prevenir que o alemão nos faria certas perguntas. Nos aconselhou a responder sem pensar e afirmar estarmos com boa saúde, sem piolhos e prontos para trabalhar.

Aquele homem se chamava Salvatore Cunio. Ele mancava e alguém assim certamente já teria sido enviado para a morte, se não falasse fluentemente alemão. De fato, rapidamente compreendi que, no campo, o domínio de línguas estrangeiras era uma vantagem muitas vezes vital. Cunio era casado com uma alemã não judia; tinha sido deportado com o filho, Bubbi (Hans era seu verdadeiro nome), que também fora poupado.

Quando o oficial enfim chegou, já era noite. Fez as perguntas esperadas e respondemos como nos tinha indicado o intérprete. Em seguida, o oficial deu a ordem: “*Alle nach Birkenau!*” (Todos para Birkenau!) Demos, então, meia-volta em direção a Birkenau. Estava escuro, havia uma espessa neblina e enxergávamos apenas algumas luzes a distância. Já devia ser 22h quando chegamos a Birkenau.

Entramos pela torre central por onde, mais tarde, começaram a passar os trens. Porém, na época da nossa chegada, o prolongamento dos trilhos até o interior do campo, prevendo a deportação maciça dos judeus húngaros, ainda estava em construção. Os comboios continuavam chegando à *Judenrampe*, a algumas centenas de metros da entrada de Birkenau. Já dentro do campo, não sei se seguimos reto, passando diante dos Crematórios II e III,¹³ para dar a

grande volta por trás, ou se passamos pela Lagerstrasse.¹⁴ Através da neblina, eu só conseguia distinguir algumas pequenas luzes de um lado e de outro da rua, iluminando os barracões. Na época, eu não sabia ainda o que aqueles prédios guardavam e, sendo assim, não prestei muita atenção.

Finalmente entramos na *Zentralsauna*,¹⁵ uma grande estrutura de tijolos que servia para desinfetar os homens e as roupas. A primeira coisa a fazer era se despir completamente. Os problema dos famosos “ovos de ouro” se colocou novamente. Meu irmão, meus primos e eu, então, engolimos as moedas pela segunda vez.

No fundo da primeira sala, havia dois médicos SS usando aventais brancos. Eles nos olhavam passar, nus, à sua frente. De vez em quando, faziam um sinal a um de nós, para que se pusesse em um canto. Desse modo, “puseram no canto” umas 15 ou 18 pessoas. Entre elas estava um primo do meu pai. Ele sempre tivera uma aparência de pessoa doente e frágil. Eu quis saber para onde seriam levados e fiz a pergunta a um grego de Salônica que trabalhava na *Zentralsauna*. Respondeu, certamente para não me preocupar, que aquelas pessoas precisavam de cuidados especiais e, então, seriam “tratadas”. Nada mais perguntei, mesmo sem entender bem o que ele realmente havia dito. Na verdade, era uma segunda pequena seleção à qual fomos submetidos, sem saber. Mas era uma seleção superficial, bastava ter as nádegas um pouco flácidas para ser condenado à morte.

Os que não foram postos de lado continuaram e passaram adiante. Na sala seguinte, “barbeiros” estavam alinhados para nos raspar a cabeça, o tronco e o corpo inteiro. Não tendo instrumentos adequados e nem espuma, arrancavam nossa pele a ponto de fazê-la sangrar. A próxima sala era a do banho. Era uma peça grande com canos e chuveiros sobre nossas cabeças. Um alemão bem jovem se encarregava das torneiras de água quente e de água fria. Para se divertir às nossas custas, alternava bruscamente água escaldante e gelada. Assim que a água ficava muito quente, a gente se afastava para não se queimar e ele berrava como um animal, distribuindo pancadas e nos obrigando a voltar para baixo da água fervendo.

Tudo se passava de maneira muito organizada, como se fôssemos produtos numa esteira de fábrica. À medida que avançávamos, outros assumiam nossos lugares. Ainda completamente nu e molhado, segui a corrente até a sala de tatuagem. Havia uma mesa comprida, com vários prisioneiros encarregados de

nos tatuar o número de matrícula no braço. Usavam para isso uma espécie de caneta com uma ponta que furava a pele e fazia penetrar a tinta sob a epiderme. Uns pontinhos eram feitos até que o número aparecesse no braço. Era extremamente doloroso. Quando, enfim, o homem que me tatuava largou o meu braço, eu imediatamente esfreguei o antebraço com a mão, para atenuar a dor. Quando olhei para ver o que fora feito, nada pude distinguir através da mistura de sangue e tinta. Fiquei com medo, achando que tinha apagado o número. Com um pouco de saliva, limpei o braço e vi reaparecer o número que tinha sido corretamente “injetado”: 182727, minha matrícula.

Depois disso, devíamos esperar as roupas que seriam distribuídas. Os novos prisioneiros havia muito tempo não recebiam mais os uniformes listrados. Em vez disso, recebíamos roupas desinfetadas, deixadas por prisioneiros anteriores. A distribuição era feita sem qualquer preocupação com os tamanhos certos das roupas. Vinham um paletó, uma calça, uma cueca, meias e sapatos. Era comum as roupas estarem gastas e com furos. Muitos não conseguiam entrar em suas calças, outros tinham recebido um par grande demais. Ninguém se atrevia a ir pedir um outro tamanho a quem nos distribuía as coisas. Podiam perfeitamente nos bater por isso, apesar de também serem prisioneiros. Tentávamos, então, nos acertar entre nós mesmos, fazendo trocas. Mas era preciso ter sorte, sobretudo com os sapatos, para que não estivessem com furos na sola. Pessoalmente não me saí mal, apesar de ficar com coisas um tanto quanto grandes.

Como fui um dos primeiros a ficar pronto e ainda havia muitos atrás de mim, procurei um dos prisioneiros que nos tinham raspado os pelos. Propus ajudar um pouco, em troca de um pedaço de pão. O prisioneiro responsável pela equipe de trabalho aceitou e me deu uma pequena máquina de raspar cabelos. Eu sabia usá-la, pois meu pai tinha uma pequena barbearia ao lado da casa de café turco do meu avô. Depois da morte do meu pai, para ganhar um pouco de dinheiro, eu tinha o hábito de ir aos domingos ao quarteirão pobre de Baron-Hirsch e oferecer meus serviços às pessoas que não tinham como pagar um corte de verdade. Por exemplos como esse, digo frequentemente que as pessoas que sofreram na infância e tiveram de aprender a se virar sozinhas tiveram mais chances do que as mais privilegiadas para sobreviver e se adaptar no campo. Para sobreviver no campo, era preciso saber coisas úteis, e não filosofia. Naquele dia, isso me fez ganhar um pedaço de pão.

Não procurou saber o que havia acontecido com sua mãe e suas irmãs?

Sim, claro. Não parava de pensar em minha mãe. Ouvi alguém falando ladino, nosso dialeto judeo-espanhol, e me aproximei para perguntar se sabia para onde tinham sido enviadas. Ele me respondeu gentilmente que não me preocupasse, que eu saberia no dia seguinte, e, enquanto isso, era melhor não fazer mais essas perguntas. Mas essa resposta não me satisfez e me aproximei de um prisioneiro que falava ídiche, e perguntei em alemão: “*Wo sind meine Mutter und meine Schwestern?*” (Onde estão minha mãe e minhas irmãs?) Ele não me respondeu e se limitou a me pegar pelo braço e me levar até a janela. Ali, apontou com o dedo a chaminé do Crematório. Olhei, incrédulo, o que ele mostrava e compreendi que me dizia em ídiche: “Todos que não vieram com você já estão se libertando desse lugar.” Olhei para ele, cético, sem realmente acreditar. Nada mais dissemos. Não posso dizer que aquilo tenha me causado um grande efeito. Era tão inconcebível que pudessem ter nos trazido até ali para nos queimar na chegada; eu simplesmente achei que ele quisera me assustar, como se faz com os novatos. Então, resolvi esperar o dia seguinte para ver por mim mesmo. Entretanto, ele tinha toda razão.

Como voltou a encontrar seu irmão e seus primos?

Depois de ter recebido as roupas, ouvi alguém me chamar: “Shlomo? Onde você está?” Era meu irmão me procurando; reconheci sua voz, mas não conseguia vê-lo. Na verdade, estava bem perto de mim, mas não reconhecemos um ao outro. Não tínhamos mais cabelos e as roupas não cabiam em nós. Foi um momento bem triste, talvez até um dos mais tristes. Ver o estado a que fomos reduzidos... Mas não chorei. Mesmo quando soube a respeito da minha mãe... A torneira das lágrimas se bloqueara e eu não chorava mais, apesar da tristeza e da dor.

Quando, finalmente, os alemães nos mandaram sair da *Sauna*, nos conduziram a um barracão bem em frente. Estava completamente vazio; não havia camas e nem qualquer outra coisa no chão. Deixaram-nos todos lá dentro até o dia seguinte, pois, naquela hora, era proibido ir e vir dentro do campo. Permanecemos ali, sem poder dormir e nem deitar; como animais. Vários rapazes religiosos começaram a rezar em um canto. Eles, é claro, não tinham conseguido conservar seus livros, mas conheciam as orações de cor. Na

manhã seguinte, às 9h, os guardas alemães vieram nos buscar para nos levar ao setor BIIa, o da quarentena do campo dos homens.¹⁶

Indicaram-nos um barracão, quase no meio da quarentena, e disseram que entrássemos. O *Blockältester*,¹⁷ um polonês não judeu que se revelou particularmente violento, nos esperava. Mandou que nos metêssemos cinco em cada “colchão”. Juntamo-nos eu, meu irmão, meus primos e um amigo de Salônica. Por volta das 11h30, a sopa foi distribuída. Era a primeira vez que recebíamos o que comer desde os pacotes da Cruz Vermelha. Mas para receber a sopa era preciso ter uma tigela e o maldito sujeito não julgou necessário nos dizer onde obtê-las. O que podíamos fazer? Quem não tivesse uma tigela não recebia a sopa e era brutalmente afastado. Ninguém se preocupava com o fato de não comermos há vários dias.

Somente à noite pudemos, enfim, engolir alguma coisa. Distribuíram uma fatia de pão preto com um pedaço de margarina (às vezes, em vez da margarina, recebia-se um pedaço do que chamavam *Blutwurst*, uma espécie de linguiça). Engoli tudo de uma só vez, sem sequer mastigar, de tanta fome que tinha.

Na manhã do dia seguinte distribuíram chá. Quer dizer, não sei se podemos chamar aquela água infecta de água, chá, infusão de tília ou sei lá o quê, mas pelo menos era quente. De qualquer jeito, como continuávamos sem as tigelas, ficamos sem nada, mais uma vez. Alguém, enfim, indicou um lugar atrás da quarentena, onde pude encontrar as tigelas. Em que estado estavam! Sujas, enferrujadas, jogadas ao chão. Mas não tinha importância, a única coisa que contava era poder se alimentar o mínimo para sobreviver até o dia seguinte. Era preciso encontrar uma maneira de sempre ter sua tigela consigo; fazia-se um buraco na madeira para pendurá-la na cintura, da maneira que fosse possível. Era essencial tê-la consigo, para não correr o risco de ser roubada.

O que faziam durante o dia?

Nada em particular. Na quarentena, os prisioneiros tinham o direito de se deslocar no interior do setor. Podíamos até falar com os outros prisioneiros, não era como no Sonderkommando, onde estávamos formalmente proibidos de falar com quem quer que fosse. Os prisioneiros em quarentena praticamente não trabalhavam. Teoricamente, podíamos ir conversar com quem quiséssemos. Só que a barreira das línguas e a falta de vontade de contar o

próprio sofrimento às pessoas que passavam pela mesma coisa nos levavam a nos fechar em nós mesmos e nos refugiar no silêncio.

Como se passava a chamada?

Era feita todos os dias, de manhã e à noite. Acordavam-nos de manhã bem cedo para fazer a chamada. Todo mundo do lado de fora, sob gritos e pancadas para nos fazer sair o mais rápido possível. Os últimos eram sistematicamente punidos e recebiam pancadas suplementares. E sempre havia, obrigatoriamente, quem saísse por último, pois não podíamos sair todos ao mesmo tempo. Todo mundo, então, se precipitava para sair entre os primeiros, para evitar alguns golpes. A chamada podia durar horas, durante as quais era preciso se manter de pé, imóvel. Depois disso, como estávamos ainda na quarentena e não nos *kommandos* de trabalho, ficávamos encarregados de retirar as ervas daninhas, fazer um pouco de faxina, mas nada em especial. Víamos os prisioneiros nos outros setores do campo saindo para trabalhar.

Como eram os barracões, na quarentena?

Os barracões tinham duas entradas; uma na frente, a entrada principal, e outra atrás. Entrando, havia dois quartinhos à direita e à esquerda e depois os “colchões”. No centro tinha o aquecedor, mas nunca serviu para grandes coisas, uma vez que nunca o vi aceso durante as três semanas que passei na quarentena. Mesmo que fosse aceso, não tínhamos qualquer combustível para colocar e fazê-lo funcionar. O *Blockältester* tinha seu próprio sistema para se aquecer e se preocupava muito pouco em saber se passávamos frio.

E os “colchões”?

Não sei se realmente podemos chamar aquilo de “colchões”... estávamos repartidos em três níveis, com pelo menos cinco pessoas em cada “colchão”. Pessoalmente, não tive muito problema para manter fixo o meu lugar, durante a quarentena.

No início, não sabíamos quais lugares eram melhores. Logo me dei conta de que os lugares do alto ficavam perto demais das janelas. Ora, as janelas em Birkenau frequentemente estavam quebradas, e, no inverno, deixavam passar um vento glacial. Mas os colchões de baixo tampouco eram ideais. Recebia-se

na cabeça coisas bem pouco apetitosas quando os prisioneiros não podiam se levantar para ir às latrinas. Quando havia alguma disputa a respeito dos lugares, o kapo intervinha violentamente para resolver o problema.

O kapo responsável pelo meu barracão era um verdadeiro lixo. Era polonês. No que me diz respeito, exceto no Sonderkommando, em que todos os prisioneiros, ou quase todos, eram judeus, assim como o kapo, eu nunca vi kapos judeus; nem em Auschwitz nem em qualquer outro campo pelo qual passei depois. É possível que tenha havido, mas nunca vi senão alemães, poloneses e até franceses, nenhum judeu.

O kapo, em geral, coordenava as equipes de trabalho. Às vezes o kapo também era chamado de *Blockältester*, quer dizer, o responsável pela ordem no barracão. Se não fosse capaz de fazer o trabalho progredir, ele batia, e se não batesse ou não o fizesse forte o suficiente, os alemães o matavam e outro era designado para o posto. Mas alguns kapos gostavam de poder, eles próprios, matar prisioneiros sob as suas ordens. Os SS muitas vezes escolhiam criminosos alemães, que imediatamente se achavam os mestres do mundo. Deviam estar trancados em uma cela de presídio e, em vez disso, se viam em posição superior, com relação a nós. Dessa maneira, os alemães não precisavam ter guardas por toda parte. Apoiavam-se naqueles homens violentos para manter a disciplina no campo. Se não fossem suficientemente violentos, corriam o risco de perder suas regalias. Por isso tínhamos medo deles.

Lembra-se de alguns nomes?

Não, infelizmente esqueci, pois não prestava atenção em nomes. Se soubesse que um dia sairia daquele inferno, teria anotado todos os nomes, datas, detalhes. Mas lá, não se sabia sequer em que dia estávamos.

O que eu tinha na quarentena era de fato um *Blockältester*. Era um sujeito particularmente brutal. Tinha o seu quarto na entrada do barracão. Em frente, um outro pequeno cômodo servia de depósito ou de quarto para o *Pipel*. O *Pipel* era algum menino, geralmente por volta dos 12 anos, que o *Blockältester* mantinha sempre por perto. Era o faz-tudo do *Blockältester*, devendo obedecer a todas as suas ordens e cumprir seus desejos. Engraxava seus sapatos, limpava o barracão, fazia a sua cama e devia também se sujeitar a desejos doentios, quando o kapo assim exigia. O rapazote sabia que, se fosse mandado embora, teria morte certa, então não tinha outra escolha senão obedecer. Em troca,

tinha um pouco mais para comer do que os outros. Para o *Blockältester* bastava dar um pouco menos a algum prisioneiro para dar mais a quem gozasse de suas boas graças.

Eu quase tive problemas com ele, uma vez. Foi com relação aos nossos famosos “ovos de ouro”. Não tinha sido fácil recuperá-los após a *Zentralsauna*, pois na quarentena os barracões das latrinas eram, na verdade, um longo banco de pedra furado. Teria sido impossível reaver o que fosse ali dentro. Foi preciso, então, encontrar um lugar longe dos olhares. Fazíamos nossas necessidades em revezamento, enquanto os outros vigiavam. Um dia, o kapo me convocou e exigiu que lhe desse minhas moedas de ouro, “*die goldene Geld*”, como as chamou. Fingi não entender do que estava falando. Mas ele insistiu: “*Fünf goldene Geld!*” (As cinco moedas de ouro!) Se sabia o número exato das moedas era porque alguém certamente lhe dissera; não teria inventado isso do nada. Eu inclusive descobri, depois, quem nos traiu. Enquanto isso, o kapo avisou que eu tinha 24 horas para trazer as moedas. Procurei meu irmão e primos e contei o ocorrido. Eles acharam que eu as devia entregar, sendo inútil correr o risco de ser morto e ainda perder o dinheiro. Fui vê-lo, então, mas dizendo que tinha apenas três das cinco. Ele respondeu, muito irritado: “*Nein! Fünf!*” Minha vida estava em suas mãos, eu não tinha escolha e então fui buscar as duas últimas moedas. Em troca, ele pelo menos prometeu uma dupla ração de sopa e de pão, durante uma semana. Teve o que queria e, efetivamente, nos dois primeiros dias me deu mesmo uma ração dobrada. Mas no terceiro dia...

Com o dinheiro, ele conseguiu que lhe trouxessem salsicha e vodca. Organizou para si mesmo uma pequena festa e ficou bem bêbado. À noite, já estávamos todos deitados e ele começou a berrar: “*Auf die Tür!*”; queria que alguém abrisse a porta do seu quarto. Escolheu alguém ao acaso, deu-lhe uns pontapés sem motivo algum e mandou-o abrir a porta. O pobre sujeito foi, sem saber o que o esperava. No momento em que empunhou a maçaneta, recebeu uma forte descarga elétrica. O *Blockältester* começou a rir, pois o nosso sofrimento era a sua principal distração, sobretudo quando estava bêbado. Escolheu um outro prisioneiro para continuar se divertindo. O pobre coitado, sabendo o que o esperava, mas não tendo escolha, levantou-se. Empunhou a maçaneta e abriu a porta normalmente, sem que nada acontecesse. O polonês se irritou, vendo que sua brincadeira não estava mais funcionando. Mandou que abrisse novamente a porta. Voltou a abrir, a fechar, e nada. O *Blockältester*

levou um tempo para perceber que os tamancos de madeira que o prisioneiro usava o isolavam da terra. Ordenou que tirasse os tamancos e abrisse de novo a porta. É claro, ao tocar na maçaneta, recebeu o choque elétrico, e isso mais uma vez divertiu o nosso carrasco. Ele já estava escolhendo uma nova vítima quando a porta do barracão foi aberta e entrou um SS, furioso. O horário para ter luzes acesas já tinha acabado e ele viera ver por que a ordem não estava sendo respeitada. Pôs-se imediatamente a vociferar. O outro tentou explicar, dizendo que era seu aniversário. Convidou o alemão a participar daquilo que as minhas moedas de ouro tinham comprado. O alemão se aproximou, abriu a porta e também recebeu o choque elétrico. Furioso, bateu com toda força no *Blockältester*. Como se atrevia a tal tipo de brincadeira com um alemão? Despejou-lhe pancadas. No dia seguinte, aquele *Blockältester* desapareceu e ninguém nunca mais o viu. O inconveniente, para mim, foi ter perdido os três dias de ração dobrada que ele me devia. Foi como terminou a história dos “ovos de ouro”.

Passei por outro episódio marcante, ainda no período da quarentena. Foi apenas alguns dias após a nossa chegada. Um kapo nos procurou e disse que, se quiséssemos fazer um trabalho suplementar, nos daria uma dupla ração de sopa. Todos quisemos ir, pois a fome era maior do que tudo. Fui incluído entre as dez pessoas escolhidas para executar o trabalho em questão. Nem meu irmão e nem meus primos, entretanto, faziam parte do grupo. O kapo nos fez pegar uma carroça, como as usadas para transportar feno. Só que para puxar a carroça éramos nós que estávamos no lugar dos cavalos. Fomos até um barracão na ponta do setor de quarentena. Tinha o nome de *Leichenkeller*: quarto dos cadáveres. Ao abirmos a porta, um cheiro atroz nos apertou a garganta, era o fedor de cadáveres em decomposição.

Nunca tinha passado diante daquele barracão antes e foi como soube que servia de depósito dos detentos mortos na quarentena. Um pequeno grupo de prisioneiros passava toda manhã nos barracões, retirando os cadáveres dos prisioneiros mortos durante a noite. Eram deixados naquele lugar até serem levados ao Crematório para serem incinerados. Os cadáveres podiam ficar ali, apodrecendo, durante 15 ou 20 dias. Os que estavam mais por baixo se encontravam já num estado de decomposição avançado, por causa do calor.

Se soubesse que o trabalho “suplementar” consistia em tirar aqueles cadáveres para levá-los até o Crematório, teria preferido morrer de fome, em

vez de fazer isto. Mas quando percebi, já era tarde. Devia haver de cem a 120 corpos na sala. Precisamos fazer três idas e vindas para transportá-los nas carroças.

Chegando ao portão do Crematório III, o kapo devia tocar a campainha para que os homens do Sonderkommando viessem buscar a carroça de cadáveres. Fora eles, prisioneiro algum podia entrar e sair vivo do Crematório. Eles próprios, então, esvaziavam a carroça antes de nos devolvê-la.

Pôde perceber alguma coisa? O pátio interno, o prédio?

Não, naquele dia nada vi do Crematório. Eles mal abriram o portão. Vimos apenas o homem que abriu o portão e pegou a carroça com outros três prisioneiros, também vindos lá de dentro. Eu ouvira dizer que quem trabalhava no Crematório tinha a possibilidade de ter colheres a mais e outras coisas úteis no campo. Então, ao voltar na segunda viagem, perguntei discretamente ao sujeito que abriu o portão se não podia me dar uma colher. Ele respondeu: “*Nicht jetzt, später!*” (Agora não, mais tarde!) E na terceira vez que vim, ele de fato me deu duas colheres. Dei uma a meu irmão, mas nós as partilhávamos com nossos primos. Era muito útil para raspar bem a tigela e não perder uma caloria vital da comida que nos era distribuída. Comer com uma colher dava a impressão de ter mais comida.

Felizmente não tivemos mais que fazer aquele trabalho terrível. No dia seguinte, na hora da sopa, o kapo nos serviu, como prometido, uma ração dobrada.

O que sabia do lugar para onde os cadáveres eram levados?

Eu sabia que era o Crematório. Naquele momento, já sabia o que isso queria dizer. Na quarentena, via-se constantemente a fumaça sair da chaminé e era impossível escapar do odor acre da carne queimada se espalhando pelo campo inteiro. Soube logo que era o lugar onde os mortos eram incinerados, mas somente ao trabalhar lá foi que soube que era, também, o lugar onde as pessoas eram mortas em massa, a gás, quando chegavam.

Como foi selecionado para entrar no Sonderkommando?

Tínhamos passado três semanas na quarentena quando, um dia, vimos chegar uns oficiais alemães. Quase não se viam alemães na quarentena; em geral eram os kapos os encarregados de manter a ordem. Os oficiais vieram até a frente do nosso barracão e mandaram que o kapo nos agrupasse em filas, como para a chamada. Cada um teve que dizer qual trabalho sabia fazer. Mesmo sem profissão alguma, todos sabiam que era preciso mentir. Quando chegou a minha vez, disse que era cabeleireiro. Leon Cohen, um amigo grego que estava o tempo todo conosco, disse que era dentista, quando, na verdade, trabalhava em um banco. Achou que o colocariam num consultório dentário para fazer limpeza e, pelo menos, ficaria num ambiente aquecido. Quanto a mim, achei que me enviariam para junto dos prisioneiros que trabalhavam na *Zentralsauna*. Tinha visto que o serviço não era muito difícil e que dava para se manter aquecido. Porém, na realidade, as coisas não aconteciam de forma alguma como nós achávamos. O alemão escolheu oitenta pessoas, dentre as quais eu, meu irmão e meus primos.

Na manhã seguinte, por volta das 9h, partimos em fileiras para o setor BIIId (*Lager d*).¹⁸ Era o setor masculino de Birkenau. A primeira impressão que tive, entrando no *Lager d*, foi muito violenta. Nosso grupo passou primeiro pelo barracão dos SS, situado na entrada de cada setor, para registrar quem entra e quem sai do campo. Passado o barracão, do lado direito, logo vi um tanque cheio d'água. Meus olhos se ergueram até uma forca postada num ângulo do tanque. Aquela imagem me marcou muito, pensei: “Que bela hospitalidade nos reservaram!”

O *Lager d* era composto de duas fileiras de barracões. Os dois primeiros, maiores que os demais, serviam como cozinhas. No meio de todos aqueles barracões estava o do Sonderkommando.¹⁹ Entrando, vi um prisioneiro sozinho que parecia estar lá apenas nos esperando. Não sei por quê, veio na minha direção e me perguntou em tom amigável: “*Retst yiddish?*” (Fala iídiche?) Eu nunca tinha ouvido iídiche na Grécia, mas, desde que estava no campo, precisara me adaptar e, graças ao pouco de alemão que tinha aprendido, fazendo mercado negro com os soldados, conseguia falar “iídiche, iádiche, iódiche”. Enfim, conseguíamos nos entender! Perguntou de onde eu vinha e se estava com fome. Entre a prisão em Atenas, a viagem de 11 dias, as três semanas em quarentena, já fazia bem um mês e meio que eu apertava o cinto, a ponto de quase não poder respirar. É claro que estava com fome! Eu

conheço a fome desde sempre, mas ali se tornara uma obsessão, uma doença. Ele foi procurar algo para eu comer e voltou com um pedaço grande de pão branco e geleia. O pedaço era grande o bastante para que eu repartisse com meu irmão e os primos. Para nós, era como comer caviar; um luxo inimaginável naquele inferno. Perguntou se eu sabia qual trabalho teria de fazer. Respondi que não importava. Para mim, o principal era poder comer para sobreviver. Respondeu que, quanto a isto, não haveria problema, tendo sempre o bastante para comer. Fiquei um tanto perplexo: como seria possível que naquele lugar houvesse “o bastante” para comer? Explicou que além da comida que se recebia normalmente, haveria outras coisas. Mas não disse o quê e nem como. Depois perguntou se eu sabia o nome do *kommando* ao qual fôramos designados. Como não tinha a menor ideia, ele me disse que estávamos no “Sonderkommando”.

— E o que quer dizer Sonderkommando?

— Comando especial.

— Especial? Por quê?

— Porque se deve trabalhar no Crematório... lá onde as pessoas são incineradas.

Para mim, todo trabalho era igual, eu já tinha me habituado à vida no campo. Em momento algum ele me disse que os cadáveres a se incinerarem eram de pessoas que tinham chegado ainda vivas ao Crematório...

Contou que todas as pessoas que faziam parte do Sonderkommando eram regularmente “selecionadas” e “transferidas” para algum outro lugar. Isso acontecia mais ou menos a cada três meses. Na hora, não entendi que as palavras “seleção” e “transferência” eram eufemismos que significavam, na realidade, “eliminação”. Mas não tardei a compreender que havíamos sido integrados ao Sonderkommando para substituir os antigos prisioneiros que tinham sido “selecionados” e mortos.²⁰

Aquele homem se chamava Avraham Dragon. Na verdade, só soube o seu nome ao encontrá-lo, sessenta anos mais tarde, em Israel. Contei a ele essa história com a vaga esperança de que pudesse ser a pessoa que tinha me recebido de forma tão humana e que eu nunca mais voltara a ver. Ele sorriu emocionado, dizendo também não ter esquecido o jovem grego esfomeado que aterrissara no Sonderkommando.

¹¹ Os arquivos do museu de Auschwitz-Birkenau indicam que, após a seleção, dos 2.500 judeus deportados ao mesmo tempo que Shlomo, 320 homens deram entrada no campo, com números de matrícula indo de 182440 a 182759, e 328 mulheres, registradas com números indo de 76856 a 77183. Todos os demais foram imediatamente enviados à morte nas câmaras de gás.

¹² A quase totalidade dos judeus selecionados na chegada para o trabalho forçado era enviada para o campo de Birkenau. Às vezes alguns eram imediatamente mandados para o campo de Auschwitz I ou o de Monowitz. É provável que o grupo de Shlomo Venezia tenha sido de início escolhido para trabalhar em Auschwitz I, mas que, após algumas horas, o serviço do trabalho no campo tenha resolvido transferi-lo para Birkenau.

¹³ Em Auschwitz-Birkenau, o termo “Crematório” (*Krematorium* em alemão) designava a estrutura que abrigava, ao mesmo tempo, a sala para se despir, a (ou as) câmara(s) de gás e os fornos crematórios. Havia quatro dessas estruturas em Birkenau, além do primeiro Crematório, situado em Auschwitz I. Os Crematórios II e III tinham sido construídos um diante do outro, assim como os Crematórios IV e V, que também se espelhavam. Eles começaram a funcionar entre a primavera e o verão de 1943. Ver a nota histórica, para maiores informações, na p. 203.

¹⁴ Rua principal, atravessando o campo de um lado a outro (ver o mapa, no caderno central).

¹⁵ Todos os prisioneiros que davam entrada no campo deviam passar por um processo de desinfecção e de matrícula. Até o final de 1943, isso acontecia em dois edifícios situados nos setores BIa (para mulheres) e BIb (para homens) de Birkenau. A partir de dezembro de 1943, o novo edifício da *Zentralsauna* serviu como principal ponto para a desinfecção e registro dos prisioneiros, tanto homens quanto mulheres.

¹⁶ O campo da quarentena dos homens (*Quarantänelager für Männer*) era o único setor do campo constituído por uma única fileira de barracões. Os nazistas instituíram a “quarentena” para todos os prisioneiros integrados ao campo, para evitar a introdução de doenças infecciosas. No caso de tais epidemias serem assinaladas, os médicos SS resolviam o problema enviando para a câmara de gás todos os prisioneiros do barracão contaminado.

¹⁷ Literalmente, “o veterano do pavilhão”. O termo era geralmente utilizado para designar o responsável pela ordem no interior dos barracões. O termo *Kapo* designava em geral o responsável por um *Kommando* de trabalho.

¹⁸ Ver nota histórica, p. 193.

¹⁹ O barracão do Sonderkommando era o bloco 11 do campo masculino (BIId). Junto com o barracão 13 (da *Strafkompanie*, a companhia punitiva), tendo entre os dois o das latrinas, o barracão do Sonderkommando ficava isolado dos demais.

²⁰ Em 20 de fevereiro de 1944, duzentos membros do Sonderkommando tinham sido enviados para o campo de Lublin-Majdanek para serem eliminados.

CAPÍTULO III

Sonderkommando

O barracão do Sonderkommando era semelhante a todos os outros, exceto por uma cerca de arame farpado e um muro de tijolos que nos isolava dos demais barracões do campo masculino. Não podíamos nos comunicar com os outros prisioneiros. Mas não permanecemos ali muito tempo, pois no final de uma semana, mais ou menos, fomos transferidos para o dormitório do próprio Crematório. Somente mais para o final, quando os Crematórios foram desmontados, os homens do Sonderkommando voltaram a dormir no barracão do campo masculino.

No primeiro dia, nos enviaram ao Crematório, mas fomos deixados no pátio, sem entrar no prédio. Naquela época era chamado Crematório I, pois não sabíamos da existência do primeiro crematório, que se encontrava em Auschwitz I.²¹ Havia três degraus que levavam ao interior do edifício, mas o kapo nos fez dar a volta, em vez de entrar. Um homem do Sonderkommando veio nos dizer o que devíamos fazer: arrancar as ervas e limpar o terreno. O que fazíamos não era tão útil, mas suponho que os alemães quisessem nos manter disponíveis, para a eventualidade de trabalharmos no Crematório. No dia seguinte, voltamos a fazer a mesma coisa.

Minha curiosidade natural me levou a me aproximar do prédio para tentar ver pela janela o que havia lá dentro. Tínhamos sido formalmente proibidos, mas, passo a passo, me aproximei da janela. Ao chegar perto o bastante para dar uma olhada, fiquei completamente paralisado com o que vi. Havia corpos jogados aos montes, uns por cima dos outros. Eram cadáveres de pessoas ainda jovens. Voltei para perto dos meus companheiros e contei o que tinha visto. Eles, por sua vez, foram discretamente olhar sem que o kapo percebesse. Voltavam com uma expressão de derrota, incrédulos. Não ousávamos imaginar o que poderia ter acontecido. Somente mais tarde compreendi que os cadáveres eram o “excedente” de um comboio anterior. Não puderam ser cremados antes da chegada do novo comboio e tinham sido deixados ali para abrir espaço na câmara de gás.

Por volta das 14h, o kapo nos fez descer à sala em que as pessoas se despiam. Roupas de todo tipo cobriam o chão. Nos mandaram fazer pequenos pacotes, usando os paletós ou as camisas para enrolar as roupas. Depois devíamos subir com os pacotes e os deixar do lado de fora em frente à escada. Imagino que um caminhão tenha vindo, em seguida, buscar e levar os pacotes aos barracões do Kanada.²²

Por volta das 17h, o kapo novamente ordenou que nos agrupássemos. Parecia evidente que, àquela hora, “agruparmo-nos” significava o fim daquele desagradável dia de trabalho. Porém, infelizmente, não foi o caso. Saímos do Crematório, mas em vez de virarmos à direita em direção ao barracão, nos mandaram seguir pela esquerda, por um bosque de bétulas. Na Grécia, eu nunca tinha visto aquele tipo de árvore, mas em Birkenau era só o que havia ao redor do campo. Andando pela trilha, nada se ouvia senão o barulho do vento soprando por entre as folhas prateadas. De repente, murmúrios às nossas costas começaram a se aproximar. De início, os ruídos eram muito leves e distantes. Chegamos diante de uma casinha que se chamava, como soube mais tarde, Bunker 2, ou ainda “casa branca”. Foi naquele momento que os murmúrios de vozes humanas se tornaram mais intensos.

Poderia descrever Bunker 2, tal como viu?

Era uma fazendola com telhado de palha. Nos mandaram ficar junto a uma lateral da casa, perto do caminho que passava em frente. De onde estávamos, em teoria, nada podíamos ver de um lado nem de outro. A noite caía, os murmúrios tinham se tornado um barulho distinto de pessoas vindo em nossa direção. Sempre um tanto curioso, me aproximei para tentar ver o que estava acontecendo. Vi famílias inteiras esperando em frente à casa: homens jovens, mulheres e crianças. Deviam ser por volta de duzentas ou trezentas pessoas, ao todo. Não sei de onde vinham, imagino que deportados de algum gueto polonês. Mais tarde, tendo entendido o funcionamento do mecanismo de matança, deduzi que aquelas pessoas tinham sido enviadas ao Bunker 2 porque os outros Crematórios estavam cheios. Por isso, precisaram de mão de obra suplementar para o trabalho sujo.

As pessoas se despiram em frente à porta ou dentro de um barracão?

As pessoas eram obrigadas a se despir ali mesmo, em frente à porta. As crianças choravam. O medo e a aflição eram palpáveis, todos se sentiam realmente desamparados. Os alemães provavelmente disseram que se lavariam e depois receberiam comida. Mesmo que compreendessem a verdade, não podiam fazer grandes coisas e seriam executadas ali mesmo se tentassem.

Os alemães não tinham mais respeito algum pela pessoa humana, mas sabiam que mantendo as famílias juntas evitavam atos desesperados.

Finalmente, todos foram forçados a entrar na casa. A porta se fechou. Quando todos estavam lá dentro, chegou um caminhão pequeno, com o símbolo da Cruz Vermelha nas laterais. Um alemão bem grande saiu do caminhão e se aproximou de uma pequena abertura em uma das paredes da casa, bem distante do chão. Para alcançá-la precisou subir uma escadinha. Pegou uma caixa, abriu e despejou o conteúdo pela pequena abertura. Depois fechou a pequena abertura e foi embora. Os gritos e os choros, que não haviam parado, duplicaram por uns instantes. Tudo durou uns dez ou 12 minutos e depois houve um completo silêncio.

Quanto a nós, ordenaram que nos dirigíssemos aos fundos da casa. Já tinha notado, quando chegamos, uma claridade estranha que vinha daquela direção. Ao nos aproximarmos, percebi que a luz era a de uma grande fogueira dentro de uma fossa, a cerca de 20 metros dali.

Você se lembra do que pensou ao ver tudo aquilo?

É difícil se dar conta hoje em dia, mas não se pensava em nada; não podíamos trocar sequer uma palavra entre nós. Não que fosse proibido, mas porque estávamos aterrorizados. Nos tornamos autômatos, obedecendo às ordens e tentando não pensar, para poder sobreviver por mais algumas horas. Birkenau era um verdadeiro inferno, ninguém pode compreender e nem entrar na lógica daquele campo. É por isso que quero contar, contar o quanto puder, mas me fiando exclusivamente em minhas lembranças, naquilo que tenho certeza de ter visto e em nada mais.

Os alemães, então, nos mandaram para o outro lado da casa, onde se encontravam as fossas. Ordenaram que retirássemos os corpos da câmara de gás e os deixássemos diante das fossas. Eu não entrei na câmara de gás, fiquei indo e vindo entre o Bunker 2 e as fossas. Outros homens do Sonderkommando, mais experientes, foram encarregados de dispor os corpos dentro das fossas de

maneira que o fogo não se apagasse. Se os corpos ficassem apertados demais, o ar não passava e o fogo podia se apagar ou perder a intensidade. Isso teria enfurecido os kapos e os alemães que nos vigiavam. As fossas ficavam em um plano inclinado, de forma que ao queimar, os corpos soltavam gordura humana que escorria ao longo da fossa até um ângulo, onde uma espécie de bacia fora colocada para a recolher. Quando o fogo ameaçava apagar, os homens deviam pegar um pouco daquela gordura na bacia e jogar nas chamas, para reavivá-lo. Só vi esse tipo de coisa nas fossas do Bunker 2.

Após duas horas desse trabalho particularmente penoso, ouvimos o ronco de uma motocicleta se aproximando. Os veteranos murmuraram com terror: “*Malahamoves!*” Foi lá que tivemos o encontro macabro com o “Anjo da morte”. Com essa palavra iídiche os detentos qualificavam o terrível SS Moll.²³ Bastava um olhar seu para que todos começassem a tremer. Não foi preciso muito tempo para que descobríssemos sua crueldade e o prazer sádico que tinha em nos maltratar. Antes mesmo de colocar um pé no chão, já berrava como um animal furioso: “*Arbeit!*” (Ao trabalho, porcos — *schweine* — judeus!) O ritmo evidentemente se acelerou com a sua chegada. Ao se dar conta de que éramos dois e carregávamos um só corpo, se irritou e urrou: “*Nein! Nur eine Person für einen Toten!*” (Uma pessoa para cada morto!) Já não era fácil para duas pessoas carregar um cadáver sobre terra lamacenta onde os pés se afundavam, sozinho, então! Não sei como fiz para aguentar, estava no meu limite.

Em determinado momento vi um dos homens que carregava um cadáver parar e assim ficar, imóvel. Devia ser um pouco mais velho do que eu, com no máximo 25 anos de idade. Todos que passavam por ele, entre o Bunker e as fossas, diziam para se mexer, antes que Moll percebesse. Mas ele não respondia a ninguém, permaneceu ali, daquele jeito, imóvel, fixando o infinito. Quando Moll se deu conta, se aproximou, aos berros: “*Du verfluchter Jude!* Você, judeu maldito! Por que não trabalha, seu cachorro judeu? Mexa-se!” E começou a dar fortes chicotadas. Mas o homem continuou imóvel, como se nada mais o pudesse atingir; sequer tentava se proteger das chibatadas. A meu ver, ele tinha perdido completamente o juízo, e seu espírito não estava mais nesse mundo. Parecia não sentir mais dor nem medo. O alemão, furioso com a ofensa e a falta de reação aos golpes, sacou da cintura uma pistola. Enquanto isso, continuávamos indo e vindo. Vimos quando ele atirou, apontando para o

homem a poucos metros de distância. Como se a bala não o tivesse atingido, o homem continuou de pé, imóvel. Como podia não ter caído morto, depois daquele tiro fatal? Não sabíamos em que pensar. O alemão, ainda mais nervoso, deu um segundo tiro com a mesma pistola. Ainda assim, nada; as balas, os estampidos, o medo, nada parecia o atingir. Achamos que se tratava de um milagre, mas um milagre que não podia durar eternamente. Eu estava, por acaso, perto de Moll quando o vi guardar a pistola e pegar outra, de maior calibre. Deu um tiro e o pobre homem caiu morto. Tive a má sorte de estar perto do corpo naquele momento. Estava vindo da fossa, de mãos vazias, indo buscar mais um cadáver. Moll fez um sinal para mim: “*Du! Komm her!*” (Você! Venha aqui!) Mandou que eu pegasse o cadáver com um outro detento e o levasse para junto das fossas. Mal demos alguns passos, ele começou a gritar, como se tivesse lembrado de alguma coisa: “*Halt!!! Ausziehen!*” As roupas pertenciam ao III Reich e não podiam ser queimadas com o morto, pois serviriam a outros prisioneiros. Ordenou que o despíssemos. Despir um morto ainda quente, um homem que nós conhecíamos... Mas é claro, não havia escolha, a menos que quisesse ter o mesmo fim que o pobre homem. Não sabíamos mais em que pensar; estávamos fora do mundo, já no inferno. Quando seu corpo foi lançado na fossa, vimos o braseiro se agitar, como quando se coloca mais um pedaço de lenha em uma lareira, e depois o fogo ganha mais força, subitamente, para melhor tragar o corpo. Até então, eu me proibira de pensar em tudo que estava acontecendo, devia fazer o que mandavam como um autômato, sem refletir. Mas vendo o corpo queimar, achei que os mortos talvez tivessem mais sorte do que os vivos; não eram mais obrigados a passar por aquele inferno na terra, a assistir à crueldade humana.

O trabalho continuou nesse ritmo até a manhã do dia seguinte. Trabalhamos sem parar por praticamente 24 horas, até que autorizassem a volta aos nossos barracões. Entretanto, apesar do extremo cansaço, não consegui dormir. As imagens não paravam de me atormentar, e a ideia de ter de voltar àquele lugar me deixava nervoso. De tarde, um kapo veio dizer que quem tinha trabalhado na noite anterior no Bunker 2 não precisava voltar naquela noite. Tênuo conforto...

O recesso não durou. Já no dia seguinte, tivemos de ir trabalhar. Fui enviado com um pequeno grupo de umas 15 pessoas ao Crematório III. Como tinha dito que era cabeleireiro, o *Oberkapo*²⁴ que nos recebeu no Crematório

colocou em minhas mãos um par de tesouras bem compridas, como as que os alfaiates usam para cortar tecido. Depois nos conduziu à sala em que devíamos trabalhar. Os veteranos nos explicaram bem sucintamente o que tínhamos de fazer.

O contato com os mortos foi imediato. Os deportados de um comboio precedente acabavam de ser mortos pelo gás e o pessoal do Sonderkommando já estava retirando os cadáveres da câmara. Eles eram deixados em uma espécie de átrio, para em seguida serem levados aos fornos crematórios. Era nesse local que eu devia cortar os cabelos dos mortos. Éramos uns três ou quatro a fazer isso. Dois “dentistas” passavam em seguida, para extrair dentes de ouro das vítimas, que eram guardados em uma caixinha especial, da qual ninguém podia se aproximar. Um deles era o meu amigo Leon Cohen, que dissera ser dentista. Deram a ele um alicate de dentista e um espelhinho, para que olhasse o interior das bocas. Lembro que quando entendeu o que teria de fazer, quase desmaiou. No início, com os primeiros cadáveres, ele fazia tudo muito rápido, abria a boca e arrancava os dentes de ouro. Mas com o passar do tempo foi ficando mais difícil, pois os cadáveres enrijecem e ele precisava forçar para abrir os maxilares.

O que viu da câmara de gás, quando chegou?

Eu não estava entre aqueles que retiravam os cadáveres da câmara de gás. Mais tarde, eu viria a fazer isso muitas vezes. Os que haviam sido designados para a tarefa começaram tirando os cadáveres com as mãos, que em poucos minutos ficavam sujas e escorregadias. Para evitar tocar o corpo diretamente, passaram a utilizar um pedaço de pano, mas é claro, o tecido, por sua vez, também ficava rapidamente sujo e molhado. Foi preciso improvisar. Alguns tentaram arrastar os corpos usando um cinto, mas, na verdade, isso tornava o trabalho ainda mais cansativo, uma vez que era preciso abrir e fechar o cinto. Finalmente, o mais simples foi usar uma bengala para puxar os corpos pela nuca. Isso está bem ilustrado em um dos desenhos de David Olère.²⁵ O que não faltava eram bengalas, dada a quantidade de idosos que eram enviados à morte. Isso pelo menos permitia que não puxassem os cadáveres com as mãos. E para nós fazia uma enorme diferença. Nem tanto por serem cadáveres, isso também... mas aquela morte podia ter sido tudo, menos uma morte suave. Era uma morte imunda, suja. Uma morte forçada, difícil e diferente para todos.

Eu nunca havia contado isso até agora; é tão pesado e triste que tenho dificuldade em falar dessas visões da câmara de gás. Havia pessoas com os olhos saltados das órbitas, dado o enorme esforço feito pelo organismo. Outras sangravam por toda parte, ou estavam sujas de excrementos, seus ou dos outros. Sob o efeito do medo e do gás no organismo, as vítimas evacuavam, muitas vezes tudo que tinham dentro do corpo. Alguns corpos estavam completamente vermelhos, outros muito pálidos; cada um reagia de um modo diferente. Mas todos sofreram até a morte. É bem comum pensar que o gás era lançado e pronto, as pessoas morriam. Mas de que morte!... Nós as encontrávamos umas agarradas às outras, cada uma tendo procurado desesperadamente um pouco de ar. O gás jogado no chão liberava ácido a partir de baixo e todo mundo procurava por ar, mesmo que para isso as pessoas precisassem trepar umas nas outras, até que a última morresse. Particularmente, não posso ter certeza, imagino que muitas pessoas morriam antes mesmo de o gás ser jogado. Ficavam de tal forma agarradas umas às outras que os menores, os mais fracos, seriam inevitavelmente sufocados. Em um certo momento, sob uma pressão assim, em semelhante aflição, a gente se revela egoísta e só procura por uma coisa: se salvar. Era esse o efeito do gás. A imagem que se via ao abrir a porta era atroz, não se pode ter ideia do que era aquilo.

Nos primeiros dias, apesar da fome que me torturava, eu mal conseguia tocar o pedaço de pão que recebia. O cheiro persistia nas mãos e eu me sentia sujo por aquela morte. Com o tempo, pouco a pouco, foi preciso se habituar a tudo aquilo. Tornou-se algo como uma rotina sobre a qual não se devia mais pensar.

Pode descrever em detalhes o procedimento seguido para a chegada de um novo comboio?

Cada vez que um novo comboio chegava, as pessoas entravam pelo grande portão do Crematório e eram conduzidas até a escada subterrânea, que levava à sala em que se despiam. Eram tantos que a gente via a fila se estender como uma longa serpente. Enquanto os primeiros entravam, os últimos ainda estavam uma centena de metros atrás. Após a seleção na rampa, as mulheres, as crianças e os idosos eram os primeiros a serem enviados. Depois vinham os homens. Na sala de se despirm havia ao longo do muro ganchos numerados para pendurar as roupas, assim como tábuas de madeira nas quais as pessoas podiam

se sentar para se despir. Para melhor enganá-las, os alemães diziam que guardassem bem o número, para que pudessem encontrar seus pertences com mais facilidade ao voltar do banho. Mais tarde acrescentaram o aviso de amarrarem os sapatos em par pelos cadarços. Na verdade, era para facilitar a triagem quando as coisas chegassem ao *Kanadakommando*. Tais instruções geralmente eram dadas pelo SS que estivesse de guarda, mas acontecia de alguém do Sonderkommando que eventualmente falasse a língua dos deportados transmitir as instruções. Para tranquilizar as pessoas e garantir que fizessem tudo o mais rápido possível e sem muitas histórias, os alemães prometiam uma refeição logo após a “desinfecção”. Muitas mulheres se apressavam para serem as primeiras a chegar e acabar o mais rápido possível com tudo aquilo. Ainda mais porque as crianças, aterrorizadas, permaneciam agarradas às mães. Para elas, mais ainda que para os demais, tudo devia parecer estranho, inquietante, escuro e frio.

Uma vez despidas, as mulheres entravam na câmara de gás e esperavam, achando estar na sala de banho, com o chuveiro acima da cabeça. Não podiam imaginar onde, na realidade, se encontravam. Acontecia de alguma delas, insegura e vendo que a água não vinha, procurar um dos dois alemães que estavam postados junto à porta. Então eram imediatamente espancadas e obrigadas a voltar ao seu lugar; a vontade de fazer perguntas passava.

Depois, enfim, era a vez de os homens também serem empurrados para a câmara de gás. Os alemães achavam que, fazendo entrar por último uns trinta homens fortes na sala já lotada, eles conseguiriam com sua força empurrar os que já estavam lá. De fato, massacrados com os golpes que recebiam como se fossem animais, não tinham outra alternativa senão a de empurrar, para evitar apanhar mais. Por isso acredito que muitos morressem ou já agonizassem mesmo antes da introdução do gás. O alemão encarregado do controle de todo esse processo muitas vezes tinha prazer em fazer as pessoas sofrerem um pouco mais antes da morte. À espera da chegada do SS que introduziria o gás, ele se divertia acendendo e apagando a luz para assustá-las ainda mais. Quando a luz se apagava, se ouvia um barulho diferente vindo da câmara; as pessoas pareciam sufocar de aflição, compreendiam que iam morrer. Depois ele acendia a luz e se ouvia uma espécie de suspiro de alívio, como se achassem que a operação tivesse sido anulada.

Finalmente o alemão que trazia o gás chegava. Ele chamava dois prisioneiros do Sonderkommando para retirar o tampo externo, no alto da câmara de gás, e introduzia o Zyklon B pela abertura. A tampa era de cimento, muito pesada. O alemão de forma alguma se daria ao trabalho de erguê-la, e dois de nós precisavam juntar forças para conseguir. Às vezes eu, às vezes outros. Eu nunca, até agora, havia falado disso, pois é difícil admitir que devíamos erguer e depois colocar de volta a tampa, com o gás tendo sido lançado. Mas aconteceu assim.

O SS usava máscara de gás?

Não, nunca vi alemão algum usando, nem para jogar o gás e nem para abrir a porta. Sei que muitos dizem que eles usavam. Talvez fosse o caso em outros Crematórios, mas não no meu, em todo caso. E não havia necessidade, pois era uma operação muito rápida. Era preciso abrir, jogar e fechar. O alemão apenas jogava o gás, pois sequer abria ou fechava a tampa.

Uma vez lançado o gás, as coisas duravam dez ou 12 minutos e, finalmente, não se ouvia mais barulho algum, nenhuma viva alma. Um alemão verificava se estavam todos bem mortos, olhando pela janelinha de vidro da pesada porta (pelo lado de dentro era protegida por barras de ferro, para evitar que as vítimas tentassem quebrá-la). Tendo certeza de que todos estavam realmente mortos, abria a porta e logo ia embora, colocando a ventilação para funcionar. Durante 20 minutos ouvia-se um ronco forte, como o de uma máquina aspirando o ar. Depois, podíamos enfim começar a extrair os cadáveres da câmara de gás. Um terrível cheiro acre invadia a sala. Não se podia distinguir o que era o odor específico do gás e o que vinha das pessoas e dos dejetos humanos.

O que você devia fazer, especificamente?

Me deram tesouras com as quais eu devia cortar os cabelos das mulheres. Só se cortavam os cabelos mais compridos, sem se importar com os homens. Sobretudo as tranças mais longas eram interessantes, mais fáceis de cortar e de transportar. Eu precisava usar as duas mãos para manejar aquelas tesouras grandes. Depois eu juntava os cabelos e os enfiava em um grande saco. Regularmente vinha um caminhão buscar os sacos de cabelos separados e os levava para um local na cidade onde eram estocados.

Depois de termos cortado os cabelos e retirado os dentes de ouro, duas pessoas vinham buscar os corpos e os colocavam no monta-cargas que os subia ao andar térreo do prédio, para os fornos crematórios. Todo o restante, a sala para se despir e a câmara de gás, ficava no subsolo. De acordo com o tamanho — se eram grandes ou pequenas, gordas ou magras —, de sete a dez pessoas eram colocadas no monta-cargas. No andar de cima, duas pessoas retiravam os corpos e mandavam de volta o elevador. O monta-cargas não tinha porta, a parede fechava um dos lados e, chegando no alto, os cadáveres eram descarregados pelo outro. Os corpos depois eram puxados e dispostos diante dos fornos, de dois em dois.

Diante de cada abertura, três homens trabalhavam enforçando os cadáveres. Os corpos eram colocados sobre uma espécie de maca em posições invertidas, cabeça de um nos pés do outro. Dois homens, um em cada ponta da maca, a erguiam com o apoio de um pedaço comprido de pau sob a maca. O terceiro prisioneiro, diante do forno, segurava os cabos que o ajudavam a enforçar a maca. Ele devia fazer os corpos escorregarem e retirar a maca rapidamente, antes que o ferro ficasse quente demais. O pessoal do Sonderkommando tinha o hábito de jogar água na maca antes de colocar os corpos, para que não colassem no ferro escaldante. Nesse caso o trabalho se tornava mais difícil, pois deviam retirar os corpos com um forcado e pedaços de pele ficavam grudados. Quando isso acontecia, todo o processo demorava mais e os alemães podiam nos acusar de sabotagem. Era preciso, então, rapidez e habilidade.

Nos desenhos de David Olère, vê-se uma canaleta d'água diante dos fornos...

Servia, sobretudo, para transportar com mais facilidade os corpos no trajeto entre o monta-cargas e os fornos. A gente jogava água nessa valeta e os corpos escorregavam sem muito esforço. Não era como no Bunker 2, onde nossos pés e os corpos se atolavam na lama. Para tirar os corpos da câmara de gás não era preciso jogar água no chão, que já estava bastante molhado com todo tipo de coisa. Realmente de tudo: sangue, excrementos, urina, vômito, tudo... às vezes a gente escorregava naquilo.

Eu disse que em geral cortava os cabelos, mas algumas vezes trabalhei na câmara de gás, para que algum amigo que estivesse exausto pudesse descansar um pouco. Meu trabalho era um pouco menos difícil e eu aceitava trocar por algum tempo, enquanto ele se recuperava ou tomava um pouco de ar fresco. O

pior era sobretudo o início, quando era preciso tirar os primeiros corpos, pois não tínhamos apoio. Os corpos ficavam tão embaralhados, esmagados uns sobre os outros; pernas para cá, cabeça para lá. Os cadáveres se amontoavam a mais de um metro ou um metro e meio de altura.

Uma vez esvaziada a sala, era preciso fazer uma limpeza completa, pois as paredes e o chão ficavam sujos e seria impossível fazer outras pessoas entrarem sem se apavorarem, vendo as marcas de sangue e de tudo mais nas paredes e no chão. Primeiro o piso era limpo, se esperava que secasse e as paredes eram repintadas com cal. O ventilador continuava arejando. Tudo devia estar pronto para a chegada de um novo grupo. Mesmo que as pessoas ao entrar vissem o chão molhado, não parecia suspeito, pois haviam dito que tomariam um banho de desinfecção.

Apagavam-se, então, todos os traços da câmara de gás. E quanto aos fornos, o que era feito das cinzas dos corpos queimados?

As cinzas também deviam ser eliminadas para não deixar traços. Ainda mais porque certos ossos, como a bacia, queimam mal, tanto nos fornos quanto nas fossas. Por isso, os ossos mais grossos deviam ser retirados e moídos separadamente, antes de serem novamente misturados nas cinzas. Essa operação se fazia no pátio do Crematório, atrás do prédio. No Crematório III, por exemplo, o lugar para se moer os ossos ficava em um canto próximo do hospital e do campo dos ciganos. As cinzas, depois de trituradas, eram transportadas em um carrinho. Um caminhão vinha regularmente buscá-las para serem jogadas no rio. Algumas vezes troquei de lugar com algum dos homens encarregados de moer as cinzas. Era bom para tomar um pouco de ar fresco e sair da atmosfera opressiva e fétida do Crematório.

O processo gás-cremação nunca parava?

Trabalhávamos em dois turnos, um de dia e outro à noite, pois o trabalho nunca devia parar. Era uma cadeia contínua, ininterrupta. Apenas uma vez fomos forçados a parar o trabalho, durante dois dias, em função de um problema na chaminé. Com tanto aquecimento, alguns tijolos derreteram e obstruíram a saída de ar. Para os alemães, a perda de dois dias de trabalho era um drama. Um jovem judeu polonês, coberto de sacos para se proteger da

fuligem e do calor, abriu lateralmente a base (sobre as fundações) da chaminé, a fim de retirar os tijolos que causavam o problema. Estavam lisos e brilhosos, incrustados de gordura humana. Por causa dos dois dias de interrupção, a retomada do trabalho com os últimos trezentos cadáveres foi particularmente difícil. Com o calor, já estavam em decomposição. Sem enrijecerem, como acontece com quem morre de morte natural: por causa do gás, os corpos fundiam. Tentei puxar um deles, mas a pele se desmanchou e ficou nas minhas mãos. Foi terrível.

O trabalho recomeçava, então, imediatamente à chegada de um novo grupo. E o que faziam, enquanto as pessoas estavam na sala de se despir?

Em geral, eu descansava enquanto esperava recomeçar o “trabalho”. Mas, às vezes, ia à sala de se despir, tentando ajudar para que tudo transcorresse da maneira mais calma possível. Não podíamos ser muitos, apenas alguns. Não acho que possam chamar de “colaboração com os alemães” o fato de querer suavizar, ainda que minimamente, o sofrimento de quem ia morrer. Eu ajudava, por exemplo, os idosos a se despirem e tentava evitar que fossem espancados.

Uma vez, vi uma mãe e suas duas filhas, que deviam ter por volta dos 12 anos de idade. Elas não se despiam, permaneciam paradas, olhando as pessoas, paralisadas. Tinham vindo da Bélgica, certamente de alguma família abastada, elegante. Para evitar que as maltratassem, falei com elas em francês, isto é, à minha maneira: “Senhora, faça rápido porque ele vem, o alemão, ele vai matar vocês de golpes.” Percebi que estavam com vergonha de se despir em público. Então, eu disse: “Ninguém vai ver a senhora! Não se preocupe.” E me coloquei à sua frente, de costas, para que tivessem alguma privacidade. Pelo canto do olho, vi que finalmente tinham resolvido se despir. Se o alemão as tivesse visto teriam certamente sido maltratadas. Pelo menos evitei isso. Elas se foram com todo mundo.

As pessoas tentavam fazer perguntas?

Não, não que eu lembre. Estavam completamente atordoadas pela viagem e fixadas no que tinham que fazer no momento. Algumas ficavam imóveis, tentando compreender o que ia acontecer. O despir-se durava pelo menos uma

hora, uma hora e meia. Às vezes até duas horas. Dependia das pessoas; quanto mais idosos houvesse, mais demorava. Os primeiros a entrar na câmara de gás podiam ficar esperando ali por mais de uma hora. Algumas mulheres se apressavam para acabar rápido. Achavam que as duchas estariam mais limpas para os primeiros, mas, finalmente, esperando nuas, seu sofrimento acabava sendo maior.

As coisas se passavam da mesma maneira quando um grupo de prisioneiros selecionados no interior do campo era enviado à morte?

Esses prisioneiros eram muito raramente enviados ao nosso Crematório. As seleções dentro do campo geralmente aconteciam por ocasião das grandes festas judaicas, no Yom Kipur, principalmente. Quando, apesar disso, vinha um grupo assim, era o que havia de pior. Eles já sabiam que estavam sendo enviados à câmara de gás, à morte certa. Geralmente tinham passado um tempo em algum barracão isolado, até que os alemães achassem que já somavam um número suficiente para ser enviado à câmara de gás sem desperdício de Zyklon B. A sala era muito grande e quanto mais cheia estivesse, menor a quantidade de gás que os alemães precisavam para matar as vítimas.

Em geral, essa gente já estava tão fraca, doente e resignada que não criava muito problema. No jargão do campo chamávamos esses prisioneiros, reduzidos ao extremo limite de suas forças e que só tinham a pele e os ossos, de “muçulmanos”. Acho que a palavra vinha da posição em que ficavam, caindo de exaustão durante as intermináveis chamadas; eles faziam de tudo para não cair no chão e juntavam as últimas forças para se manter de pé, mas quando acabavam por não aguentar mais, os joelhos dobravam sob o peso do corpo, a cabeça, muito pesada, caía para a frente. Ficavam no chão, na posição que os muçulmanos ficam ao rezar. Quando o kapo não os eliminava ali mesmo, anotava o seu número para a próxima seleção.

E o que acontecia quando esses prisioneiros chegavam ao Crematório?

Deviam se despír sem criar caso. Quando não eram muitos, os alemães os faziam passar logo pela porta de serviço que levava diretamente ao átrio. Lembro que, uma vez, uma pequena rebelião espontânea estourou. Alguns se recusaram a descer os poucos degraus e bloquearam a entrada, sem que

ninguém mais pudesse descer. Mas não tiveram tempo de fazer grandes coisas. Moll, que não estava longe, chegou naquele momento e se pôs a berrar. Quando viu que isso não bastava, pegou um enorme pilão, usado geralmente para moer as cinzas. Com toda força desceu o pilão sobre cabeça dos que estavam mais perto. Com a força que tinha, certamente lhes rachou o crânio. Os outros, assustados, não tiveram escolha senão avançar, mesmo sabendo perfeitamente para onde iam.

E as pessoas enfraquecidas demais, que eram enviadas de caminhão ao Crematório, tinham o mesmo fim?

Os que chegavam de caminhão frequentemente eram pessoas que tinham ficado dentro dos vagões. Quando um trem chegava, os que não podiam mais andar, os doentes, os deficientes e os muito velhos eram colocados em caminhões e deixados no pátio do Crematório. Geralmente eram enviados aos Crematórios IV e V, e raramente a nosso Crematório III ou o II. Somente quando não havia mais lugar lá é que nos eram enviados. Às vezes menos de trinta pessoas. Os caminhões as despejavam sobre uma plataforma, como se descarregassem areia. As pobres vítimas caíam umas sobre as outras. Pessoas que normalmente mal se aguentavam de pé... A dor da queda e a humilhação deviam ser atrozes. Devíamos ajudá-las a se levantar, se despir e as levávamos para o interior do prédio, a um lugar onde um SS as esperava e as executava friamente, uma a uma.

Para nós, sem dúvida era a tarefa mais difícil de cumprir... Nada pode ser pior do que levar as pessoas à morte e segurá-las para que sejam executadas. Uma vez precisei ajudar uma velha senhora a se despir. Como todo idoso, era apegada às suas coisas. Além disso, em frente a um homem que ela nem conhecia, a pobrezinha estava completamente desnorteadada. Toda vez que eu tentava tirar suas meias, ela as subia de volta; eu abaixava um lado, ela subia o outro. Isso começou a ficar perigoso, pois se fizesse o alemão esperar, eu podia pagar com minha vida. Não sabia mais o que fazer... Comecei a ficar nervoso. Foi uma das coisas que permaneceram em mim como... eu estava no limite da razão e a segurei com força para tirar suas meias. Acho até que as teria rasgado, para que as largasse. A pobre mulher se protegia como podia. Mas ela acabou como os outros.

Onde se encontrava o SS nesses casos?

Subindo os três degraus, chegava-se à sala dos fornos. Devíamos passar ao longo deles, por detrás, por onde se retiravam as cinzas. O alemão se punha em geral na ponta, meio encoberto pela quina do último forno. Passávamos à sua frente, como se fôssemos subir as escadas que levavam ao sótão. As vítimas mal o viam e levavam o tiro a queima-roupa na nuca. Depois de um certo tempo, eles mudaram de método, preferindo um fuzil a ar comprimido, pois a bala da pistola era muito forte e o impacto, muito próximo, fazia explodir o crânio da vítima. Os respingos incomodavam o alemão. Quem acompanhava a vítima devia estar ciente da técnica: era preciso segurá-la pela orelha com o braço esticado, o alemão atirava e antes que a pessoa caísse no chão devíamos ser hábeis o bastante e abaixar sua cabeça para que o sangue não esguichasse como um chafariz. Se por infelicidade um pouco de sangue atingisse o SS, ele se vingava e não deixava de nos dar uma punição ou até mesmo nos matar no próprio local. Isso quase aconteceu com meu irmão. Nessa época ele já estava comigo no Crematório III. Não conseguiu abaixar a cabeça da vítima rápido o suficiente e o sangue respingou no SS. Por acaso eu não estava distante e me interpus, dizendo em alemão: *“Das ist mein Bruder!”* (É meu irmão!) Podia ter criado problema para mim também, entretanto o alemão se acalmou e nos deixou ir embora. A partir desse dia, meu irmão sempre escapulia, evitando o máximo que podia ter de fazer aquele trabalho particularmente desagradável. Para mim, o mais difícil era ter de segurar o morto enquanto caía. Sentir o peso da pessoa, acompanhar a sua queda, mesmo sem querer. Me fazia mal ouvir o corpo cair no chão, mesmo sabendo que já estava morto, e eu fazia de tudo para suavizar a queda.

Como vê, os homens do Sonderkommando também eram obrigados a fazer esse tipo de coisa. Não se pode negar, dizer que tal coisa não existiu, que não é verdade. Neste caso, reconheço que me sinto um pouco cúmplice, mesmo não os tendo matado. Não havia escolha, nem qualquer outra possibilidade naquele inferno! Se recusasse, o alemão teria saltado em cima e me matado imediatamente, para servir de exemplo. Felizmente, esses grupos não eram enviados com frequência ao nosso Crematório. Duas ou três vezes, no máximo.

Membros do Sonderkommando me contaram como as coisas aconteciam no Crematório V. Parece que lá os caminhões despejavam as vítimas vivas

diretamente nas fossas que ardiam a céu aberto. Pessoalmente, nunca testemunhei isso e então não posso confirmar. Mas me parece perfeitamente possível que eles sequer se preocupassem em matar as pessoas antes de serem jogadas ao fogo. Onde eu estava as coisas eram mais demoradas, pois o alemão precisava matar uma a uma.

Chegou a ir aos Crematórios IV e V? Pôde constatar por si mesmo as diferenças em relação aos Crematórios II e III?

Sim, fui umas quatro ou cinco vezes para ver meu irmão, que trabalhou lá nos primeiros meses. Mais tarde, consegui fazer com que viesse para o meu Crematório, onde o trabalho estava mais organizado e, portanto, um pouco menos penoso. Sobretudo não tínhamos fossas comuns, e os corpos eram queimados apenas nos fornos. Onde meu irmão estava, muitas vezes havia algum problema nos fornos ou eles não bastavam, e então era preciso incinerar os corpos nas fossas, a céu aberto. Quando precisavam de mão de obra suplementar pediam a meu kapo, Lemke,²⁶ que viesse com alguns de nós para ajudar. Fui então várias vezes, sempre como pretexto para tentar ver meu irmão.

Lembro que no caminho de volta do Crematório IV, o alemão uma vez mandou que meu primo Yakob Gabbai cantasse. “*Greco! Singen!*”, ordenara. Yakob tinha uma bela voz de barítono e entoou cantos patrióticos gregos que os alemães não podiam compreender. Ouviu-se ressoar no campo inteiro um hino, *Tin Elliniki simea...* cuja letra dizia: “A bandeira grega, meu Deus, como a amo, minha mãe, nunca abandonarei minha pátria aos estrangeiros, prefiro morrer.” Era como se os gregos, tendo vencido, estivessem naquele momento entrando no campo.

Nunca entrei nos Crematórios IV e V. Só posso dizer então o que vi pelo lado de fora. Muitas vezes me espanto ao pensar nisso. Era tão curioso, como é que eu não tentei entrar para ver como era lá dentro? Se eu tivesse imaginado por um segundo que sobreviveria teria anotado tudo, para poder contar... Mas enfim, de lá vi apenas as fossas. Eram como piscinas grandes, os corpos eram trazidos até a beirada e os homens do Sonderkommando, que sabiam como fazer, punham os corpos lá dentro. Se me lembro bem, eram duas fossas situadas em frente à entrada lateral do Crematório. Sei que os historiadores dizem que as fossas eram mais numerosas, mas eu, no momento em que estive

lá, vi apenas duas funcionando. Pareciam as fossas que eu tinha visto funcionando perto do Bunker 2, com a diferença de que no Crematório V as fossas complementavam os fornos.²⁷

Os Crematórios IV e V eram menores do que os Crematórios II e III. Os fornos não funcionavam tão bem e tinham capacidade inferior. As fossas permitiam acelerar o ritmo de eliminação dos cadáveres, pois é demorado incinerar setecentos corpos em fornos tão pequenos. E ainda não funcionavam corretamente. No nosso, cabiam até 1.800 pessoas.

Em média, todo o processo de eliminação de um comboio devia levar 72 horas. Matar era rápido, o mais demorado era queimar os cadáveres. Era este o principal problema dos alemães: fazer desaparecer os corpos. As fossas permitiam que as coisas corresse um pouco mais rápido.

Quando foi aos Crematórios IV e V, também foi obrigado a ajudar?

Em teoria sim, era para ter ajudado. Os kapos, por exemplo, podiam nos mandar carregar os cadáveres de algum lugar até a fossa. Mas os que nos davam as ordens lá não eram os mesmos do meu Crematório. Então não se corria muito risco protelando, quer dizer, fazendo as coisas lentamente e não como era esperado. Não éramos o pessoal fixo, apenas ajudantes, um suplemento. Não havia perigo de sermos apontados como culpados se as coisas não fossem feitas no tempo devido.

Lembro de um episódio terrível ao qual assisti quando estava lá. Moll, o famoso *Malahamoves*, resolveu infernizar ainda mais a vida de dois jovens irmãos gregos, Alberto e Raul Jachon. Mandou que trouxessem uma bacia, dentro da qual derramou líquido inflamável. Depois disso, o maldito Moll ordenou que tirassem os sapatos e pusessem os pés ali. Jogou um fósforo aceso e o fogo pegou rapidamente. Obviamente eles saltaram para fora, procurando se proteger, e como também era de se esperar, isso deixou Moll louco de raiva. Para continuar a “se divertir”, mandou que escalassem a barreira de arame farpado fazendo com que acreditassem que, se chegassem ao outro lado, estariam livres. Naquele momento, não havia corrente elétrica na cerca. Eles conseguiram chegar bem alto. É evidente, porém, que Moll não tinha a menor intenção de cumprir a promessa e atirou, abatendo-os como cães.

O seu irmão, então, trabalhava nesse Crematório?

Trabalhava, mas na verdade só consegui vê-lo uma vez no Crematório IV. Apesar de ter ido várias vezes apenas com a intenção de saber como ele estava, não tive sorte, e não o encontrei. Quando finalmente o vi, já sabia que o trabalho em seu Crematório era mais terrível e duro que no meu. Pelo menos nós não tínhamos que transportar os corpos até as fossas. Mais do que estar com ele, queria ter certeza de que não ficaria naquele lugar. Fiz então todo o possível para que se juntasse a mim. Afora isso, queria que estivéssemos juntos nos últimos instantes. Estava convencido de que passados três meses haveria uma seleção, e os homens do Sonderkommando seriam eliminados. Não esperava viver além daqueles três meses, e por isso, vendo aquele prazo se aproximar, procurei o kapo do meu Crematório, Lemke. Era um judeu polonês, não era mau sujeito e todos o respeitávamos. Os kapos dos Crematórios não eram como os outros kapos do campo. Todos eram judeus, não batiam, não usavam qualquer violência sádica contra nós, e foram eles como um todo que organizaram a revolta de outubro, com alguns outros.

Lemke era um homem bastante reservado, não falava muito e não se abria com facilidade. Se contentava em dizer: “*Hevre!*” (Pessoal, ao trabalho!) O único risco, caso não lhe obedecêssemos, era de que nos designasse à próxima seleção. Eu, porém, conseguira estabelecer uma relação com ele, não posso dizer que de amizade, mas de confiança. Isso me permitiu vê-lo e perguntar, à minha maneira, com meu alemão estropiado, se era possível conseguir a transferência de meu irmão. Lemke perguntou se ele era forte e se tinha um bom caráter. Respondi que sim; fisicamente era bem musculoso, inclusive mais forte do que eu, e acrescentei que fazíamos duetos, ele com a gaita de bolso e eu dançando. Na hora não entendi muito bem o motivo daquelas perguntas. O importante era que ele tinha aceitado. Em seguida, compreendi que já se tramava a revolta e ele queria ter à disposição homens fortes, tanto física quanto psicologicamente.

Para trazer meu irmão do Crematório IV ao Crematório III, era preciso um *Stück*, isto é, um “escambo”, pois éramos considerados apenas objetos. Lemke entrou em acordo com o kapo do Crematório IV. Um dia em que quatro dos nossos homens tinham ido com uma panela buscar a sopa no *Lager d*, um deles, um grego já idoso, tomou o lugar do meu irmão, que também viera, no mesmo momento, do Crematório IV. Foi assim que ele acabou indo para o Crematório III, onde eu estava. Para os alemães e os kapos, não fazia diferença

um “escambo” de um lado e de outro... O importante era manter o somatório. Sequer olhavam os números de matrícula, éramos apenas *Stücke*.

Você disse que os kapos do Sonderkommando não eram violentos. E quanto aos SS no Crematório?

Não havia tantos SS no Crematório. Em geral eram dois designados para cada Crematório; um no turno do dia e outro no da noite. Eram mais numerosos quando chegavam comboios, mas não sendo o caso havia apenas dois guardas fixos. Permaneciam a maior parte do tempo em seus quartinhos e só saíam para a chegada dos comboios ou de vez em quando para nos supervisionar. Porém, em princípio não precisavam vir muito, pois os kapos se encarregavam do trabalho. Se tudo não estivesse terminado em três dias era porque não havíamos trabalhado o bastante. Mas geralmente o kapo intervinha antes disso.

O Sonderkommando era um caso particular. Em geral, os SS que nos vigiavam nos deixavam tranquilos. Não nos perseguiram muito, pois nosso trabalho tinha muita importância para eles, que então procuravam não nos perturbar. Com exceção de Moll, é claro, que era o responsável por todos os Crematórios. O maldito “Anjo da morte” era o pior de todos. Assim que chegava a um Crematório qualquer, era o fim do mundo. Até o guarda alemão tinha medo de que ele achasse alguma coisa errada. Ele se fazia valer de qualquer pretexto para vociferar, aterrorizar e punir. Mas havia outros: no meu Crematório, me lembro de um dos guardas, que era um verdadeiro brutamontes. Era bem grande, com a cara larga, mas não me lembro de seu nome. Parecia um dos SS desenhados por David Olère. Aquele homem tinha prazer em matar ele mesmo as vítimas.

Na prática, matar as vítimas com um tiro de revólver não era problema para alemão algum, exceto para um SS que conheci. Nem era alemão, era holandês, e quem sempre achei o mais humano de todos. Falei com ele uma vez e ele me disse que tinha se engajado como voluntário na SS, pois acreditava no rigor e na eficácia dos alemães. Quando compreendeu como as coisas realmente aconteciam, já era tarde demais. Sabia que era obrigado a ficar e nada dizer, senão corria o risco de ser enviado à frente russa, ou simplesmente ser eliminado. Mas ele evitava, na medida do possível, ter que matar ele mesmo as pessoas. Quando se encontrava em uma situação assim, preferia chamar um

outro SS, para não ter que ele próprio matar. Para evitar que os alemães se dessem conta de seu mal-estar, precisava manter as aparências e fingir ser tão duro quanto eles. Assim, para dar a impressão de que batia com frequência nos prisioneiros, elaborara todo um sistema para evitar que os machucasse. Usava uma vara de bambu rachada ao meio. Quando batia, a dor era mínima, mas o barulho do encontro das duas extremidades fazia lembrar um violento estalo de chicote. Foi o único SS que conheci a se comportar daquela maneira. Todos os outros eram uns animais cruéis, sem qualquer humanidade. Quando era preciso matar, matavam sem o menor escrúpulo. Criavam um enorme caos, assim que as pessoas chegavam, para as assustar e desorientar. Eram famílias dilaceradas, crianças aterrorizadas e espancadas, ninguém sabia como reagir de outra forma, senão se pondo em filas. E era assim que conseguiam fazer de nós o que bem entendessem.

O holandês era mais humano. Inclusive conversamos uma vez em que eu estava sozinho na sala da chaminé e ele por acaso entrou. Eu tinha conseguido, entre as roupas deixadas, uma bela gaita da marca Höhner. Eu sabia tocar, pois tivera a sorte de possuir uma quando era criança. De tempos em tempos, quando podia dar uma parada e deixar que os outros continuassem sem mim por um momento, eu subia àquela salinha quadrada e puxava a gaita do bolso para relaxar, ou simplesmente ficava apoiado na beira da janela tomando ar. A salinha, de certa maneira, era o meu refúgio. Era pequena, com uma janela e, no centro, o enorme conduto quadrado de tijolos da chaminé, que atravessava o cômodo. Um dia, eu estava tocando a gaita baixinho e a porta foi bruscamente aberta pelo SS holandês. Me levantei de pronto tirando meu casquete. Ele entrou e, com um gesto para que eu continuasse, disse: “*Spiel!*” (Toque!) Hesitei por um instante, mas ele insistiu. Toquei, então, a primeira coisa que me veio à cabeça. Isso o agradou muito e ele disse que gostaria de aprender. Eu não sabia ler as notas e expliquei que tocava apenas de ouvido. Fez sinal para que eu passasse o instrumento, a fim de experimentar. O mais surpreendente foi que pegou a gaita e pôs na boca, sem tomar o cuidado de limpar antes, como todo mundo naturalmente faz. Tentou tocar, mas só emitiu sons inaudíveis. Constrangido, a devolveu e começamos a conversar.

Ele nunca teve de organizar seleções no Sonderkommando?

Não, era apenas um guarda. Além disso, quando ingressei no Sonderkommando, o trabalho era tão intenso que meu grupo não passou por seleção alguma. Pelo contrário, o número de pessoas trabalhando nos Crematórios não parou de crescer. Os veteranos nos contaram como aconteciam as seleções. Não era como nos outros setores do campo. No nosso setor, o alemão procurava o kapo e dizia quantas pessoas deviam ser “transferidas”. Sabíamos que “transferir” significava “eliminar”. O kapo decidia quem enviar e em geral pegava os recém-chegados. Devo dizer também que os judeus poloneses costumavam ajudar uns aos outros, enquanto nós, sefardis,²⁸ em geral estávamos em posições mais instáveis. Por isso eu tentava ganhar a confiança do meu kapo, Lemke.

Estávamos sempre na expectativa de uma seleção e que o fim chegasse logo. Por exemplo, quando nos enviavam à *Sauna*, para o banho. Não era tanto para a desinfecção, já que no Sonderkommando a gente podia trocar de roupas com regularidade para evitar o risco de epidemias por piolhos. A finalidade era a de nos habituar àquelas “saídas” em pequenos grupos. Assim, no caso de quererem nos eliminar, seria mais fácil dizer que estavam nos levando à *Sauna*.

E quando iam à Sauna, não se perguntavam se aquela seria a última vez?

Não, não havia muito a pensar. Pelo contrário, para nós seria até uma libertação. Há quem me pergunte se não era melhor ter dado um fim a tudo aquilo. Acho que muito provavelmente. Mas eu não pensava nisso, era preciso seguir em frente, dia após dia, sem se fazer muitas perguntas: continuava a viver, mesmo se a vida fosse terrível. Que eu saiba, ninguém se suicidou no Sonderkommando. Sei que alguns já disseram que queriam viver a qualquer preço. Quanto a mim, acho que preferia morrer. Mas então me vinha à cabeça uma frase de minha mãe: “Enquanto se respira, há vida.” Estávamos muito perto da morte, mas íamos adiante, dia após dia. Acho que era preciso uma força particular para suportar tudo aquilo; uma força moral e física.

No Sonderkommando havia, apesar de tudo, um sujeito que era bem magro e provavelmente doente. Acho que se tratava de um intelectual polonês, alguém respeitado, pois todos o deixavam em paz. Lemke o protegia e os guardas nada diziam. Nunca o vi trabalhar, nem mesmo precisava descer para a chamada. Até o dia em que Moll chegou e exigiu que todo mundo descesse.

Para ele, foi o fim. Mas é uma longa história, que é preciso ser contada do começo...

Isso se passou pouco tempo após minha chegada ao Sonderkommando. Os prisioneiros do campo ainda trabalhavam na extensão da estrada de ferro. Os que estavam bem na ponta da rampa, isto é, na proximidade do Crematório, eram judeus de Rodes que falavam ladino, como nós. Tinham ouvido dizer que havia gregos trabalhando no Crematório e que nada nos faltava. O alemão permitia que cantassem enquanto trabalhavam e eles então inventaram uma melodia, em ladino, na qual nos pediam que enviássemos comida e roupas a eles. Depois de certa hesitação acabamos preparando um pequeno pacote — um pão redondo embrulhado em camisas — e o lançamos por cima da cerca de arame farpado. O primeiro pacote passou e o guarda alemão que vigiava os prisioneiros deixou que o pegassem. Mas bem na hora do segundo lançamento, surgiu a motocicleta de Moll. Ele veio ao Crematório, fora de si, exigindo saber quem havia lançado o pacote. Como estava sem tempo de resolver o problema naquele momento, prometeu voltar no dia seguinte para punir os culpados.

De fato, voltou logo pela manhã. Ordenou a imediata formação diante do Crematório, mas na chamada faltavam duas pessoas: aquele que chamei “o intelectual” e... eu. Por acaso, naquela manhã eu estava fora do prédio, no lugar mais afastado onde íamos moer as cinzas. Afastado dos outros, perdido em meus pensamentos, não ouvira os kapos anunciarem o agrupamento. Um kapo me achou e ordenou que me apressasse. Comecei a correr na mesma hora, ao ouvir *Malahamoves* berrar. Estava apavorado em pensar no que faria comigo. Não conseguia parar de lembrar do sujeito que eu o vira matar na minha frente, no Bunker 2. Ainda tinha um resto de cigarro na boca e o *Mütze* (barrete) que se devia obrigatoriamente tirar na presença dos alemães. Corri e só percebi Moll no último instante chegando ao local da chamada. Cuspi a gimba de cigarro, mas quase esqueci de tirar o casquete. Ele, é claro, começou a urrar. E me empurrou, posicionando sua perna para que eu tropeçasse. Tinha que me erguer imediatamente, ou a punição seria ainda pior. Ele me bateu uma segunda vez, novamente caí e me levantei. Só então mandou que tomasse meu lugar na fila. Eu estava certo de que aproveitaria para me dar um tiro nas costas. Não sei se voei, se corri, mas em todo caso me pus em fila em tempo recorde.

Quem havia lançado o pacote se identificou. Todos sabiam que, se ninguém o fizesse, a punição seria coletiva e igualmente dolorosa. Foi punido com 25 chicotadas. No sistema sádico dos alemães, um deportado era obrigado a aplicar as chicotadas nas costas do colega. Os alemães verificavam se as açoitadas estavam suficientemente fortes e, caso achassem que não, ambos eram punidos. Posso dizer que tive sorte e me safei com apenas dois golpes, o que nem era tão mal assim.

Quanto ao “intelectual”, foi obrigado a descer, apesar das explicações do kapo. Eu nunca o tinha visto de verdade, até então. Era pálido, magro e doente. Acho que devia ter mais de 45 anos de idade. Antes de descer enfiou um cobertor por dentro das roupas, para não parecer tão magro. Furioso por ter esperado, Moll não o perdoou, ordenando que fosse chicoteado. Escolheu para isso um russo, mostrando com que força devia bater. De início protegido pelo cobertor, o intelectual não sentiu muito o lanho dos golpes. Mas em vez de fingir estar sofrendo, se manteve tranquilo. Moll tinha experiência suficiente naquele tipo de punição para saber como os prisioneiros em geral reagiam. Não se deixou enganar por muito tempo e mandou que o prisioneiro abaixasse as calças. Quando viu o cobertor, sua raiva duplicou e ele literalmente massacrou o pobre homem com todos os golpes que aplicou.

Houve tentativas de fuga de membros do Sonderkommando?

Até onde eu sei, isso aconteceu uma única vez durante o período em que estive no Sonderkommando. Sei que fora do Sonderkommando isso acontecia com mais frequência e que alguns se salvaram.²⁹ Mas quando contaram o que haviam vivido, ninguém acreditou. Os governos — Churchill e os outros — não se interessavam pelos judeus, queriam apenas ganhar a guerra. Se quisessem ter salvado os judeus, poderiam ter feito isso mais cedo. Em todo caso, no que diz respeito aos homens do meu Crematório que tentaram fugir, sei que não premeditaram. Tentaram o tudo ou nada, quando uma ocasião se apresentou.

Eram dois gregos: Hugo Venezia (filho de Baruch, de quem já falei) e Alex Herrera. A história deles nunca é mencionada, mas Herrera, ou Alekos, como os gregos o chamavam, foi um verdadeiro herói. Antes de ser deportado tinha sido capitão da Marinha grega e era um homem muito respeitado entre nós. Um dia, os alemães os mandaram acompanhar o caminhão que tinha vindo

buscar as cinzas, que deviam ser jogadas no rio Sola. Deviam espalhá-las na água, colocando uma lona no chão para retirar as últimas cinzas do caminhão, a fim de garantir que não restasse qualquer vestígio.

Naquele dia percebi que algo acontecera ao ouvir soar o alarme. No campo havia em geral vários tipos de sirene, mas aquela que se mantinha contínua significava uma situação grave. Para os alemães, a fuga de um membro do Sonderkommando era gravíssima, pois não podiam de forma alguma deixar escapar alguém que tinha visto o interior das câmaras de gás. Imediatamente aumentaram o número de guardas ao redor do Crematório e organizaram chamadas intermináveis em todo o campo. Soube que, para alguns, as chamadas duraram a noite inteira, mas não com a gente, visto que os alemães não queriam que nosso trabalho fosse interrompido por muito tempo.

Soubemos do acontecido com a volta de Hugo Venezia. Ele contou que o SS que os acompanhava estava sentado à frente, ao lado do motorista, e eles ficaram sozinhos na parte de trás com o carregamento de cinzas. Antes de chegar ao rio, Herrera tinha elaborado um plano e alertou Hugo sobre o que ia fazer. Ele iria aturdir o guarda quando este viesse abrir a porta, enquanto Hugo, de surpresa, atacaria o motorista antes de se lançar ao rio. Quando o caminhão parou, eles esperaram que o SS se aproximasse para lhes dizer que descessem e, ao abrir a traseira, Herrera o atingiu na cabeça com um fortíssimo golpe com a pá. Ao ouvir o barulho, o motorista, que lia um jornal, olhou pelo retrovisor e saiu do caminhão com sua pistola em punho. Hugo Venezia nos disse que nada pôde fazer e ficou parado, paralisado de medo, diante do motorista que apontava sua arma. Era um jovem que mal devia ter 18 anos de idade, enquanto Herrera era experiente e certamente tinha uma personalidade mais forte. Sem perder tempo, se lançou imediatamente ao rio e começou a nadar para a outra margem. O motorista disparou em sua direção, mas com a pistola de ordenança que tinha já não o alcançava mais. Pegou, então, o fuzil do guarda caído no chão e atirou novamente, com as famosas balas “dundum”, feitas para implodir dentro do corpo e causar o máximo de estragos. Herrera foi atingido na coxa, mas continuou até chegar à outra margem. O alarme foi dado e a caça ao homem se organizou imediatamente, durando a noite inteira e o dia seguinte. Mas o ferimento era grave, Herrera devia ter perdido muito sangue e não sobreviveu à fuga. Seu corpo foi encontrado e trazido ao Crematório II. Nesse meio-tempo, Hugo, escoltado pelo motorista, nos contou

o que vira. No dia seguinte, os alemães vieram buscá-lo e ninguém nunca mais o viu. Quanto a Herrera, foi trazido para ser submetido a uma autópsia. Em seguida, o seu corpo totalmente desmembrado e desfigurado ficou exposto sobre uma mesa no pátio do Crematório. Eles obrigaram cada um de nós a passar diante da mesa para ver o rosto deformado e irreconhecível de nosso ex-companheiro. Os alemães estavam extremamente nervosos e quem quer que desviasse os olhos recebia cacetadas. Depois o levamos à sala dos fornos e recitamos um *kadish* antes de queimar o seu corpo. Ninguém jamais conta essa história, porque ninguém nunca fez de verdade um estudo sobre o destino dos gregos em Birkenau.

²¹ Para mais informações, consultar a nota histórica na p. 193.

²² Setor no interior do campo de Birkenau em que os pertences dos judeus deportados eram triados e estocados; os nazistas o chamavam *Effektenlager* ou *Kanada II*.

²³ O *SS-Hauptscharführer* Otto Moll entrou em Birkenau como responsável pelos Bunkers 1 e 2. Após uma estadia como *Lagerführer* nos subcampos Fürstengrube e Gleiwitz I, foi chamado de volta a Birkenau em maio de 1944, onde permaneceu até setembro, como responsável por todos os Crematórios. Depois, foi transferido para Dachau. Em 13 de dezembro de 1945, Moll foi condenado à morte no final do processo de Dachau. Foi enforcado na prisão de Landsberg, em 28 de maio de 1946.

²⁴ Supervisor. (N. da E.)

²⁵ David Olère, pintor judeu francês de origem polonesa, foi deportado da França em março de 1943. Chegando a Auschwitz-Birkenau, foi integrado ao Sonderkommando do Crematório III. Como Shlomo, foi um dos raros sobreviventes desses *kommandos* especiais. Seus desenhos, realizados pouco tempo depois da Libertação, são um testemunho visual excepcional do processo de extermínio nas câmaras de gás.

²⁶ Lemke (Chaim) Pliszko nasceu em 1918, em Czerwony Bor, e viera deportado do campo de trânsito de Lomza, em 16 de janeiro de 1943.

²⁷ No final da primavera de 1944, eram utilizadas cinco fossas de cremação a céu aberto no recinto do Crematório V. Três estavam situadas no espaço em frente à entrada da câmara de gás maior e duas outras na lateral do Crematório, entre o edifício e a cerca de arame farpado.

²⁸ Judeus cuja ascendência remonta às comunidades judaicas ibéricas estabelecidas na Idade Média e dispersas por várias regiões após a expulsão da Espanha em 1492.

²⁹ Várias tentativas de evasão foram organizadas, muitas delas no Sonderkommando.

CAPÍTULO IV

Sonderkommando (continuação)

A partir do momento em que começamos a trabalhar no Crematório, os alemães nos fizeram dormir lá dentro mesmo. Havia um local preparado, sob o telhado, em cima da sala dos fornos. O telhado era em mansarda, mas bastante alto; mesmo na cama se podia ficar de pé. Cada um tinha sua própria cama, ao contrário dos outros barracões, onde cinco prisioneiros tinham que se apertar em um só leito sujo. As duas fileiras de camas eram separadas por uma prateleira que se estendia por todo o recinto. A prateleira continha quase duzentas urnas alinhadas, todas idênticas. Eu quis saber o que havia naquelas urnas e abri uma delas. Estava cheia de cinzas bem finas, tendo em cima uma medalhinha com um número. Devia ser o número de matrícula de um prisioneiro. Soube depois que os alemães guardavam aquelas urnas para as famílias dos prisioneiros. Não, certamente não as famílias judias, mas as famílias de cristãos mortos no campo, de fome, doença ou sei lá o quê. Os alemães as notificavam da morte do prisioneiro por doença e diziam que era possível buscar suas cinzas se pagassem duzentos marcos. Com certeza as cinzas dentro das urnas eram cinzas misturadas de várias pessoas e talvez não houvesse sequer um vestígio da pessoa designada.

Você se lembra de outros membros do Sonderkommando que estivessem com você? Chegou a ver judeus franceses, por exemplo?

Lembro de algumas pessoas, sobretudo gregas, que estavam comigo. Mas a maioria dos membros do Sonderkommando era polonesa. Alguns vinham também de outros países da Europa Oriental, mas todos, entre si, falavam iídiche, menos nós, gregos, que falávamos ladino.

Não vi franceses, senão teria conversado um pouco com eles. David Olère, por exemplo, eu não sabia que tinha sido deportado da França; para mim era um polonês que falava iídiche. Nunca ouvi falarem francês, mas, de qualquer maneira, repito, não conversávamos muito uns com os outros. Na maior parte do tempo eu sequer sabia os nomes. Quando se precisava de alguma coisa, se dizia apenas “*Du!*” (Você!) Eu até que falava um pouco de alemão, mas alguns

gregos que não falavam iídiche não sabiam uma palavra em alemão. Em geral, faziam sinais com as mãos, com os pés, como fosse possível.

Havia não judeus entre vocês?

Não, todos os homens trabalhando no Sonderkommando eram judeus. As únicas exceções, até onde sei, foram alguns prisioneiros de guerra soviéticos, enviados ao nosso Crematório. Mas não trabalhavam. Eu, ao menos, nunca os vi trabalhar. Se contentavam em pegar o que podiam nas roupas das vítimas. No Crematório II, havia também um prisioneiro polonês não judeu. Se chamava Karol, era um preso comum, um criminoso penal. Todo mundo achava que tinha sido enviado ali como espião dos alemães. Estava sempre elegante e se comportava como um lixo. Procurávamos evitá-lo ao máximo. Voltarei a falar dele quando abordarmos a revolta do Sonderkommando.

Quanto aos poucos russos de quem falei, antes tinham sido internados no campo de Auschwitz I. Mas quando estavam em grupos maiores, o tempo todo planejavam fugas. Para evitar isso, então, os alemães os separaram e os espalharam por vários setores do campo. No meu Crematório devia haver sete ou oito, todos militares. Lembro de dois deles, em particular, um se chamava Micha, e o outro, Ivan. Se não me engano havia um terceiro que se chamava Sacha. Ivan era o mais jovem e tinha um rosto redondo de criança. Me comunicando através de gestos com as mãos e os pés, soube que tinham sido presos ao tentarem saltar de paraquedas além da linha de frente.

Nos Crematórios, nunca os vi trabalhar. O kapo nada pedia a eles e os deixava tranquilos, pois não estavam ali para trabalhar, como nós judeus. Havia grande rivalidade entre os russos e os poloneses, ainda mais com os judeus poloneses. Mas com a gente, judeus gregos, não criavam problemas. Tudo que faziam era beber vodca, comer salsicha e fumar cigarros. Um dia, um dos russos me convidou para um desses festejos. Disse: "*Grecki, idi ciouda!*" (Grego, venha aqui!) Hesitei um pouco, pois não havia entendido e achei que me insultava, como tinham o hábito de fazer com todo mundo. Ao me aproximar, me ofereceram um copo de vodca. Para mim foi a primeira vez; provei, mas eles me forçaram a beber até o fundo do copo. Quase sufoquei. Um russo me passou um pedaço de pão e me disse para respirar bem forte nele. Foi assim que passou a sensação de queimadura.

Eles não tinham dificuldade alguma para conseguir a vodca e os alimentos que quisessem. Quando os grupos chegavam e acabavam de se despir, os russos se juntavam aos prisioneiros encarregados de fazer pacotes com as roupas (como nós, no primeiro dia no Crematório). Mas em vez de efetivamente fazerem os pacotes a serem enviados ao *Kanada*, tinham um só objetivo: revirar e encontrar objetos de valor escondidos nas roupas. Todo mundo fazia isso, alguns só procuravam o que comer, outros somente objetos de valor. Era assim que se conseguia muita coisa e não se passava tanta fome. A gente aproveitava também para trocar de roupas, quando as nossas estavam gastas. Bastava jogá-las na pilha a ser enviada ao *Kanada* e discretamente se servir no monte deixado pelas vítimas. Só era preciso tomar cuidado para não ser pego, mas geralmente tudo corria com tranquilidade. Os russos, na verdade, só faziam isso. E depois tinham um esquema de troca do que encontravam, para conseguir vodca e comida de fora do campo. As coisas entravam no campo graças aos *Vorarbeiter* (contramestres), poloneses da cidade de Oświęcim. Eles corriam riscos, mas ganhavam muito em troca. Por exemplo, um jornal velho podia ser trocado por um anel de ouro. Em geral, essas trocas arriscadas passavam por várias mãos e aconteciam discretamente, no momento em que se ia buscar a sopa. O kapo enviava quatro pessoas para buscar a sopa (duas, no entanto bastariam), pois era o único momento em que o pessoal do Sonderkommando podia ter contato com os outros prisioneiros e, assim, com o mundo externo. Portanto, não era fácil, pois para evitar isso os alemães faziam o Sonderkommando passar primeiro. Nunca tínhamos de esperar, naquele tipo de situação. Mesmo assim, era possível estabelecer contato.

Quer dizer que, de uma forma ou de outra, havia relações entre os homens do Sonderkommando e os demais prisioneiros?

Sim, os que eram designados pelo kapo para buscar a sopa conseguiam estabelecer esses contatos. Foi assim, aliás, que uma parte da revolta pôde ser organizada. O campo das mulheres era um outro meio. Para isso era preciso corromper o guarda alemão para que aceitasse nos levar ao campo das mulheres e fechasse os olhos. Lemke, às vezes, organizava pequenos festejos em troca das joias que dávamos quando eram encontradas e convidava os guardas alemães, para garantir alguma boa vontade da parte deles. Mas é evidente que ir ao campo das mulheres não servia unicamente para organizar a revolta. Mesmo

sendo raro, suponho que alguns tenham ido para ver suas mulheres. Uma vez lá dentro, se faziam coisas com elas, não posso dizer, pois não estava lá.

Acha que faziam?

Sim, creio que alguns faziam. Eu, francamente, não teria conseguido. Nem sei como podiam ter vontade. Após a Libertação, ouvi boatos absurdos sobre o que se passava no Sonderkommando com as mortas. Mas não passam de mentiras, histórias doentias de pessoas querendo despertar dúvida e descrédito sobre os homens do Sonderkommando. Nunca ouvi nada a esse respeito nos oito meses que passei ali.

Por outro lado, lembro de um dia em que, entre os cadáveres retirados da câmara de gás, os homens encontraram o corpo de uma mulher incrivelmente bonita. Tinha a beleza perfeita das estátuas antigas. Os que deviam colocá-la no forno não puderam se desfazer de uma imagem tão pura. Mantiveram o corpo o quanto puderam, mas depois foram, é claro, obrigados a também incinerá-lo. Acho que foi o único caso em que eu realmente “olhei”. Senão, tudo se fazia maquinalmente, sem que nunca prestássemos atenção. Mesmo na sala de se despir, ninguém olhava; não se tinha o direito de se enternecer.

Apesar de tudo, às vezes nos deixávamos envolver e ficávamos abalados, como no dia em que vi chegar uma mulher com o filho, e os dois tentaram se esconder no pátio do Crematório... Faziam parte de um comboio vindo de Lodz. Ao todo devia haver umas 1.700 pessoas enviadas ao nosso Crematório. Tudo transcorreu como de hábito. As pessoas entraram na câmara, o alemão jogou o gás e depois nosso trabalho macabro teve início. Trabalhamos normalmente o dia inteiro e, em seguida, a equipe da noite continuou. Na manhã do dia seguinte, por volta das oito ou nove horas, um dos homens, surpreso, veio nos avisar que uma mulher, acompanhada de um menino de cerca de 12 anos, se encontrava no pátio do Crematório. Ninguém entendia o que tinham feito para estar ali, mas ao olhar para eles com atenção ficava claro que faziam parte do grupo enviado à morte na véspera. Trocamos olhares atônitos. Fui em sua direção para tentar compreender. Não sei se tinha escalado a divisória ou mesmo se passara entre os troncos de árvore e o cerco de arame farpado. Não sei exatamente como fez, pois tudo era fechado e deviam certamente ter escalado. Fato é que ficou escondida com o filho. O mato alto naquele mês de verão permitiu que se escondessem da vista dos guardas. Mas

esbarraram no arame farpado, sem ter como fugir. Quando a mãe percebeu não ter saída, veio para o Crematório com a esperança de se salvar. Não parava de chorar e repetir que tinha trabalhado muito tempo no gueto, como costureira para os soldados alemães, e poderia continuar sendo útil.

O alemão de sentinela percebeu que havia algum problema e veio ao pátio ver o que estava acontecendo. A mulher se pôs a suplicar, repetindo o que nos tinha contado. Para acalmá-la, o alemão disse: “A senhora tem razão, vamos ver o que podemos fazer, por favor, venham comigo.” Mas todo mundo sabia: ele os mataria assim que entrassem. Não me lembro se chegou a dizer que se despissem para passar pela desinfecção, mas não perdeu muito tempo e os matou com uma bala na nuca. Depois disso, os alemães mandaram cortar o mato alto entre a divisória em ramada e o arame farpado, para evitar esse tipo de “incidente”.

Acha que aquela mulher, vindo do último gueto da Polônia, sabia para onde estava sendo enviada?

Ignoro o que sabia exatamente, mas é verdade que os deportados que haviam passado pelos guetos estavam bem mais informados do que os outros. Não tinham ilusões, estavam esgotados, psicologicamente no limite após todos aqueles anos no gueto. Quando chegavam, se deixavam guiar para a “desinfecção” sem realmente entender o que estava acontecendo e nem sequer tentar fazer isso.

Certo era que havia diferenças bem nítidas entre os que vinham dos guetos e os demais. Os que chegavam da Holanda ou da Hungria, por exemplo, tinham ainda objetos de valor com eles e alguma força, mas os deportados que vinham dos guetos tinham apenas piolhos e nada mais. Via-se que a maior parte deles perdera até a vontade de viver. Eram raros os que ainda tinham alguma força e esperança. Ao vê-los tão resignados, eu muitas vezes me perguntava se poderíamos fazer alguma coisa; recusar, desobedecer às ordens. Mas a escolha não existia, os que recusavam eram mortos na frente dos outros, com uma bala na nuca e pronto.

Chegou a ver pessoas se negarem a entrar no Sonderkommando?

Sim. Um dia, três jovens judeus religiosos húngaros foram destacados para o Sonderkommando. Eles tinham ainda suas túnicas, seus chapéus e papelotes. Não aceitaram se dobrar às ordens dos alemães. Não vi acontecer, mas sei que os fizeram se despir e subir os três degraus, como os que eram executados com um tiro de revólver. Foi assim que foram mortos. Suponho que imediatamente chamaram outros em substituição. O que não faltava era opção.

Havia religiosos entre vocês?

Alguns faziam orações diárias. Sei que lá fora, no campo, era impossível ou perigoso demais, mas onde estávamos não se corria risco, pois os alemães nunca vinham ao lugar onde dormíamos. Era possível conseguir facilmente os livros de orações, apesar de os religiosos não precisarem deles, pois as sabiam de cor.

Quanto a mim, nunca fui religioso e nem mesmo tinha fé. Sempre me contentei em respeitar os Dez Mandamentos. Em Birkenau, eu não me colocava essa questão; não sendo religioso, deixava Deus fora de tudo aquilo. Eles, porém, não entendo por quê, continuavam a invocar: “Adonai, Adonai”... O que esperavam? Que Adonai os salvasse? Isso não existia! Éramos pessoas vivas que atravessavam a fronteira da morte.

Frequentemente se fala da solidariedade entre detidos. O que tem a dizer sobre isto?

A solidariedade só existe quando se tem o suficiente para si; caso contrário, para sobreviver é preciso ser egoísta. No Crematório, podíamos nos permitir alguma solidariedade porque tínhamos o bastante para sobreviver. Não me refiro ao fato de ajudar um camarada e tomar o seu lugar por um instante, enquanto ele se recuperava. Falo sobre ter o suficiente para comer. Para quem não tem o que comer, a solidariedade é impossível. Então, quando era preciso tirar de alguém para sobreviver, era o que se fazia. Nós tínhamos o bastante para comer e podíamos, então, tentar passar alimentos para os outros, mesmo que para isso fosse preciso correr alguns riscos. Por exemplo, durante a semana, quem ia buscar a sopa do Sonderkommando muitas vezes a deixava no caminho para os prisioneiros que trabalhavam na extensão da via férrea. Deixavam a panela ainda cheia e pegavam a deles, já vazia. Não nos fazia falta, pois todos tínhamos pão e conservas em quantidade suficiente. Mesmo se os

deportados chegassem ao Crematório sem seus pertences e sem quase nada no bolso, vinham em tal quantidade que sempre se conseguia encontrar algo a se pôr de lado. Em outros lugares, isto era impossível. Ser solidário era um luxo ao qual poucos podiam se dar; uma colherada dada ao vizinho era uma colherada a menos para si mesmo...

Como os outros prisioneiros do campo consideravam os membros do Sonderkommando?

Não tive contato algum com outros prisioneiros no campo e então realmente não sei. Nunca fui buscar a sopa e nunca estive no campo das mulheres. A questão não se colocava enquanto estávamos no campo. Porém, eu soube mais tarde que alguns tinham uma certa inveja de podermos ter mais o que comer. Outros achavam que tínhamos parte da responsabilidade com o que se passava no Crematório. Mas estão totalmente errados: apenas os alemães matavam. Éramos obrigados, enquanto os que colaboram são, em geral, voluntários. É importante escrever que não tínhamos escolha. Os que recusavam eram imediatamente mortos com uma bala na nuca. Para os alemães, isso não era grave; matavam dez e vinham cinquenta substitutos. Para nós era preciso sobreviver, ter o que comer... não havia saída possível. Para ninguém. Além disso, não podíamos mais raciocinar com nosso cérebro e pensar no que ocorria... nos tornamos autômatos.

Frequentemente, hoje em dia, me faço a pergunta: o que teria feito se me obrigassem a matar? O que teria feito? Não sei. Teria recusado sabendo que imediatamente me matariam?

Chegou alguma vez a se fazer essa pergunta enquanto ainda estava no campo?

Não, no campo, nunca. Ali, sequer tínhamos a possibilidade de imaginar esse tipo de questão. Apenas após a Libertação perguntas assim vieram me assombrar. Devíamos ajudar as pessoas idosas a se despirem, mas e se nos mandassem matá-las? Os alemães eram capazes de todo tipo de perversão para nos humilhar. Por exemplo, para se divertir, o alemão ordenava a um pai chicotear o próprio filho. Se o pai recusasse, era o inverso: ordenavam que o filho batesse no pai. O pai dizia ao filho que obedecesse, mas se os dois recusassem, eram ambos chicoteados, muitas vezes até a morte. As coisas eram

feitas assim, de maneira sádica. Era preciso sorte para evitar esse tipo de situação. E quando não se podia evitar, a decisão, então, era terrível, não se tinha mais domínio sobre si.

Não havia opção senão a de nos habituarmos. E de maneira muito rápida, inclusive. Nos primeiros dias, não consegui engolir o meu pão pensando em todos os cadáveres que minhas mãos haviam tocado. Mas o que fazer? Precisava comer... No fim de uma ou duas semanas, a gente acabava se habituando. Nos habituamos a tudo. Como me habituei ao odor nauseabundo. Depois de certo tempo nem o sentia mais. Tínhamos entrado na roda que gira. Mas a gente nem se dava conta, pois simplesmente não se pensava! Nos dez ou vinte primeiros dias, o tempo todo me sentia sob o impacto da enormidade do crime, depois parei de pensar. No primeiro dia, não consegui fechar o olho a noite inteira. Pensava naquela situação terrível, na maneira como tinha sido pego, até chegar ali. Ainda hoje essas questões me atormentam.

Meu irmão, ao contrário de mim, nunca aceitou fazer palestras em escolas. Muitas vezes me disse: “Olhe só, eu também chego a pensar que tudo não passou de um pesadelo, que aquilo não pode ter existido. Imagine, então, os outros!” Creio ser exatamente por essa razão, por ser a tal ponto inimaginável, que quem pode contar deve fazê-lo. Nós, no Sonderkommando, tínhamos provavelmente melhores condições de sobrevivência no dia a dia; passávamos menos frio, tínhamos mais o que comer, menos violência, mas vimos o pior, estávamos ali dentro o dia inteiro, no centro do inferno.

E se você tivesse tido a possibilidade de trocar de lugar com alguém no campo?

Imediatamente, na mesma hora! Sem nem pensar que talvez não tivesse mais o suficiente para comer. Teria feito isso sem esperar e nem hesitar um segundo, mesmo correndo o risco de sofrer uma morte lenta. E olha que conheço o peso da fome e da dor atroz que ela inflige, mas pouco importa. Mesmo durante a “marcha da morte” e depois, nos campos para os quais fui evacuado e onde sofri como os outros prisioneiros, me sentia aliviado por ter deixado o Crematório.

Nunca pensou seriamente em fugir?

Não, era impossível, sobretudo para alguém do Sonderkommando. Todo mundo era capturado e, além disso, para onde iria? Não falava polonês e era grande demais o risco de ser denunciado pelos camponeses. Os únicos que tinham tentado fugir, enquanto estive em Birkenau, o fizeram sem premeditar, quando uma ocasião extraordinária se apresentou. Estou falando, é claro, de Herrera, mas ele foi capturado e morto.

Chegou a falar do futuro, ou pensava nisso?

Não, meu único horizonte era o momento em que seria morto. Alguns dizem ter resistido porque mantinham a esperança de se libertar, um dia. Quanto a mim, nunca pensei que poderia me livrar daquele inferno, jamais. Não creio que membro algum do Sonderkommando nutrisse uma esperança tão ingênua. Não havia meio algum de escapar. Somente um milagre... E ninguém mais acreditava em milagres. Continuávamos, dia após dia, sabendo que o fim se aproximava.

Às vezes, apesar de tudo, uma pálida esperança brilhava, como quando se soube do atentado contra Hitler. Os alemães estavam enfurecidos, mas aquele dia, para nós, despertou uma vaga esperança. Ou quando descobríamos alguém da família ainda vivo. Como no dia em que vi, ou acreditei ter visto, minha irmã...

Nesse dia, eu por acaso estava no Crematório II. Ia lá de vez em quando, fora do meu turno de trabalho, encontrar amigos gregos. O Crematório II dava para o campo das mulheres. Naquele dia, estava apoiado na janela, absorto em pensamentos, e tive a impressão de ver a silhueta de minha irmã bem na minha frente, diante dos arames farpados do campo feminino. Com o tempo, não sei se a reconheci ou se quis achar que era ela. Tinha aceitado a ideia de nunca mais rever minha mãe e minhas duas irmãs menores. Mas tinha esperança de que Raquel, a mais velha, tivesse sido enviada para trabalhar. Eu pensava nela com frequência e foi o caso naquele dia, olhando pela janela na direção do campo das mulheres. Era um fim de tarde, o sol tinha dado lugar a uma luz acinzentada, com a bruma típica de Birkenau apagando os contornos, quando de repente percebi uma silhueta. Estava muito longe para distinguir com clareza, mas achei que era a minha irmã. Chamei: “Raquel!!” O eco transportou minha voz e ela respondeu em ladino:

— Sim! Quem é você?

— Shlomo!

— Shlomo! Como você está? Como é bom te ouvir!

Não podíamos falar muito e eu disse que voltasse ao mesmo lugar, no dia seguinte, à mesma hora, que eu teria um pacote para ela. De fato, no dia seguinte, à mesma hora, a mesma silhueta se aproximou. Eu tinha preparado uma trouxa para lhe lançar, com coisas para comer e objetos que podiam servir no campo. De novo, marcamos de nos encontrar no dia seguinte. E assim continuamos, durante cinco ou seis dias. Porém, uma noite ela não veio. Achei que tivesse sido transferida ou, pior, selecionada. Não tive mais notícia.

Quando finalmente revi minha irmã, 12 anos após a Libertação, ela morava com o marido, Aarão, em Israel. Fui vê-la em Haifa. No táxi que nos levava à casa deles, comecei a chorar. Em 12 anos, desde a minha deportação, eu nunca havia chorado... somente uma vez, de raiva. Mas, subitamente, a emoção de rever minha irmã fez escapar todo o veneno acumulado em mim durante todos aqueles anos. Eu não parava de falar e de chorar. Minha irmã nada dizia. Eu guardara toda aquela dor... minha mãe... tudo que tinha visto! Quando consegui me controlar um pouco, lembrei da história dos pacotes lançados. Ela não sabia do que eu estava falando. Contou que não ficara no campo feminino de Birkenau. E eu que assumira tantos riscos por uma desconhecida que se fazia passar por Raquel! Eu até achava que a voz era um pouco diferente, mas tudo lá era diferente... e não podia distinguir, via apenas a silhueta. Fico feliz, ainda assim, de ter podido ajudar aquela mulher, que certamente precisava de ajuda tanto quanto minha irmã.

Aconteceu de algum membro do Sonderkommando a seu redor reconhecer alguém da própria família na câmara de gás?

Sim, aconteceu comigo...! Isso aconteceu pouco tempo antes da revolta no Sonderkommando, no momento das últimas aplicações de gás no Crematório. Por acaso estava na sala em que se despiam quando chegaram prisioneiros selecionados no hospital do campo. Deviam ser cerca de duzentas a trezentas pessoas; todas sabiam por que estavam ali. De repente, ouvi alguém chamar: “Shlomo!” Fiquei surpreso e me volvei para ver quem podia estar chamando. A voz repetiu: “Shlomo! Não está me reconhecendo?” Olhando o homem que tinha falado, acabei percebendo que era o primo do meu pai, Léon Venezia. Sua voz mudara e ele tinha somente a pele sobre os ossos. Tinha sido

deportado no mesmo comboio que eu, mas não havia sido selecionado para o Sonderkommando. Contou ter trabalhado nas tubulações da água. Tinha sofrido uma pancada no joelho, que inchou, e ele por isso fora mandado ao hospital. Mas aquilo não era um local de restabelecimento, e quem não se curasse naturalmente em poucos dias corria o risco de ser selecionado para a câmara de gás. Foi, infelizmente, o que aconteceu com ele: sem cuidados, o joelho inchara ainda mais e ele tinha sido escolhido, no momento da seleção. Suplicou-me que fosse falar com o *SS-Unterscharführer* que estava de guarda e o convencesse de poupá-lo para o Sonderkommando. Tentei explicar que estávamos todos na mesma situação e que isso não adiantaria. Ele, porém, insistiu, e eu, para o acalmar, procurei o alemão. Com um gesto de mão, ele respondeu: “*Ah! Das ist scheißegal!*” (Não tenho nada a ver com isso!) Voltei até Léon e, para mudar de assunto, perguntei se estava com fome. Sabia que ele certamente não comia grandes coisas havia muito tempo. É claro, foi o que ele confirmou. Fui correndo buscar um naco de pão e sardinhas em lata que tinha debaixo da cama e voltei às pressas, para não correr o risco de... Dei todas aquelas coisas a ele. Ele não perdeu tempo em mastigar e engoliu tudo, como se fosse água, tão esfomeado estava. Depois veio a sua vez de entrar na câmara de gás. Foi um dos últimos e o alemão começou a gritar. Tomei-o pelo braço, enquanto ele continuava a me fazer perguntas que muito me perturbaram: “Quanto tempo dura, até morrer? É muito sofrido?” Não sabia o que responder, então menti dizendo que não durava muito e que não se sofria. Na realidade, passar de dez a 12 minutos buscando ar é um tempo muito longo, mas disse aquelas mentiras para o tranquilizar e acalmar. O alemão ainda gritava, nós nos abraçamos e ele entrou. Foi o último, o alemão fechou a porta logo depois. Meus companheiros me apoiaram e me afastaram, para que não me deparasse com ele ao abrir a porta da câmara de gás. Já era difícil tê-lo visto naquela situação. Quando o levaram para os fornos, eles chamaram meu irmão e eu, para recitar um *kadish* antes de queimar o corpo.

Houve um outro episódio que preciso contar. Um dia, falando em uma escola, uma menina me perguntou se alguém, alguma vez, saíra vivo da câmara de gás. Seus colegas zombaram, como se ela nada tivesse compreendido. Como sobreviver naquelas condições, ao gás mortal estudado para matar todo mundo? Impossível. Apesar de tudo, por mais absurda que a pergunta pudesse parecer, era pertinente, pois isso de fato aconteceu.

Poucas pessoas viram e podem contar tal episódio; no entanto, é verídico. Um dia, após a chegada de um comboio, quando todos haviam começado a trabalhar normalmente, um dos homens encarregados da retirada dos corpos da câmara de gás ouviu um barulho estranho. Não era tão inusitado ouvir ruídos bizarros, pois às vezes o organismo das vítimas continuava a soltar gás. Porém, naquela ocasião, ele achou o barulho diferente. Paramos para prestar atenção, mas ninguém entendeu coisa alguma. Achamos que ele certamente havia imaginado vozes. Alguns minutos depois, ele parou de novo e disse que, com certeza, voltara a ouvir um estertor. Prestando bem atenção, também nós, efetivamente, ouvimos o som. Era uma espécie de gemido. De início, os barulhos eram espaçados, depois os intervalos foram ficando mais próximos, até se tornarem um choro contínuo que todos identificamos como o de um recém-nascido. O homem que o ouviu primeiro foi ver de onde exatamente vinha o barulho. Passando por cima dos corpos, encontrou a origem dos pequenos gritos. Tratava-se de uma garotinha de apenas dois meses, ainda agarrada ao seio da mãe, do qual tentava sugar em vão. Ela chorava por não sentir mais fluir o leite. Ele pegou a criança e a tirou da câmara de gás. Sabíamos que era impossível mantê-la conosco. Impossível escondê-la ou fazer com que os alemães a aceitassem. De fato, assim que o guarda viu o bebê, não pareceu aborrecido por ter que matá-lo. Um só tiro, e a menininha que tinha milagrosamente sobrevivido ao gás estava morta. Ninguém podia sobreviver. Todos deviam morrer, inclusive nós: era só uma questão de tempo.

Há poucos anos, tive oportunidade de perguntar ao chefe de seção do maior hospital pediátrico de Roma como se explicava aquele fenômeno. Ele respondeu que não é impossível que a criança, que estava mamando, tenha se isolado graças à sucção do seio da mãe, e isso pode ter limitado a absorção do gás mortal.

Lembra-se de outras pessoas, de outros rostos vistos antes de morrer?

Sim, me lembro, por exemplo, de um homem de uns 40 anos de idade, que chegou com um comboio de deportados da Bélgica. Estava na sala de autópsia, sentado na grande laje de pedra. Observei-o por acaso, passando diante da sala, que tinha a porta entreaberta. Imediatamente notei que tinha todo um lado do rosto e do pescoço aberto, rasgado, coberto de sangue. Assim que me viu, disse em francês: “Quero morrer.” “O que você fez?”, perguntei, apontando para o

seu rosto. Explicou que tentara se suicidar com uma lâmina de barbear, no trem. Podia-se ver a carótida, mas as veias certas não tinham sido atingidas e o ferimento não fora mortal. Os alemães o tinham deixado ali, para se ocupar dele depois. Suponho que o tenham executado logo em seguida. Não o vi mais.

Está se referindo à sala de autópsia do Crematório II?

Não. É verdade, a sala de autópsia se encontrava no Crematório II. No III, que era idêntico e construído como imagem espelhada, a sala de autópsia servia, na realidade, para a fundição de ouro. Havia uma mesa e, em geral, dois judeus tchecos, especialistas na fundição do ouro, que faziam lingotes a partir das joias e dos dentes de ouro encontrados com as vítimas. Foi nessa sala que vi o homem.

Nunca entrei na verdadeira sala de autópsia, no Crematório II, porque nunca tive qualquer motivo particular para entrar ali. Uma vez, no entanto, estando no Crematório II, o corpo de um oficial russo foi trazido para ser analisado pelo dr. Nyiszli, o médico judeu húngaro assistente de Mengele. Muitos oficiais SS estavam presentes para assistir à autópsia. Suponho que Mengele também estivesse presente, mas não o poderia reconhecer. Quando terminaram, foi preciso pegar o cadáver para levá-lo aos fornos. O pobre homem, ainda todo aberto, tinha as vísceras expostas. Nada mais nos impressionava, mas ver daquela maneira seu intestino se desenrolando no chão e se arrastando por sete ou oito metros foi uma imagem marcante.

Lembro também da chegada de um comboio incomum de italianos. Acho que eram italianos, mas apenas os vi chegando na rampa, não foram enviados ao meu Crematório. Felizmente, aliás, pois eu teria me sentido mal vendo italianos ou gregos sendo enviados para a câmara de gás em meu Crematório. Deduzi que eram italianos pelo fato de o comboio vir com soldados usando o barrete do uniforme militar italiano, com o pompom e o mosquete característicos. Quando o trem chegou, os alemães não abriram imediatamente as portas para a saída dos deportados. Eles permaneceram no trem, enquanto os alemães reuniam os soldados italianos, vinte ou 25 deles, em fileiras duplas. Fizeram-nos passar pela Lagerstrasse. Não sei exatamente o que aconteceu com eles, suponho que se juntaram aos prisioneiros de guerra, a menos que tenham sido executados. Não ouvi mais falar deles. Somente depois de terem ido

embora é que os deportados judeus desembarcaram do trem e foram enviados à morte em um dos outros Crematórios.³⁰

Chegou a ver ciganos no seu Crematório?

Também não; não eram enviados ao meu Crematório. Acho que no momento da liquidação do campo dos ciganos, eles foram enviados às câmaras de gás no Crematório IV.³¹ Tudo se passou durante a noite. Embora o meu Crematório fosse bem próximo do campo deles, eu nada vi, nem ouvi, quando esse setor foi liquidado.

Aliás, eu nunca vi não judeus passarem pelo gás. Sei que os ciganos foram enviados às câmara de gás, mas não os vi. Os únicos não judeus que vi no Crematório foram os russos que estavam conosco no Sonderkommando, mas eles nem mesmo trabalhavam. Uma vez, também encontrei uma jovem polonesa não judia no interior do Crematório. Era uma resistente, presa por ter pulado de um trem, ou ter tentado, não sei. Foi capturada viva e levada ao Crematório. Os alemães a deixaram na sala da chaminé, esperando para ver o que fazer com ela. Entrei, por acaso, e a vi perto da janela. Ao me ver, ela começou a berrar em polonês: “*Zyd!*” (Judeu!), aterrorizada. Entendi que não devia gostar muito de judeus... Então, não insisti e fechei a porta para deixá-la tranquila. Gostaria de ajudar, mas ela parecia não querer. Não sei o que lhe aconteceu em seguida, é provável que tenha sido executada com uma bala na nuca.

Quais eram as relações com os prisioneiros poloneses não judeus?

Em Birkenau, eu não tive propriamente contato com eles, afora o terrível kapo, no período da quarentena. No entanto, sei que os preparativos da revolta do Sonderkommando se fizeram em coordenação com a Resistência polonesa no campo e no exterior. Circulava o boato entre nós de que os resistentes de fora do campo faziam as coisas se arrastarem o quanto mais possível e aproveitavam para pedir mais dinheiro para a compra de armas. Certo é que não pararam de adiar o início da revolta. Para nós, cada dia perdido correspondia a um acréscimo de centenas de vítimas e também ao nosso fim certo. Para eles, cada dia passado significava mais dinheiro para armamento e maior esperança de serem salvos pelo avanço das tropas soviéticas. Mas se

fôssemos esperar pelos russos, a revolta não ocorreria antes do mês de dezembro: somente nesse momento se ouviram os tiros de artilharia se aproximando.

³⁰ O fato de os guardas italianos encarregados da vigilância dos transportes chegarem até o interior, à *Bahnrampe*, também foi mencionado por outros sobreviventes italianos, sobretudo aqueles que trabalhavam na própria rampa.

³¹ Os primeiros ciganos deportados para Auschwitz-Birkenau chegaram ao campo em dezembro de 1942, antes até da publicação do decreto de Himmler prevendo a deportação dos ciganos para Auschwitz-Birkenau (16 de dezembro de 1942). A partir de fevereiro de 1943, eles foram sistematicamente inseridos no campo, sem passar por seleção e mantidos no setor BIIe (*Zigeunerlager*: campo para famílias ciganas). Em 22 de março de 1943, uma primeira *Aktion* levou à morte 1.700 ciganos que teriam tifo. Quinhentos outros passaram pela câmara de gás no mês de maio. Entre maio e agosto de 1944, inúmeros ciganos foram transferidos para campos no interior do Reich. Os que restaram (2.897 pessoas) foram eliminados nas câmaras de gás de Birkenau, na noite de 2 para 3 de agosto de 1944, quando se deu fim ao *Zigeunerlager*.

CAPÍTULO V

A revolta do Sonderkommando e o desmonte dos Crematórios

A ideia da revolta já existia desde bem antes da minha chegada ao campo. Sobreviveu às diversas seleções graças a certos kapos, como Lemke ou Kaminski, que estavam lá havia muito tempo e se encarregaram de organizá-la. Kaminski era o chefe dos kapos dos Crematórios, mas era também a cabeça da revolta e um homem que todo mundo respeitava. Ele e alguns outros conseguiram estabelecer contatos com o exterior e coordenar um pequeno grupo de pessoas implicadas na organização da revolta. Os contatos se faziam, como já disse, no momento em que íamos buscar a sopa ou no campo das mulheres, a que certos homens do Sonderkommando tinham acesso especial. Eles levavam dinheiro, que passava por várias mãos até chegar aos membros da Resistência, fora do campo. Um dos homens que faziam esses contatos se chamava Alter. Era um judeu polonês bem grande e pretensioso, com quem briguei uma vez, por causa de um casquete que ele não quis devolver a um amigo meu. Só mais tarde soube por que ele ia com tanta frequência ao campo das mulheres e à cozinha. Na verdade, ia buscar pólvora que detentas judias, trabalhando na fábrica perto do campo, conseguiam.³²

Eu era jovem demais e tinha chegado havia muito pouco tempo, portanto não fiquei a par dos preparativos. Só fui informado, como todos os outros membros do Sonderkommando, no último momento. De nada suspeitei. Tudo devia permanecer secreto para evitar que um de nós, mais fraco, contasse aos alemães o que sabia, com esperança de salvar a própria pele. Tudo foi feito muito discretamente e os kapos só usavam as pessoas com experiência. Somente dois dias antes de estourar a revolta ficou evidente que algo se preparava. Mas ninguém se atrevia a falar disso abertamente. Estava no ar, mas não era confirmado.

Na véspera do dia previsto para o início da revolta (acho que era uma sexta-feira, mas sei que outros dizem sábado), fomos individualmente avisados por nosso kapo. A maior parte da revolta aconteceria no Crematório II. Todos os dias, por volta das 18h, os guardas SS passavam diante do portão do

Crematório II, para tomar posição nas torres de observação e passar a noite lá. Faziam isso tranquilamente, sem pressa, com as metralhadoras nos ombros, e às vezes inclusive os ouvíamos brincar um com o outro. O plano previa que, no momento em que passassem, alguns homens abririam o portão e os atacariam, matariam e se apoderariam das armas. Nesse momento seria dado o sinal para a revolta em todos os outros Crematórios.

Tudo foi planejado em detalhes. Foi resolvido, afinal, não esperar mais pela Resistência fora do campo, pois seus responsáveis não queriam definir uma data. Creio que a revolta eclodiu naquele momento pelo Sonderkommando por parecer evidente que os últimos comboios da Hungria estavam chegando e que, em breve, não haveria mais vítimas a matar nas câmaras de gás. Seria, então, a nossa vez. Era preciso tentar o tudo ou nada. Mesmo que toda esperança fosse vã, estávamos convencidos de que era melhor agir e sermos mortos do que morrer sem nada ter tentado.

Lemke disse que nos preparássemos, mas não usou o termo “revolta”. Simplesmente disse: “Prepare-se, vamos fazer algo para tentar sair desse lugar.”

Separei, então, um casaco e uma calça que me serviriam para o momento da fuga. Geralmente, era preciso fazer um buraco nas costas do casaco e um na lateral da calça, costurando no lugar um pedaço de pano listrado, com o nosso número. Dessa vez, não fiz o buraco, simplesmente costurei o tecido listrado, de maneira a poder facilmente arrancá-lo e passar despercebido uma vez que já estivesse fora do campo. Escondi essas roupas no cômodo que servia para estocar o carvão.

Tinha, então, esperança de que o plano funcionasse?

Sim, é claro, todo mundo acreditava. A esperança nem era tanto a de sobreviver, mas a de fazer algo, se rebelar, não continuar daquela maneira. Era evidente que alguns de nós perderiam tudo naquilo. Morrendo ou não, o que importava, acima de tudo, era a revolta. Ninguém pensava se daria certo ou não, o importante era fazer alguma coisa!

A revolta eclodiria às 18h. Naquele dia, por volta das 14h, um comboio de deportados chegou à rampa. Um comboio numeroso. Normalmente, em no máximo meia hora após a chegada, os guardas do trem eram substituídos pelos SS do campo, que abriam os vagões e levavam os prisioneiros à *Sauna* ou aos Crematórios. Mas, daquela vez, nada aconteceu, ninguém veio. Não

compreendíamos por que o comboio permanecia ali, sem que nada fosse feito. Mais tarde, soubemos que, naquele exato instante, um oficial SS e dois suboficiais tinham ido ao Crematório IV e chamado duzentos homens do Sonderkommando por seus números, mandando que descessem. Os homens que se preparavam para a revolta acharam que os alemães estavam desconfiados e queriam eliminá-los antes que a rebelião tivesse início. Ninguém quis descer.

Soubemos tudo isso apenas depois, por um dos homens que estava lá: Isaac Venezia (mais um Venezia que também não era da minha família), que conseguiu passar para o nosso Crematório. Não o vi pessoalmente, mas meu irmão me disse ter ouvido de sua própria boca. Contou que o pessoal do Crematório IV pusera fogo nos colchões, desencadeando a revolta antes da hora, convencidos de que alguém os traía. Parece que chegaram a matar três alemães, antes da chegada dos reforços. Puseram fogo no Crematório e tentaram fugir. Mas foram quase todos mortos ali mesmo.

Do nosso Crematório era possível ver uma fumaça estranha se elevando do Crematório IV. Mas estávamos longe demais e sem qualquer meio de comunicação para compreender o que acontecia. Um alemão fez soar o alarme e em pouquíssimo tempo estávamos trancados no interior do Crematório. A situação era basicamente a mesma no Crematório II, exceto que, de lá, muitos homens tentaram fugir. Infelizmente não chegaram muito longe.

Eu não vi de imediato o que estava acontecendo. Lemke me mandara descer com um dos russos ao subsolo e esperar que o guarda alemão viesse. Era o que estava previsto, mas não me tinha dito o que exatamente eu devia fazer. Descemos. O russo acendeu um cigarro e tirou das roupas, de repente, um punhal e uma machadinha. Mostrou-os a mim, fazendo sinal para que eu escolhesse. Rapidamente entendi o que era preciso ser feito e peguei a machadinha. Parecia mais fácil de usar. Eu nunca tinha feito nada assim, mas era preciso, então achei que a machadinha me permitiria uma maior distância com relação à vítima. Com a arma na mão, tremendo de medo, devia esperar que o alemão descesse. O guarda em vigília naquele dia era o alemão que tinha prazer em matar as pessoas. Nosso kapo devia lhe dizer que uma saída de água no subsolo estava bloqueada e ele desceria para averiguar. Mas ele nunca desceu, provavelmente prevenido do que estava acontecendo no Crematório IV e suspeitando de alguma armadilha.

Esperamos por mais de duas horas, de armas em punho. Finalmente, um dos nossos camaradas desceu assobiando. Era o sinal combinado, para que não o confundíssemos com o guarda. Nos contou que o plano fora abortado e disse que subíssemos para nos juntar aos outros. Tudo estava em efervescência: os alemães já haviam ocupado o pátio.

O que sabiam do que acontecia, naquele mesmo instante, no Crematório IV?

Nada. Só soubemos do ocorrido no dia seguinte, pois os SS cercaram o Crematório e impediram qualquer saída. Vestiam os uniformes militares e estavam com metralhadoras pesadas, como se fossem à guerra. Lemke nos salvou a vida, ordenando que nada fizessemos. No Crematório II, os que tentaram fugir foram mortos. Se ele não tivesse sido tão firme, alguns de nós provavelmente também teriam tentado forçar a saída. Mas aguardamos.

O SS que estava de guarda em nosso Crematório e que rapidamente fugira, ao perceber que corria risco de vida, voltou com reforços. Chamou o russo que normalmente se ocupava da manutenção de sua bicicleta. Na iminência da revolta, ele tinha furado o pneu da bicicleta, para atrasar o alemão, caso quisesse informar a *Kommandatur*. Ao se dar conta disso, o alemão, louco de raiva, espancou o russo até a morte, diante dos nossos olhos. Eu me sentia aliviado por uma coisa: tinha tido tempo, vindo do subsolo, de dar a volta no Crematório e pegar as roupas escondidas no depósito de carvão. Imediatamente rasguei o número costurado, pois se descobrissem que não tinha sido furado e estando com meu número em cima, entenderiam que tinha a intenção de fugir.

Passamos a noite inteira sem nos mover e eles também não entraram.

No dia seguinte, os alemães exigiram que trinta pessoas saíssem para continuar o trabalho que não tinha sido terminado no Crematório II. Resolvi fazer parte desse grupo de trinta pessoas, tendo perdido toda esperança de sobreviver por outra forma. Os soldados ainda cercavam o Crematório e era somente uma questão de tempo até que o invadissem, se não saíssemos por conta própria. Contrariamente ao que esperava, não nos mataram ali mesmo. Fomos enviados ao Crematório II. Lá, dois ou três prisioneiros que não tinham tentado fugir ainda estavam vivos e nos contaram o acontecido. Naquele momento, não sabíamos ainda que os outros, os que tentaram fugir, tinham todos sido pegos e mortos. Contaram o que haviam feito a Karol, o kapo e

criminoso penal polonês que tinha, supunha-se, denunciado e revelado o projeto de revolta. Ele foi espancado e jogado no forno todo vestido, da maneira como estava.

Começamos a trabalhar, incinerando os corpos que restavam na câmara de gás. À noite, o turno seguinte deveria nos substituir. Mas trabalhamos 36 horas direto, sem que ninguém se preocupasse. Permitiram, finalmente, que subíssemos para descansar. Foi nesse momento que os corpos dos prisioneiros foragidos foram dispostos no pátio do Crematório, antes de serem levados ao forno para serem queimados. Mas foram outros detentos que o fizeram. Eles não queriam que fosse o pessoal do Sonderkommando a cremar os cadáveres dos companheiros, com o receio de que isso gerasse um segundo movimento de revolta. Em seguida, os últimos homens que haviam se recusado a deixar o Crematório III foram enfim transferidos para o II e se juntaram a nós.

O Crematório III não foi mais utilizado a partir daquele momento e começou a ser desmontado pouco tempo depois da revolta. O Crematório IV já estava fora de uso, pois os integrantes do Sonderkommando tinham conseguido explodi-lo no momento da revolta. Estávamos no início de outubro e apenas o II continuava a funcionar. Mas não mais no mesmo ritmo que antes; os comboios não chegavam mais com tanta regularidade.

Vocês, então, não sofreram represálias?

Estávamos convencidos de que viriam, que os alemães nos usavam por precisarem ainda de nós, mas que não tardariam. Não sei quantos homens ainda estavam vivos nos Crematórios IV e V, mas não deviam ser muitos. Devíamos ser, praticamente, os únicos ainda com vida.

Os alemães fizeram uma lista dos vivos e dos mortos e concluíram que faltavam duas pessoas. Convocaram Kaminski, o *Oberkapo* dos Crematórios, para saber quem eram as pessoas que faltavam e onde estavam. Tratava-se de Ivan, um russo, e de Karol, o polonês. Kaminski explicou o que acontecera a Karol e disse que ele havia sido cremado. Não quiseram acreditar. Para provar que era verdade, foi preciso procurar nas cinzas, até encontrar os botões metálicos do casaco que Karol sempre usava. Soubemos, em seguida, que os alemães vieram procurar Kaminski por volta das quatro horas da manhã para levá-lo. Não o vimos mais.

Ainda faltava Ivan, e enquanto não fosse encontrado o alarme continuaria soando sem parar. Ele finalmente foi encontrado, em um vilarejo, duas semanas depois. Foi trazido vivo para ser morto no Crematório. Todos os demais russos foram transferidos. Ficamos sozinhos no Crematório e os alemães passaram a nos vigiar com mais rigor. Não tínhamos mais qualquer margem de liberdade dentro do Crematório. Inclusive trouxeram reforço militar alemão para a vigilância. Foi a primeira vez que esses soldados entraram no pátio do Crematório. Entre eles, notei um SS que parecia curioso de ver o que havia lá dentro. Ele hesitou, pois provavelmente não tinha esse direito. Mesmo assim, desceu e rapidamente voltou. Suponho que tenha chegado, no máximo, à sala de se despir. Não viu cadáveres. Ele queria saber, mas nada viu.

Afora a vigilância maior, não lhes deram outras punições?

Alguns dias depois, um oficial e dois soldados vieram a nosso Crematório. Deram o toque para que nos reuníssemos e nos fizeram entrar na sala dos fornos em grupos de cinco. Esperando diante da porta, todos estávamos convencidos de que nos matariam. Não sabíamos o que acontecia lá dentro e não víamos qualquer pessoa sair. Coloquei-me entre os últimos da fila. Como sempre, aliás, pois nesses casos prefiro ter algum tempo para entender o que se passa e me preparar da melhor forma possível. Fumei os últimos cigarros que tinha, por ansiedade e aflição. Combinamos com os que entravam antes de nós que, se vissem que seriam mortos, comessem a gritar, para nos avisar. Teríamos reagido por desespero, sem a menor chance de salvação, mas apenas para não morrer como carneiros.

Quando chegou a nossa vez de entrar, nos ordenaram a formação de quatro grupos de cinco prisioneiros e que nos colocássemos diante dos fornos. Dois SS se mantinham de pé nos dois cantos da sala e nos olhavam. O oficial estava no centro e dava as ordens. Mandou que nos despíssemos. Eu disse a mim mesmo : “É isso, é o fim!” Depois, disseram que colocássemos nossas coisas juntas, dois metros a nossa frente. Permanecemos assim, imóveis, nus, suando, esperando para ver o que aconteceria. Dois alemães entraram na sala e revistaram todas as roupas. Depois, constatando que não tínhamos facas, revólveres nem nada nesse gênero, mandaram que nos vestíssemos. E tivemos que voltar ao trabalho.

O senhor disse que os comboios praticamente não chegavam mais. O que faziam, então?

Por volta do final de outubro, veio a ordem de começar o desmonte dos Crematórios. Continuamos a trabalhar ocasionalmente no Crematório II quando, apesar de tudo, um comboio chegava. Esse Crematório foi o que permaneceu mais tempo em atividade, para queimar os últimos cadáveres. Mas trabalhamos principalmente no desmonte dos outros Crematórios. Isso levou bastante tempo, pois os alemães nos fizeram retirar peça por peça. As estruturas eram bem sólidas e tinham sido concebidas para durar bastante tempo. Eles poderiam muito bem ter usado dinamite, mas queriam desmontar metodicamente todo o interior da estrutura: os fornos, as portas da câmara de gás e todo o resto. E isso devia ser feito pelo pessoal do Sonderkommando, pois éramos os únicos que podiam ver o interior das câmaras de gás. No momento de desmontar a estrutura externa, no entanto, outros deportados, entre os quais as mulheres de Birkenau e os prisioneiros de Auschwitz I, foram designados para a tarefa.

De vez em quando, eu conseguia me infiltrar no grupo que trabalhava fora, no desmonte da estrutura externa. Isso me permitia tomar um pouco de ar e eu tentava ter notícia de pessoas que conhecia. Um dia, estando lá fora com um grupo que desmontava uma torre de vigilância, furei minha mão com um prego enferrujado. De início, a dor era suportável. Mas a ferida rapidamente infeccionou. A dor subia ao longo do braço, até a axila, onde os gânglios inflamados me fizeram um mal atroz. Tive febre, mas nós do Sonderkommando não podíamos ir ao hospital como os outros. Um médico judeu que fazia parte de nosso grupo disse que era preciso abrir para retirar o pus.

Ele pegou, então, um bisturi e me colocou em uma cadeira. Três ou quatro homens me seguraram firme, pois, é claro, não havia anestesia. No momento em que o médico se preparava para a operação, ouvimos estampidos de tiros vindos do pátio do Crematório. Os que podiam se aproximaram da janela e viram uma caminhonete, que transportava cinco ou seis russos trazidos de Auschwitz para nosso Crematório. Achando que seriam mortos, os russos se atiraram sobre os soldados, ao sair do veículo. Não podendo fazer grandes coisas, foram massacrados como cães. Lembro de ter pensado: “Eu, que estou

doente, serei tratado, enquanto esses homens em boa saúde são abatidos como animais.”

O médico continuou; abriu meu braço e eu vi estrelas! Saiu muito pus. Não havia gaze para o curativo, mas achamos papel higiênico dentre as diferentes coisas que vinham com as vítimas. Serviu como curativo, com um pouco de água de colônia no lugar do álcool, para desinfetar a ferida. Me recuperei em poucos dias, pois ainda era bem forte. É claro, não podia em absoluto dizer que estava doente. Felizmente o trabalho não era mais tão extenuante e pude, então, evitar usar a mão, sem mostrar ter algum problema.

Teve notícia de pessoas que conhecia?

Tive. Entre os que vieram trabalhar na desmontagem dos Crematórios, encontrei meu cunhado, que fazia parte de um grupo de prisioneiros vindo de Auschwitz. Era um bom carpinteiro e, estando no campo há bastante tempo, tinha conseguido uma posição que lhe garantia algumas vantagens. Podia não ter vindo fazer aquele trabalho, mas tinha curiosidade com relação ao que acontecia naquelas estruturas e queria ter notícias nossas. Já conseguira encontrar minha irmã e inclusive colocá-la em segurança, em um *kommando* de costureiras. Quando o vi, pedi que repassasse à minha irmã um saquinho que eu encontrara, com vários dentes de ouro...

Eu os achei remexendo no pátio do Crematório. Era sabido que os homens do Sonderkommando tinham costume de enterrar diversos objetos de valor para escondê-los. Com o fim dos comboios, já não conseguíamos pôr de lado grandes coisas e nem mais separar tantos alimentos. Eu, então, entrei em acordo com um outro grego de Salônica, Shaul Hazan, para que fosse meu *Shutaf*, isto é, meu “parceiro” nas buscas. Tudo que encontrávamos era automaticamente repartido entre os dois. Enquanto um procurava, o outro ficava de vigia. Assim ele encontrou, escavando o chão, o saquinho cheio de dentes de ouro. Imediatamente o escondemos em outro local. De vez em quando, pegávamos um dente, que trocávamos por um pedaço de pão.

Minhas buscas também foram recompensadas. Me lembrei que o guarda alemão do Crematório II tinha sempre um cão junto dele. Um dia, o animal se aproximou um pouco demais do arame farpado e foi eletrocutado. Para o alemão, a morte do animal foi uma verdadeira tragédia, pois a vida de um cachorro, para ele, valia bem mais do que a vida de mil judeus. Naquele dia, ele

se vingou em nós, sem nos dar um momento de descanso. Depois mandou uns russos empalharem o cachorro. A carne do animal não foi toda para o lixo, e eu soube que certos prisioneiros a comeram. Inclusive meu irmão.

O alemão tinha mandado construir uma bela casinha para o cachorro no pátio do Crematório II. Era de tijolos e parecia de verdade, com um pequeno tapete na entrada. Com o total desmonte do Crematório, ela também devia desaparecer. Tive uma satisfação muito particular ao destruir a casinha. Com uma picareta, caprichei no trabalho. Tinha vontade de matar todo mundo, quebrar tudo, tudo que eu pudesse destruir daquele local me deixava feliz, queria acabar com tudo aquilo. Destruir o máximo que pudesse... Não sabíamos o que ainda podiam fazer de nós, então, quanto mais destruíssemos, melhor nos sentíamos. Aquele cachorro tivera direito a mais respeito e conforto do que nós. Eu estava feliz de poder destruir a casinha. O chão, no interior, era também de tijolos. Quebrei cada um deles, até perceber um objeto brilhando, escondido por debaixo. Retirando o cascalho, achei uma magnífica cigarreira de ouro. Na lateral, um mecanismo transformava a cigarreira em isqueiro. Abri e encontrei, lá dentro, uma nota de 1.000 dólares dobrada. Nunca tinha visto aquilo! Fui imediatamente mostrar a descoberta a meu *Shutaf* e a escondemos em outro lugar do pátio.

No dia em que vi meu cunhado, resolvi lhe entregar minha parte do ganho, para ajudar minha irmã. Fui avisar Shaul, que tentou me dissuadir, com medo de que alguém nos visse e achasse nosso esconderijo. Insisti e ele foi obrigado a aceitar. Infelizmente ele tinha razão, pois alguém nos viu e quando, mais tarde, ele voltou para pegar a sua metade, não havia mais nada.

Dei minha cota de dentes de ouro à minha irmã. Queria ajudá-la a fim de que tivesse o suficiente para comer e forças necessárias para não ficar doente. Eu já tinha trocado a cigarreira de ouro por dois pães redondos e um pedaço de salsicha, e só. Não valia mais do que isso, para se ter uma ideia do preço da comida no campo... Ao menos isso nos permitia sobreviver mais alguns dias.

Naquela época, quando os trabalhos de desmonte chegaram ao telhado do Crematório, os homens que haviam sobrado do nosso grupo voltaram a dormir no campo masculino. Então voltamos ao barracão isolado do campo dos homens, onde tínhamos passado as primeiras noites, já no Sonderkommando. Éramos apenas setenta no barracão e não faltava, portanto, espaço para guardar nossas coisas. Continuávamos formalmente proibidos de ter contato com os

outros prisioneiros. Em geral, o SS nos levava até a entrada do setor do campo masculino e encarregava um de nós de assegurar que ninguém saísse do barracão. Se alguém saísse, o encarregado dessa vigilância era também severamente punido.

Na noite de 17 de janeiro, excepcionalmente, o guarda SS nos acompanhou até o barracão e disse que estávamos absolutamente proibidos de sair. Inclusive acrescentou, como se já não o soubéssemos: “Coitado de quem tentar!” O fato de ele insistir, daquela maneira, em algo que era evidente para todos nós pareceu suspeito. Ainda mais porque, voltando ao barracão, tínhamos passado por várias filas de prisioneiros saindo do campo como se fossem trabalhar, já ao cair da noite (deviam ser, mais ou menos, 18h). No caminho, eu discretamente perguntei a alguém: “*Was ist?*” (O que está havendo?) A pessoa respondeu baixinho: “*Evakuieren!*” Não tardei a compreender que, se todo mundo estava sendo evacuado, exceto o Sonderkommando, ao qual se ordenara, com insistência, que não se mexesse, é porque tinham a intenção de nos prender em uma armadilha como ratos, e nos matar. Entramos no barracão, mas assim que o alemão se afastou saímos e fomos nos juntar, discretamente, aos grupos que saíam do campo...

Vários grupos, cada um com milhares de prisioneiros, foram formados, pois era impossível enviar todo mundo ao mesmo lugar. Primeiramente nos encaminharam a Auschwitz I, para nos juntarmos a outros prisioneiros também prontos a serem evacuados. A noite já seguia bem avançada. Em Auschwitz I reencontrei meu cunhado, assim como outras pessoas que eu conhecia, como o seu primo Joseph Mano, além de outros mais. Cada um recebeu três porções de pão e um pequeno pedaço de margarina, para a viagem. Temendo ser roubado, preferi engolir tudo imediatamente e garantir pelo menos isso no estômago.

Era pleno inverno; lá fora, tudo estava gelado ou coberto de neve. Fazia um frio bestial. Mas eu estava feliz, sabendo que deixava aquele lugar e, sobretudo, por ter escapado do extermínio programado do Sonderkommando. De vez em quando, durante a noite, um alemão passava entre os prisioneiros e berrava: “*Wer hat im Sonderkommando gearbeitet?*” (Alguém aqui trabalhou no Sonderkommando?) Evidentemente, ninguém respondia. Mais tarde, continuaram a fazer a pergunta regularmente, durante todo o trajeto, pois não tinham outro meio de nos localizar. Naquela noite, que precedeu a chamada

“marcha da morte”, eu não dormi nem um pouco. Não havia espaço para todo mundo e passei a noite apertado entre os outros, de pé. Ainda assim, tive a sorte de conseguir entrar em um barracão, pois alguns passaram a noite do lado de fora.

Na manhã do dia seguinte, deixamos Auschwitz. Na minha coluna, devíamos ser umas 5 ou 6 mil pessoas. Caminhamos dias inteiros, sempre de cinco em cinco, naquele frio glacial. De noite, parávamos em algum vilarejo ou estábulo e devíamos nos arranjar, como pudéssemos, para encontrar um lugar em que fosse possível descansar um instante. Os mais espertos conseguiam um lugar no interior, os outros ficavam fora. Muitos morriam de frio durante a noite, ou ficavam com os pés congelados. Quando não podiam mais andar, eram abatidos ali mesmo. Arrastavam-se os pés, havia sede, frio, fome... mas era preciso andar, andar e continuar andando. Os que caíam extenuados ficavam para trás e eram executados pelos SS que fechavam a marcha. Os próprios prisioneiros deviam jogar os corpos nos barrancos da estrada.

Isso durou, dessa maneira, dez ou 12 dias.

Passaram por civis, na estrada?

Sim, muitas vezes, apesar de os alemães terem evitado que passássemos por cidades e preferissem as estradas secundárias, de onde se viam apenas fazendas isoladas. Os moradores nos olhavam passar e provavelmente também se sentiam aterrorizados. Eu gostaria de prestar uma homenagem a uma velha polonesa que estava em nosso caminho, no segundo dia. Ela jogou para nós três ou quatro pães grandes. Fui um dos sortudos que conseguiu pegar um deles. Era formalmente proibido pelos alemães, mas enquanto pôde nos lançou os pães e depois se afastou.

Várias vezes consegui coisas na estrada, ou não teria conseguido sobreviver. Em um fim de tarde, por exemplo, paramos em uma granja. Ao entrar, vi uma pequena lucarna no chão e a quebrei para passar pelo buraco. Era preciso descer, mas eu nada enxergava. Disse a meu irmão e a Yakob que me segurassem pelas mãos e me fizessem descer devagar. Não era muito fundo e os outros vieram se juntar a mim. O camponês tinha improvisado um pequeno esconderijo no subsolo para estocar suas batatas debaixo de areia. Assim que as vimos, nos jogamos sobre elas e as devoramos.

Em outra ocasião, dormi em um estábulo, sobre o feno. O lugar era espaçoso e o feno garantia um pouco mais de calor. Estávamos absolutamente mortos de cansaço e sem forças, mas os alemães só nos deixavam dormir algumas poucas horas, nos fazendo partir à primeira luz do dia. Alguns de nós resolveram ficar escondidos no feno. Os alemães, porém, avisaram aos berros que ateariam fogo à granja ao ir embora. Fomos correndo nos juntar aos outros, discretamente entrando nas filas.

No fim de três ou quatro dias, chegamos a uma pequena estação férrea em pleno campo, onde nos esperavam alguns trens abertos, como os que são usados para o transporte de carvão. No trem, estávamos tão apertados que ninguém podia se mover. Impossível sentar. A neve nos batia no rosto, no ritmo do trem. Continuamos assim por dois dias, sem parar e sem comer.

A todo mundo parecia evidente que os alemães iam acabar nos abandonando em algum lugar, para não atrasar a própria fuga. Acho que por isso poucas pessoas a nossa volta tentaram fugir. Na realidade, não: várias pessoas fugiram, quando a ocasião se apresentou. Quando o trem parou, um alemão autorizou que alguns descessem para fazer suas necessidades. Muitos aproveitaram para fugir, mas não sei até onde podem ter chegado. Eu mesmo nada tentei, pois estava plenamente convencido de que nos largariam sozinhos no campo, para eles próprios poderem fugir mais facilmente, diante do avanço das tropas soviéticas. E estava claro que não sabiam para onde nos mandar. Não quis correr o risco de levar um tiro tentando a fuga e morrer pouco antes de os alemães nos deixarem livres. Isso acabou não acontecendo e passei ainda quatro meses preso em campos.

Muitas pessoas morreram durante a “marcha” de evacuação?

Sim, muitas morreram, em grande quantidade. Mas eu não as via propriamente, pois caíam de cansaço e ficavam no chão, até serem executadas pelos SS que vinham por último. Tentávamos ajudar algumas, quando não se aguentavam mais. Foi o caso de um menino de quem esqueci o nome. O irmão dele, Jacquot Maestro, era um rapaz alegre e esperto que muitas vezes tinha nos dado informações no campo. O menino começou a vomitar sangue durante a caminhada. Para não o abandonar, eu e um outro o carregamos, para que tivesse tempo de se recuperar. Nós que vínhamos do Sonderkommando

tínhamos um pouco mais de forças do que os outros e tentávamos ajudar os amigos o quanto podíamos.

Contudo, no meu vagão, um sujeito que eu não conhecia morreu ao meu lado. Era um iugoslavo, o coitado já quase parecia um esqueleto. Morreu, mas estávamos tão comprimidos que o cadáver se manteve de pé, apoiado entre meu irmão e eu, sem que nos déssemos conta. O homem havia morrido, mas estávamos como animais. Meu primeiro reflexo foi de remexer os seus bolsos, com a ideia absurda de que talvez houvesse algo comestível. Achei apenas um crucifixo de madeira e o guardei, pensando que, se por um milagre conseguisse me libertar, poderia ser acolhido com mais facilidade por camponeses, que não achariam que eu era judeu. Depois abrimos um pouco de espaço e deitamos o cadáver no chão, podendo nos sentar em cima. No dia seguinte, quando o trem parou para se reabastecer de carvão, eu disse ao alemão que havia um morto em nosso vagão. Entendi pela sua resposta que devíamos jogá-lo. Quando o erguemos, porém, ele exclamou: “*Nein! Nicht hier. Später!*” (Não, aqui não, mais tarde!) Quando o trem voltou a andar, tivemos de lançar o cadáver de qualquer maneira, pois o cheiro já estava ficando forte.

O trem parou em um lugar onde os trilhos tinham sido bombardeados e nós continuamos a pé por mais um dia. Depois, embarcamos em barcas de transporte de mercadorias, no Danúbio. O frio continuava insuportável, mas pelo menos tínhamos um teto. Pela primeira vez em muito tempo, nos distribuíram sopa e passamos a noite na barcaça. No dia seguinte, por volta das cinco horas da manhã, nos fizeram sair e atravessar uma ponte na qual havia uma placa indicando: “Linz”. Foi dessa maneira que descobri que estávamos na Áustria. Atravessando a cidade, vi uma mulher que jogava fora seu lixo. Ao passar por perto, saltei na calçada e rapidamente abri a lata de lixo. Peguei um punhado de cascas de batata e as joguei para dentro da camisa. Outros tentaram fazer o mesmo, mas um guarda os viu e começou a bater com o cabo do fuzil. Consegui guardar minhas cascas e as comi: tinham um cheiro horrível... mas alimentavam! Um pouco adiante, passamos por um campo cultivado. Com os pés, tentamos escavar um pouco a terra, com esperança de encontrar restos da colheita. Em certo momento, tive a sorte de pôr minhas mãos em uma batata inteira; peguei-a discretamente e a coloquei no bolso: mas era apenas uma pedra. À noite, dormimos perto de um galinheiro. Tentamos em grupo agarrar uma galinha, mas não conseguimos. Teria sido capaz de

comer uma galinha crua, se conseguisse pegá-la! Mas encontramos ovos, imediatamente engolidos. No dia seguinte, finalmente chegamos a Mauthausen.

³² Róza Robota, Ella Gärtner, Ester Wajcblum e Regina Safirsztajn, que trabalhavam no *Kanada* e na Weichsel-Union, foram enforcadas em público pelos nazistas, por terem passado pólvora aos membros do Sonderkommando.

CAPÍTULO VI

Mauthausen, Melk e Ebensee

Não sei em que dia, exatamente, chegamos a Mauthausen, mas creio que foi no final de janeiro. Nossa coluna de prisioneiros entrou no campo, passando sob o enorme portão de entrada. À direita do portão, havia um edifício a se contornar para chegar à *Sauna*. Ainda éramos muitos, apesar dos mortos no decorrer da viagem: foram necessários dois dias para que todo mundo passasse pela *Sauna*. Antes de entrar, no entanto, ninguém sabia o que havia ali. Os prisioneiros deviam entrar de cinco em cinco, mas não os víamos sair.

Dormi duas noites do lado de fora, para estar entre os últimos a entrar na *Sauna*. Estava com meu irmão, meus primos e outros amigos de Auschwitz. Soldados continuavam a passar regularmente, perguntando: “*Wer hat im Sonderkommando gearbeitet?*” Para evitar que nos localizassem, propus a meu irmão uma mudança de nome. Em vez de “Venezia”, eu diria me chamar, caso fosse perguntado, “Benezia”. Meu irmão não quis mudar de nome e sugeriu que talvez fosse melhor nos separarmos, para haver maior possibilidade de pelo menos um dos dois sobreviver.

Finalmente entramos, nos sentindo mais seguros, ao perceber que se tratava apenas da *Sauna* para a desinfecção. Não era grande. Como no primeiro dia em Birkenau, tivemos que nos despir completamente e outros detentos nos raspavam a cabeça e o corpo inteiro. Em seguida nos deram um número. Mas ao contrário de Auschwitz, o número não era tatuado. Auschwitz era o único lugar em que os prisioneiros eram tatuados. Eles nos deram uma espécie de pulseira de ferro, com uma placa; na minha estava inscrito o número 118554. Foi a minha matrícula em Mauthausen. Quando perguntaram meu nome respondi “Benezia”, mas não entenderam direito e anotaram “Benetti”.

Após o chuveiro, tivemos que sair e nos colocar em fileiras de cinco, nus e molhados como estávamos, na neve e no frio. Foi preciso esperar até que fôssemos cinquenta na fila para nos dirigirmos ao barracão que se encontrava no fundo, à esquerda. Mesmo vestidos, o frio teria sido absolutamente insuportável. Nus, saídos do chuveiro, não se pode imaginar a dor. Mas o guarda que nos escoltava se manteve impassível. Esperou e nos impediu de

andar rápido demais para o barracão. Pelo lado de fora, parecia semelhante aos de Birkenau, só que, assim me parece, era preciso subir dois degraus para entrar. Lá dentro, nada, cama alguma. Os únicos pontos positivos eram um linóleo cobrindo o chão e as janelas não estarem quebradas, podendo nos isolar um pouco do frio.

Ficaram nus, inclusive para dormir?

Exatamente: nus e apertados como sardinhas em lata, pois não havia espaço suficiente para todo mundo. No dia seguinte pela manhã, por volta das 10h ou 11h, oficiais SS vieram buscar, mais ou menos, umas trezentas pessoas. Fomos chamados por ordem alfabética. Fiquei no mesmo grupo que meus dois primos Gabbai, mas sem meu irmão. Enfim, nos enviaram a um outro barracão e nos deram algo para vestir. Também recebemos uma sopa e nos enfiaram de novo nos vagões. Fomos transferidos para um novo campo: Melk.

O trajeto durou sete ou oito horas, não mais que isso. Os barracões eram diferentes daqueles que eu conhecia; mais compridos. Era preciso subir alguns degraus para entrar. Camas superpostas estavam enfileiradas, mas não havia o bastante para todo mundo. Os que não conseguiam uma cama vazia tinham um problema pela frente, pois ninguém queria dividir o lugar conseguido. Era preciso encontrar um espaço dentro daquele sistema, mesmo que isso significasse dar alguns empurrões. Eu nem sempre conseguia arranjar um lugar, mas em geral me virava muito bem.

O trabalho estava organizado em três turnos de oito horas (às quais se acrescentavam duas horas de ida e duas outras de volta, entre o campo e o local de trabalho). Ao chegar, ainda havia pessoas dormindo e era preciso dar um jeito para arranjar um lugar; ser forte o bastante para empurrar os outros e tomar seu lugar. É por isso que eu disse que não havia solidariedade. A gente dormia sob uma espécie de esteira, sem se despir. Se tirássemos o que fosse, mesmo os sapatos, nos roubavam. E para recuperá-los, era preciso pagar uma ração de pão.

Em que consistia o trabalho?

Trabalhei no *kommando* de carpintaria, em um canteiro que pertencia a civis austríacos. Naquele campo, o trabalho consistia em construir galerias na

montanha. Ao chegarmos à praça principal do canteiro de obras, os contramestres chamavam determinada quantidade de pessoas, para tal tipo de trabalho. Com meu cunhado, primos e amigos, conseguimos formar um pequeno grupo de umas cinquenta pessoas que se conheciam. A gente sempre se esforçava para se manter juntos e fazer sempre o mesmo tipo de trabalho. Os contramestres e os outros supervisores eram austríacos, mas também havia guardas SS e kapos. Meu grupo devia abrir galerias, o que dava a vantagem de nos manter no calor e também distantes dos guardas alemães, que ficavam do lado de fora. Civis austríacos entravam de vez em quando, para controlar. Mas, geralmente, não precisavam entrar para saber se trabalhávamos rápido o suficiente. Bastava ver o ritmo com que o transportador a correia, cheio de terra, saía da galeria. Eram trabalhos forçados e faltavam comida e descanso; afora isso, não era tão cansativo.

E os civis austríacos, como se comportavam com vocês, em geral?

Não nos davam ordens, apenas instruções sobre o que se devia fazer. Precisavam de mão de obra, mas se trabalhássemos mais ou menos rápido, não era problema deles. Certamente se davam conta de que alguns de nós estavam tão fracos que mal conseguiam erguer os próprios braços. Às vezes, levantavam a voz, mas nunca chegavam à violência. Os que vi, em todo caso. Com relação aos outros, não sei.

Um dia, no entanto, não tive sorte. Não consegui alcançar meu grupo habitual. Alguém devia ter se infiltrado nele, para evitar um trabalho mais puxado. Tomou meu lugar e fui obrigado a trabalhar em outro *kommando*. Fui parar em um grupo que trabalhava do lado externo, fora da galeria. A tarefa era puxar pequenos vagões que transportavam cimento. Chegando perto da galeria, devíamos subir com o vagãozinho num monta-cargas e novamente empurrá-lo pelos trilhos até o local onde os prisioneiros o esvaziavam. O trabalho era extremamente penoso.

Puxei o vagonete com um italiano não judeu. Nem sequer perguntei seu nome, a única coisa da qual me lembro foi que me disse ser siciliano. A gente nem pensava em conversar. Para que desperdiçar forças? Em certo momento, senti que o vagão se tornava cada vez mais pesado nas minhas costas. Parei de puxar e, com isso, o vagão parou. O colega fingia puxar, mas, na verdade, deixava que eu ficasse sozinho com quase todo o peso da carga. Me irritei, pois,

é claro, não queria fazer todo o trabalho sozinho. Se o transporte perdesse o ritmo por nossa culpa, com certeza o alemão ou um kapo viria nos bater. Retomamos o trabalho. Nos primeiros metros, o peso voltou a estar equilibrado. Mas no final de um certo tempo, senti a carga nos meus ombros ficar mais pesada e, de fato, quando parei, o vagonete também parou. Então, realmente me enfureci e ameacei bater nele se me deixasse, mais uma vez, ficar com todo o peso. Estava com muita pressa de que aquele dia terminasse e não queria correr o risco de apanhar por culpa dele! No dia seguinte, felizmente, consegui me reintegrar ao meu grupo habitual.

Estava particularmente frio, naquele período. O kapo do barracão queria que trouxéssemos conosco coisas que lhe pudessem servir de combustível para se aquecer em seu quarto. Em troca disso, nos servia um pouco mais de sopa. Às vezes, trazíamos o pano grosso em que o cimento era transportado, ou então pegávamos pedaços de lenha. Como era proibido carregar o que quer que fosse para o campo, a gente dava um jeito de fazer pequenos pacotes e os ajeitar em volta do corpo, sob a camisa. Isso ajudava a sentir menos frio no caminho, pois o vento e o frio se infiltravam menos facilmente com aquela pequena proteção por baixo da roupa. Porém, um dia, entrando no campo, nosso grupo foi fiscalizado pelos guardas da entrada. Todo mundo abriu a camisa para se livrar dos pedaços de madeira, antes que os alemães os achassem conosco. Se fôssemos pegos com eles, podíamos receber pancadas aos montes, como punição e para servir de exemplo aos outros. Na verdade, fizeram isso para pegar a lenha e usar em benefício próprio.

O que vocês comiam?

Quando saíamos do campo, recebíamos uma espécie de chá, sem açúcar, é claro. Sua única qualidade era a de ser quente. Por volta das 11h30, um kapo fazia soar a hora da sopa: uma sopa de repolho com cascas de batatas. Quem servia a sopa nunca a misturava, e os primeiros, então, recebiam apenas água. Ninguém queria estar no início da fila. Mas não se tinha muita escolha.

Aconteceu uma vez de eu estar entre os primeiros, no momento de servirem a sopa. É uma péssima lembrança. Eu podia ser esperto e forte, mas me saí mal. O kapo que servia a sopa era húngaro e eu sabia que ele servia maior quantidade a seus compatriotas. Fingi, então, ser húngaro também. Ao passar por ele, disse: “*Magyar!*” (Húngaro!) Mas ele não teve dificuldade, com minha

pronúncia, de ver que eu mentia. Em vez de me servir mais, me deu apenas água. Olhando minha gamela, que nada tinha de sólido, senti crescer em mim uma raiva enorme. “Como fui cair tão baixo?” A ideia de ter que esperar ainda 24 horas para comer me enlouqueceu. Olhei para os dois lados e tentei, discretamente, voltar à fila para ganhar uma outra ração. Mas enquanto tentava passar, os outros prisioneiros, me vendo, começaram a se agitar e a gritar: “Ei! Oi!” Um kapo percebeu o que estava acontecendo e veio correndo em minha direção. Tentei rapidamente voltar ao grupo dos prisioneiros que já tinham comido, mas ele não me largou. Tinha a intenção de me bater e já chegou ameaçando. No caminho, viu uma pá, pegou-a e me acertou um golpe forte nas costas. Tentei proteger a cabeça com as mãos. Ele deu uma segunda pancada, igualmente forte. Se a tivesse feito descer com a lateral, teria me aberto a cabeça. Fiquei sem ar, tanto pela dor quanto pela raiva. Eu conhecia aquele kapo e sabia que tinha prazer em matar prisioneiros. Muitas vezes, na entrada do campo, ele anunciava com orgulho aos SS que contabilizavam as entradas e saídas: “98 + 2”, significando que dois tinham morrido no trabalho, por ter ele próprio matado os coitados que deviam estar extenuados. Era um polonês ariano de quem todo mundo tinha medo. Ao erguer a pá para me acertar uma terceira vez, consegui evitar o golpe por um triz e me afastar a toda velocidade. Se eu tivesse caído, ele certamente acabaria comigo.

Naquele dia, eu chorei. Nunca tinha chorado no Sonderkommando, mas toda a raiva acabou saindo naquele momento preciso. Não chorava de dor e nem de tristeza (como depois da guerra, ao rever minha irmã pela primeira vez), mas de raiva, de amargor, de frustração...

Quanto tempo ficou trabalhando em Melk?

Não sei exatamente, mas de um dia para outro nos transferiram para um outro subcampo de Mauthausen: Ebensee. Escolheram umas duzentas ou trezentas pessoas. Por sorte, o pequeno grupo que havíamos formado permaneceu junto.

O trem nos deixou no sopé de uma colina. O campo era no alto. Os barracões pareciam com os de Birkenau, com as camas superpostas. Éramos tantos que foi necessário dormir dois em cada leito. Mal podíamos nos mexer, pois a cama era estreita. Na maior parte do tempo, nem se sabia do lado de quem se estava. Havia já muitos franceses no barracão, em geral não judeus,

assim como russos. Acabei dividindo a cama com um russo doente que tossia a noite inteira. Provavelmente por causa dele fiquei gravemente doente, na Libertação.

Não conversavam, entre vocês?

Conversava-se um mínimo, mas, de qualquer maneira, ninguém tinha muita vontade de falar. Voltávamos ao barracão após um dia de trabalho exaustivo, tínhamos o cérebro vazio e nada a dizer. Havia, entre nós, alguns intelectuais. Mas nós, mão de obra, já tínhamos perdido toda a dignidade havia muito tempo.

Como em Melk, o trabalho consistia em abrir galerias na montanha. Só que não era na terra que se escavava, mas na pedra, e as galerias eram bem mais úmidas do que em Melk. Ficávamos imediatamente alagados, o que quer que fizéssemos. Não havia como se secar. De volta ao campo, deitávamos com as roupas ainda molhadas, sem poder tirá-las. Tive a sorte de só trabalhar uns dez dias naquelas pedreiras. Em seguida, os americanos bombardearam a estação de Ebensee e os prisioneiros passaram a ser empregados prioritariamente na reconstrução das linhas férreas.

Todos os dias, tínhamos que ir a pé até a estação, pegar um trenzinho até o ponto em que os trilhos tinham sido atingidos e de lá andar ainda um quilômetro até a estação bombardeada. No caminho, passava-se por uma plantação de colza. Todos os prisioneiros tentavam pegar o máximo possível. Teríamos comido capim, se houvesse... Mas os guardas rapidamente se interpuseram e proibiram que nos aproximássemos da plantação. Um dia, havia uma velha camponesa austríaca lavando roupa em uma manjedoura de animais. Todos os prisioneiros, passando por ela, lhe pediam água. Ela preparou um balde d'água e o deixava à beira do caminho, para que pudéssemos beber ao passar. Mas os alemães proibiram. E bateram com a coronha do fuzil naquela senhora que quis nos ajudar.

Chegando ao local do bombardeio, devíamos limpar o terreno. Com alguma sorte, encontrávamos nos escombros um resto de cigarro ou algum objeto que tentávamos, de um jeito ou de outro, levar conosco para o campo. Um dos barracões, perto das latrinas, tinha se tornado o lugar das trocas, dos “negócios”. Quem não trabalhava podia facilmente ir até lá. Quanto a nós, só tínhamos acesso à noite, antes do toque de recolher. Quando podia, tentava

ganhar um pedaço de pão suplementar em troca de uma guimba de cigarro. Os russos eram bons clientes para tudo que se pudesse fumar. Uma vez, um russo me procurou e propôs: “*Olej!*”, isso é, azeite, em troca dos meus cigarros. Eu sabia que os russos dariam qualquer coisa para poder fumar, mas me perguntava o que podia ser aquilo, pois era impensável haver azeite no campo. Com as mãos, fez sinal para que o esperasse. Estava curioso de ver em que recipiente ele traria o azeite, pois era impossível encontrar garrafas ou sacos. Ele afinal trouxe uma lamparina, como as que eram usadas na iluminação das galerias. O “azeite” que ele mostrou era preto, nojento. Tentava vender como sendo azeite de oliva, cheio de vitaminas, e se tratava, evidentemente, de óleo de máquina. “Beba-o você mesmo!”, eu disse. É possível que pessoas tenham bebido aquele óleo, assim como alguns, às vezes, comeram uma espécie de creme esbranquiçado que se encontrava em pedaços de carvão cardife. Certamente destruíram seus estômagos com isso.

Nosso kapo era um alemão pequeno e particularmente cruel. Um dia, no momento de distribuir a sopa, ele começou a bater em todo mundo, indistintamente e sem motivo algum. Um dos meus amigos, Joseph Mano (primo do meu cunhado), recebeu pancadas muito violentas, sobretudo na cabeça. Teve o crânio quase aberto e ninguém achava que fosse sobreviver ao ferimento. Mas ele sobreviveu.

A gente, em geral, permanecia em grupo, entre amigos, pois isso nos deixava um pouco mais fortes. Sozinho, era muito fácil ser prejudicado por alguém. Isso quase me aconteceu, um dia. Foi pouco antes da Libertação. Os kapos estavam nos distribuindo um pouco mais de pão. Devíamos formar grupos de seis pessoas e cada grupo recebia um naco grande de pão em forma de tijolo. Quando eu estava com meu cunhado ou pessoas que eu conhecesse bem, não havia problema: repartíamos o pão por igual. Porém, uma vez, contra minha vontade, fiquei em um grupo de cinco russos, entre os quais o tal doente com quem eu dividia a cama. Rapidamente compreendi que tinham combinado me enganar. Normalmente, um número era atribuído a cada um. Um dos cinco, com os olhos fechados, apontava a parte que caberia a cada número. Esse sistema era justo e evitava brigas por cada pedaço. Daquela vez, entretanto, os russos quiseram que eu ficasse de costas. Quando sobraram apenas dois pedaços, um para mim e o outro para aquele com quem eu dividia a cama, me recusei a virar de costas e lhe disse que escolhesse o pedaço que

bem entendesse. Mas eles insistiram que eu me virasse. Recusei e ofereci o pedaço que parecia maior. Tinha percebido que, quando me virasse, eles pegariam os dois pedaços de pão. A situação não era nada boa, pois eram os cinco contra mim. Tinham, com certeza, resolvido repartir a minha parte entre eles. E, de fato, aproveitaram um ligeiro descuido meu para pegar os dois pedaços. Tudo se passou muito rápido. Vi que o russo que dormia comigo ainda tinha o seu pedaço nas mãos. O que podia fazer? Ficar sem comer era insuportável. Com um gesto brusco, arranquei o pedaço de sua mão e o engoli de uma vez só. Normalmente, a gente tentava comer um pouco aqui e um pouco ali, para ter a ilusão de estar comendo mais. Mas a situação ali era crítica. O russo que ficou sem pão se irritou e começou a gritar comigo. O kapo chegou e perguntou o que estava acontecendo. O outro respondeu, choramingando, que eu tinha roubado o seu pão. Sem perguntar mais nada, o kapo começou a bater em mim violentamente. Tentei proteger o rosto, mas ele batia por todos os lados. Apesar da força dos golpes, eu não sentia dor. Pensava apenas no pedaço de pão que conseguira enfiar no estômago e que ninguém mais podia pegar de volta! Essa ideia bastava para atenuar a dor das pancadas. Ele finalmente se cansou de bater e foi se ocupar de outra coisa.

O russo que ficou sem pão foi pedir um pedaço a seus amigos. É claro, nada lhe deram. Continuamos a dormir na mesma cama, pois não havia escolha. Ele nada podia fazer para se vingar: eu era bem mais forte. E, aliás, ele sabia que a culpa era toda dele.

Disse que recebiam mais pão às vésperas da Libertação. Outras coisas mudaram, na atitude das pessoas ou na atmosfera geral?

Os kapos de repente ficaram menos violentos. O kapo do meu barracão, o alemão pequeno e perverso que tantas vezes batia por puro prazer, sem motivo, começou a procurar não criar caso com os franceses nem com os russos. Sentia que o fim se aproximava e temia que quiséssemos nos vingar, uma vez que estivéssemos livres. De um dia para o outro ele ficou mais calmo e solícito. Procurava, também, dar mais sopa aos russos e aos franceses.

Certa manhã, o comandante de Ebensee ordenou que nos agrupássemos na praça central do campo, em vez de partir para o trabalho. Devíamos ser 5 ou 6 mil, provenientes de uns vinte países diferentes. Ele subiu em um estrado. A seu lado, intérpretes traduziam em todas as línguas. Disse-nos algo como: “Os

russos e os americanos se aproximam. Mas não deixaremos o local sem combater. A vida de vocês estará em perigo em meio aos combates. Recomendo, então, que se refugiem nas galerias, para não morrerem sob os bombardeios.” Em todas as línguas, os prisioneiros gritaram que se recusavam.

Ele lhes deixou escolha?

Deixou. É estranho dizer que nos fez a pergunta. Poderia ter nos obrigado a entrar nas galerias à força e nos matado, dinamitando. Mas teríamos nos rebelado e seria uma verdadeira carnificina. Ao entrar, as tropas americanas descobririam os traços do massacre ignóbil. Além disso, não tinham tempo para nos forçar. Quando o comandante compreendeu que nos recusávamos, juntou seus oficiais e todos abandonaram o campo. Nem por isso estávamos livres, pois no lugar deles vieram homens da Wehrmacht, quase todos soldados reservistas com idade avançada. Deviam nos vigiar, para evitar que fôssemos pilhar o vilarejo e, quem sabe, procurar vingança. Também acho que poderíamos causar um massacre.

Acha mesmo?

Sim, estávamos muito esfomeados! Sinceramente, creio que seríamos capazes do pior naquele momento. Estou contando tudo, nada quero esconder nem mentir.

Os guardas tomaram posição à espera dos americanos. A distância, ouvia-se o barulho dos combates. Esperamos um dia: nada. Segundo dia, ainda nada. Não havia mais o que comer. Mas poucos de nós tentaram fugir, já que era apenas uma questão de horas e seria idiota correr o risco de morrer, tão perto do fim. Foi preciso, afinal, esperar quatro dias para ver entrarem os americanos. Nesse meio-tempo, eu conseguira, na cozinha, um saco de batatas, salvo por milagre. Nos organizamos, meus companheiros e eu, para que o tempo todo um de nós estivesse sentado sobre o saco, por proteção. Isso nos ajudou a aguentar a espera pelos americanos.

Finalmente chegaram em uma manhã, por volta das 11h. Havia americanos de origem italiana no primeiro carro de assalto, mas não compreendi o sotaque siciliano deles. Por acaso, filhos de imigrantes gregos estavam no segundo blindado. Falaram dos milhares de mortos encontrados em outros campos

libertos pelo caminho. Seguiam perseguindo os SS e matavam todos que podiam. Nos deram o que tinham com eles, chicletes e outras coisas desse tipo. Depois foram embora.

Nos dias seguintes, caminhões vieram nos trazer alimentos. Recebemos pacotes como aqueles da Cruz Vermelha, com barras de chocolate, leite em pó, artigos de primeira necessidade, cigarros, açúcar e biscoitos. De modo geral, mal tinham tempo de descarregar os pacotes. Os prisioneiros se lançavam neles, a fim de conseguir o máximo possível. Em vez de estocá-los em um barracão e impor um sistema de distribuição igualitário, os americanos permitiram um total descontrole e não quiseram intervir para restabelecer a ordem. Eu, pessoalmente, queria que as coisas se organizassem de maneira mais justa, para que os mais fracos, os que mal se aguentavam de pé, também aproveitassem. Após alguns dias, conseguimos um mínimo de organização. Muitos morreram durante esses dias, por comer demais ou não o bastante.

E vocês, como fizeram para se controlar?

O saco de batatas nos permitiu uma adaptação mais progressiva. Não as comemos todas de uma só vez, apenas duas ou três de cada vez. Dentre o que os americanos nos deram havia também conservas de carne de porco, que misturávamos às batatas. Desse modo, não se agredia tanto o estômago e nos habituamos pouco a pouco à comida. É preciso dizer que os que vinham do Sonderkommando, como eu, chegaram ao campo com maiores reservas. Mas meu cunhado, por exemplo, que tinha ficado em Auschwitz quase dois anos, estava perto do fim. Chegara a Ebensee já em péssimo estado. Felizmente, sobreviveu. Creio que mais da metade das pessoas que sobreviveram até a Libertação morreu nas semanas seguintes.

Vocês procuraram se vingar?

Sim, procuramos, sobretudo dos kapos, pois os alemães tinham fugido ou sido presos pelos americanos. As 24 horas seguintes à Libertação deram lugar a uma verdadeira caça aos kapos. Aquele que tinha me espancado no barracão tentou fugir, mas foi impedido pelos prisioneiros franceses. Ficou num estado horrível de tanto que apanhou. Mal respirava. Um dos franceses se jogou em cima dele. Puxou um punhal e perguntou aos outros, em francês: “O que

fazemos dele? Vamos matá-lo?” “MATAR!”, os outros gritaram. Então, colocou o joelho sobre o tórax do kapo e cravou duas punhaladas no seu peito. Depois, jogaram o corpo em um tanque d’água não muito longe dali. Antes de lançá-lo na água, um deles quis ficar com os sapatos. Mas aquele que parecia ser o chefe proibiu que pegassem o que quer que fosse do morto e o lançaram no tanque do jeito que estava.

No dia da chegada dos americanos, com uma grande agitação reinando no campo, vi passar à minha frente o polonês ariano que tinha batido em mim na mina. Tinha sido transferido para Ebensee ao mesmo tempo que eu e continuara a aterrorizar todo mundo. Naquele dia, vestia roupas civis e tinha uma sacola a tiracolo, parecendo querer se safar discretamente. Quando o vi, o sangue me subiu à cabeça. Revi a cena em que quase me matara. Peguei um bom pedaço de pau no chão e com as poucas forças que me restavam acertei um forte golpe em sua cabeça. Ele tentou se proteger com as mãos, como eu, então, fizera. Uns russos que assistiam a tudo se aproximaram. Bastou dizer: “Kapo”, apontando para o homem. Sem pensar duas vezes, se jogaram em cima dele para lhe arrancar a sacola e bater. Bateram tanto que quase o mataram. Ele não viu a liberdade, e isso, para mim, foi uma grande satisfação, pois ele não merecia nada melhor.

Após a chegada dos americanos, quanto tempo mais permaneceu em Ebensee?

Fomos libertados em 6 de maio de 1945 e fiquei até o final do mês de junho. Quase dois meses, pois não sabíamos para onde ir. Os franceses que vieram com a Cruz Vermelha se organizaram para levar de volta, com urgência, os deportados franceses mais doentes. Os demais foram repatriados para a França em caminhões. Foram os primeiros a organizar alguma coisa. Os italianos, nada. Com relação aos gregos, nem se falava nisso.

E ninguém foi ao vilarejo, como havia previsto?

Sim, claro. Mas não para se vingar, apenas para procurar o que comer. Assim que me senti melhor, desci com alguns amigos. Não fomos diretamente ao vilarejo, mas às redondezas, onde havia algumas fazendas isoladas. Passando em frente a uma dessas belas fazendas, avistamos galinhas soltas. Nos ocorreu de pegar uma delas para fazer um bom caldo, que nos ajudaria a recuperar as

forças. Mas logo que entramos no pátio, o galo começou a se agitar. Tínhamos a cabeça tão vazia que esquecemos que as galinhas não se deixam agarrar como cachorros, que vêm com um assobio. Elas fugiam e o galo ficava cada vez mais agressivo. Por fim, vi que uma galinha tinha permanecido no galinheiro para pôr ou chocar um ovo e a agarrei bem bruscamente pelo pescoço. O galo quis me atacar. Um velho austríaco abriu a porta da casa e saiu, gritando: “*Was ist los?*” (O que é isso?) Respondi: “*Nicht ist!*” (Nada!) Ele não sabia o que fazer, mas estava com medo de nós. Nos deixou ir embora, levando a galinha. Nós a matamos e depenamos, perto do rio. Voltando, passamos pelo pequeno vilarejo de Ebensee. Logo reparamos que os moradores estavam aterrorizados. Bastava pedir o que quiséssemos e eles nos davam sem discussão. Tinham medo de nós como de animais selvagens. Nos contentamos em pedir vagens e sal.

Voltando ao campo, conseguimos uma faca para limpar a galinha e uma panela para cozinhar. Ficou no fogo durante horas, mas sem cozinhar direito. A fumaça era horrível e foi quando me senti mal pela primeira vez. Comecei a tossir e a ter um pouco de febre. Não me sentia ainda muito doente, apenas um tanto fraco. Mas, em seguida, minha saúde rapidamente se degradou.

Nos primeiros dias, no entanto, estava bem vivo. Três dias após a chegada dos primeiros tanques, vi entrar no campo um jipe americano. Havia apenas o motorista. Ele desceu do veículo e se dirigiu ao interior do campo. Acho que entrou por curiosidade, simplesmente para ver como era um campo. Assim que se afastou, avisei os amigos e fomos ver o que havia no carro. Tudo era útil: roupas, cigarros, coisas assim. Ergui a lona que protegia a caçamba, para ver se havia algo mais interessante. No escuro, vi uma caixa e algumas conservas ao alcance da mão. Peguei tudo que podia, colocando nos bolsos. Mas já não estávamos mais sozinhos. Muitos outros ex-prisioneiros se aproximaram ao nos verem. Escapuli como pude, mas, ao pôr as mãos nos bolsos, me dei conta de que nada mais havia. Tudo que eu guardara, os outros pegaram sem que eu percebesse. Fiquei frustrado e furioso, tendo feito todo o esforço por nada. Abri caminho, então, empurrando todo mundo, e voltei para perto do jipe. Não me importava mais em empurrar os outros, todos nos tornáramos uns selvagens. No veículo, a caixa estava vazia. Vi um dos meus amigos perto da porta. Disse-lhe em grego que erguesse a alavanca e desbloqueasse a porta traseira do jipe. É claro, ela caiu na cabeça das pessoas que estavam ali. Mas nada mais tinha importância, eu estava furioso por nada ter guardado. No interior, num canto,

vi um saco grande. Em vez de me servir dele, preferi levar comigo para evitar os mesmos contratemplos. Todos se lançaram sobre mim, tentando me roubar o saco. Disse a meu cunhado e aos amigos que dessem empurrões para afastar os outros e guardar o saco para nós. Conseguimos, afinal, colocá-lo em segurança no pequeno barracão que tinha servido aos SS, na entrada do campo.

Meus amigos quiseram logo abrir o saco, para ver o que tinha dentro. Disse que esperassem, pois queria ver qual seria a reação do soldado. Ouvi-o voltar, assobiando. Quando viu o veículo com todos os prisioneiros ao redor, tirou a pistola e deu dois tiros para o ar, para afastar todo mundo. Depois, simplesmente ergueu a porta traseira do jipe e foi embora. Só então eu abri o saco. Dentro havia vários maços de cigarros Camel, Lucky Strike e Marlboro, assim como caixas de fósforo. Peguei um e fiz circular entre todos, como se fosse um tesouro maravilhoso. Em seguida acendi, mas era forte demais em comparação às guimbas enroladas à mão a que estava habituado. Comecei a tossir violentamente, a cabeça girava por causa do tabaco e da doença que se intensificava. No saco, encontramos também toalhas, um belo boné e duas máquinas fotográficas, uma normal e uma Polaroid. Repartimos o saque entre nós. O problema era encontrar um lugar seguro para guardar aquilo tudo. Os cigarros foram escondidos sob um colchão, mas era impossível ter sempre alguém em cima, tomando conta.

De fato, fui roubado pouco tempo depois. Sabia que Salvator Cunio (o grego que nos tinha servido de intérprete quando chegamos em Auschwitz e que falava tanto inglês quanto alemão) tinha sido enviado à estação para comandar um grupo de austríacos que os americanos obrigavam a trabalhar para liberar a estação. Os civis austríacos trabalhavam como nos tinham feito trabalhar, vigiados e comandados por ex-prisioneiros, felizes de poder, assim, saborear a vingança — mas, é claro, tudo se passava sob o controle dos americanos. Então, fui até lá, curioso de ver como as coisas aconteciam. Mas seria melhor não ter saído da cama naquele dia. Quando voltei, haviam roubado todos os cigarros, assim como as duas máquinas fotográficas, que eu tinha deixado dentro do saco. Fui à cama, bem em frente à minha, de um sujeito doente que nunca se levantava. Pedi que me dissesse quem viera pegar meus cigarros. De início fingiu nada ter visto, mas bastou que levantasse um pouco o tom da voz para que revelasse quem me roubara. Foi fácil conseguir de

volta os cigarros, mas não as máquinas fotográficas, que disseram ter jogado no lago.

Ainda tinha forças suficientes para ser convincente?

Sim. Apesar de já estar bem doente, ainda não me dava conta. Só percebi quando os americanos quiseram nos transferir para um campo militar que tinham preparado para esse fim. De fato, o lugar onde estávamos era imundo e os americanos julgaram necessário desinfetar tudo para evitar epidemias. Para que não contaminássemos o lugar, ao chegarmos, os soldados americanos nos fizeram tomar um banho e nos pulverizaram com DDT, para eliminar os piolhos. Devíamos, também, passar por uma máquina de raios X. Caso os médicos vissem algo anormal, nos punham de lado para que fôssemos tratados. Quando chegou a minha vez, fui posto de lado, mas nada me disseram. Me examinaram novamente e confirmaram que eu tinha algo nos pulmões. Fui imediatamente encaminhado à tenda que servia de hospital. Os leitos eram confortáveis, os lençóis brancos, imaculados. Para mim, era como dormir num palácio. Mas fiquei poucos dias naquele lugar, pois não me sentia mal e queria estar com meus amigos. Quando soube que tinham a intenção de partir para Israel, resolvi acompanhá-los. Não tinha mais para onde ir e ninguém para quem voltar. E não queria ficar sozinho, sem ninguém.

Sabia qual era, exatamente, a sua doença?

Soube quando um amigo veio me ver. Pegou o prontuário médico e leu: “TBC”. Eu não sabia o que era. Ele me explicou: “Tuberculose, significa que está doente do pulmão.” Não me preocupei, tinha certeza que, bem alimentado e com os remédios que me davam, rapidamente estaria curado.

Após dois ou três dias, então, declarei meu desejo de ir embora e me juntei aos amigos que partiam para a Palestina, via Itália. Os americanos nos entregaram aos ingleses e lá fomos nós, em cinco ou seis caminhões. Foi quando comecei a me sentir realmente mal. Tinha dores fortes. O caminhão me deixou, com outros doentes, em um hospital em Udine, no norte da Itália. Eu estava aflito com a ideia de os meus amigos irem para a Palestina sem mim. Um agente da Haganah³³ veio me ver no hospital e confirmou que eu também

poderia partir, assim que minha saúde permitisse. Então, fiquei com os demais doentes que, como eu, vinham do campo de Ebensee.

Em seguida, fui enviado ao sanatório de Forlanini. Lá, eu era o único ex-deportado entre vários outros doentes de tuberculose. Fiquei de julho de 1945 até novembro de 1946 e fiz boas amizades. Era o único que não recebia visitas de família, mas todos dividiam comigo o que lhes traziam. O hospital para homens ficava em frente ao das mulheres. Quando falávamos pela janela, as moças me chamavam *bruno*, moreno. O nome ficou e era como todo mundo me conhecia. Não queria mais recuperar meu nome antigo, com medo de que tudo recomeçasse. E, então, em vez de Shlomo, ou Salomone, que era meu nome oficial, me tornei “Bruno”.

Contou o que havia passado nos campos?

Nada, absolutamente, a ninguém. Por muito tempo, sequer sabiam que eu era judeu. Ninguém perguntava e mal desconfiavam da existência dos campos. Eu era o único judeu do hospital. Após um certo tempo, fui contatado por uma jovem judia da Delasem.³⁴ Se chamava Bianca Pinkerle e percorria hospitais se informando sobre pessoas isoladas, sem família. Morava em Trieste, mas fazia o percurso de 15 em 15 dias para vir me visitar.

Um dia, perguntou se, por acaso, eu não conhecia um certo Niccolò Sagi, igualmente deportado em Auschwitz. Disse que não conhecia os nomes, mas que poderia eventualmente reconhecer rostos. Na vez seguinte, quando voltou, trouxe uma fotografia. Imediatamente reconheci o homem: era particularmente grande e ruivo (apesar de tê-lo conhecido sem cabelos, ainda sim era perceptível). Eu o vira no Sonderkommando e sabia que fora morto no momento da revolta. Ela contou que ele tinha sido deportado com o filho, Luigi. Queria ter o máximo de informações para transmitir à mulher do tal Niccolò Sagi, que o esperava em Trieste. Anos mais tarde, Luigi Sagi se tornou um dos meus melhores amigos.

Em novembro de 1946, Bianca propôs minha transferência para um hospital em Merano, administrado pela organização judaica americana Joint Committee.³⁵ Ela me acompanhou de ambulância até Florença e, depois, continuei o caminho para Merano. Fiquei vários anos naquele hospital. Além de nos medicar, a American Joint ajudava os doentes a se reintegrarem na vida profissional. Eles pagavam uma casa que eu dividia com mais duas ou três

pessoas, para aprender a me reintegrar na vida ativa, pouco a pouco. Aprendi a trabalhar com couro com um instrutor que vinha de Veneza para isso, somente para nos ensinar. Dentre os enfermos, poucos sobreviviam à doença. Mais tarde, a Joint resolveu fechar o hospital de Merano porque muitos doentes decidiram emigrar para Israel, Canadá ou Estados Unidos, sempre graças à organização. Os que ficaram foram enviados às proximidades, de Roma a Grottaferrata, onde recebiam uma casa e ajuda. Eles nos davam um pouco de dinheiro todos os meses, o que me permitiu ter aulas de inglês e, mais tarde, aulas na escola de hotelaria do lago de Como, com meu amigo Luigi Sagi.

Ao todo, passei sete anos, após minha libertação dos campos, em diferentes hospitais. Eu praticamente perdi um pulmão, mas os tratamentos que recebia diariamente, seguindo diversas curas, finalmente me permitiram escapar.

Como encontrou sua esposa?

Conheci-a nas aulas de inglês que acompanhava em Grottaferrata. Marika tinha apenas 17 anos de idade e eu, 32. Seu pai tinha fugido da Hungria durante a guerra, e ela ficara em Nice, com a avó. Depois, quando veio morar perto de Roma, nos conhecemos. Ficamos juntos quando comecei a trabalhar num hotel em Rimini e nos casamos. Tive sorte, pois não era fácil encontrar uma mulher como ela e que suportasse minha personalidade. Tivemos juntos três filhos, Mario, Alessandro e Alberto.

Quando ouviu falar de seus irmãos e irmãs, pela primeira vez, depois da Libertação?

Tive notícias de meu irmão ainda no campo de Ebensee, depois da Libertação. Quem ainda podia andar ia a outros campos, buscar notícias dos seus familiares e conhecidos. Um dia encontrei um amigo grego, David Tabò, que estava no mesmo campo que meu irmão. Me contou que ele estava doente, mas ainda vivo. Soube mais tarde que estava em coma no momento da Libertação. Acordou três meses depois, em um belo hospital. Não sabia o que tinha acontecido e nem onde estava. Recebi cartas dele, enquanto eu estava no hospital de Udine. Só fui revê-lo sete anos após a Libertação. Passou pela Itália, emigrando para os Estados Unidos. Fui encontrá-lo no porto, passamos algumas horas juntos e ele se foi. Minha irmã, eu revi em Israel, em 1957.

Descobri meu paradeiro no hospital graças a meu cunhado, Aarão Mano, com quem se casou antes de ir viver em Israel.

Da nossa família toda, apenas os três sobrevivemos. E já é um milagre, se pensar nas tantas famílias que foram inteiramente extintas, sem que restasse ninguém para conservar sua lembrança. Por exemplo, os irmãos da minha mãe, com suas respectivas esposas e filhos... Ninguém voltou. O nome do ramo familiar deles, Angel, se apagou com eles.

Como se chamavam?

O mais velho dos irmãos da minha mãe se chamava Avraham Angel; não me lembro mais o nome da sua mulher, mas os filhos eram Sylvain e Haim. Tenho, inclusive, uma foto de Sylvain, com cerca de dez anos de idade, posando com um cigarro na mão, como se fazia na época. Depois vinha Haim, que era casado, mas sem filhos. Em seguida, Meir, casado e também sem filhos. O mais novo dos meus tios se chamava Sabbetai e tinha duas filhas, das quais infelizmente esqueci os nomes.

Quando começou a contar o que viu e viveu em Birkenau?

Comecei muito tarde, pois as pessoas não queriam ouvir falar disso, não queriam acreditar. Eu não me negava a falar. Quando saí do hospital, encontrei um judeu e comecei a falar. De repente, me dei conta de que, em vez de me olhar, estava olhando para além de mim, para alguém que lhe fazia sinais. Me virei e surpreendi um amigo seu, gesticulando para avisar que eu era completamente louco. Parei e, a partir disso, não voltei mais a falar nesse assunto. Para mim era um sofrimento falar, então, quando eu me via cara a cara com aquelas pessoas que não acreditavam, dizia a mim mesmo que era inútil insistir.

Apenas em 1992, 47 anos depois da Libertação, voltei a falar disso. O problema do antissemitismo estava ressurgindo na Itália. Cada vez mais, viam-se suásticas desenhadas nas paredes... Retornei a Auschwitz, pela primeira vez, em dezembro de 1992. Por muito tempo hesitei em acompanhar a escola que tinha me convidado, pois não me sentia preparado para voltar ao inferno. Meu amigo, Luigi Sagi, foi comigo. Eu não sabia que os nazistas tinham explodido os Crematórios ao partir. Foi, então, uma surpresa ver as ruínas. Voltei várias

outras vezes, nos anos seguintes. Mas os guias poloneses me deixavam furioso: não levavam todos os grupos a Birkenau e apresentavam a história como se tudo houvesse ocorrido apenas em Auschwitz I.

Hoje em dia, sente necessidade de dar o seu testemunho?

Quando me sinto bem, sim. Mas é difícil. E sou uma pessoa muito precisa, querendo que as coisas sejam claras e benfeitas. Quando vou dar meu testemunho em alguma escola e o professor não preparou direito os alunos, me sinto profundamente ofendido. Já me aconteceu de ir a uma sala de aula, chegar antes do responsável e um menino me perguntar sobre o que íamos falar. Mas, em geral, debates em escolas me dão muita satisfação. Às vezes recebo cartas muito comoventes de pessoas que se sensibilizaram com o que eu contei.

É reconfortante saber que não se fala para o vazio, pois dar o testemunho representa um enorme sacrifício. Reaviva um sofrimento lancinante que nunca me abandona. Tudo corre bem e, de repente, fico desesperado. Assim que pressinto alguma alegria, algo em mim se bloqueia imediatamente. É como um mal interior; chamo isso “doença dos sobreviventes”. Nada a ver com tifo, tuberculose ou outras doenças contraídas. É algo que mina o interior e destrói qualquer sensação de alegria. Carrego isso desde aquele tempo de sofrimento no campo. Essa doença nunca permite um momento de alegria ou de descontração, é um fluido que permanentemente corrói minhas forças.

Acredita haver alguma diferença entre vocês, sobreviventes do Sonderkommando, e os demais sobreviventes de Auschwitz?

Sim, acho, apesar de saber que ao dizer isso posso ferir alguns. Os outros sobreviventes certamente passaram mais fome e frio do que eu, mas não estavam constantemente em contato com os mortos. A visão cotidiana de todas aquelas vítimas da câmara de gás... O fato de ver todos aqueles grupos chegarem e entrarem sem esperança, tendo perdido toda a felicidade. Todos estavam no limite de suas forças, era realmente um espetáculo terrível. Se digo que a experiência no Sonderkommando foi bem mais pesada é por ter tido a oportunidade, em Melk e em Ebensee, de viver a experiência comum dos outros deportados.

Falava de tudo isso com a sua mulher e os seus filhos?

Não, de forma alguma. Não me sentiria bem fazendo isso. Pelo contrário, eu teria imposto um peso desnecessário e doloroso para eles carregarem. Só bem recentemente começaram a descobrir minha história. Fiz de tudo para evitar que ficassem marcados. Mas sei que não pude me comportar como um pai normal, que ajuda os filhos a fazerem os seus deveres e brinca despreocupado. Tive a sorte de minha mulher ser muito inteligente, e ela soube administrar tudo isso.

O que aquela experiência extrema destruiu em você?

A vida. Não tive mais uma vida normal. Não pude mais fingir que tudo ia bem e, como todo mundo, sair para dançar e me divertir tranquilamente...

Tudo me leva de volta ao campo. O que quer que faça, o que quer que veja, meu espírito sempre retorna ao mesmo lugar. É como se o “trabalho” que precisei fazer ali nunca tivesse realmente saído da minha cabeça...

Nunca se deixa por completo o Crematório.

³³ Organização clandestina, na Palestina sob mandato britânico, que lutava pela defesa dos judeus e pela instauração do Estado de Israel. Logo após a guerra, a Haganah ajudou inúmeros sobreviventes da Shoah a emigrar para a Palestina.

³⁴ A Delasem era a principal organização judia italiana de assistência aos que escaparam da Shoah.

³⁵ O American Jewish Joint Distribution Committee (JDC) foi criado em 1914, para ajudar judeus no mundo inteiro.

AGRADECIMENTOS

Sou muito agradecido ao American Jewish Joint Distribution Committee por tudo que fez por mim e por inúmeros sobreviventes em toda a Europa. Graças a ele ainda estou vivo.

Quero igualmente agradecer à família Prasquier, de Paris, pela qual tenho muita estima. Obrigado a todas as pessoas que estiveram ao meu lado e deram a ajuda moral que me permitiu superar os terríveis momentos da Segunda Guerra Mundial.

Agradeço, enfim, a todos os historiadores, pesquisadores, professores e alunos que tive a oportunidade de encontrar em minhas diversas participações em suas instituições ou em viagens a Auschwitz. De uma maneira particular, àqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram com este livro: Marcello Pezzetti, Umberto Gentiloni, Béatrice Prasquier, Maddalena Carli e Sara Berger.

S.V.

NOTAS HISTÓRICAS

A Shoah, Auschwitz e o Sonderkommando

por Marcello Pezzetti

A Shoah foi a implementação, na Europa moderna, de todo um gigantesco aparelho de Estado — ao mesmo tempo político, econômico e industrial — a serviço de um único objetivo: o extermínio do povo judeu. Com essa finalidade, a Alemanha nazista mobilizou todos os seus esforços, burocracia e recursos naturais. A Shoah foi uma catástrofe inédita, sem precedentes na história da humanidade, que demanda um constante questionamento das suas causas e modalidades. O conhecimento preciso dos fatos e dos acontecimentos, em seu contexto, é essencial para se enfrentar esse “buraco negro” da nossa história e superar impressões muito frequentemente superficiais (como aquelas transmitidas por algumas séries de televisão que buscam efeito mais no sensacionalismo do que na informação). Voltar-se ao conhecimento dos fatos é também um meio de desconstruir preconceitos mais ou menos sólidos e de se evitar, diante de acontecimento tão extremado, uma sobrecarga de ressonâncias emocionais que, inevitavelmente, projetam os fatos em uma dimensão “meta-histórica”.

Vamos, então, retomar a análise contextualizada dos fatos que caracterizaram a Shoah distinguindo três fases sucessivas. De 1933 a 1939, da discriminação à emigração dos judeus do Reich; de 1939 a 1941, da política de guetos à formulação da “Solução Final” (*Endlösung*); e de 1941 a 1945, a prática do extermínio em massa.

Os judeus do Reich: da discriminação à emigração (1933-1939)

A primeira fase concerne quase exclusivamente aos judeus que se encontravam no interior do Reich alemão.³⁶

Durante esse período, a política nazista teve como objetivo a emigração dos judeus, o que representou uma primeira atitude explícita com relação ao antissemitismo, até então limitado à expressão de uma ideologia política. Hitler, tolhido pela pressão da opinião pública internacional e por uma parte da opinião alemã, procedeu por etapas naqueles primeiros momentos. A primeira campanha de boicote às lojas comerciais de judeus, em 1º de abril de 1933 (ação que suscitou uma fraca reação da população alemã e uma reação igualmente muito limitada no exterior), constituiu o primeiro real atentado à comunidade judaica nacional, atingida através da esfera profissional.

Em 7 de abril de 1933, a Lei sobre a restauração dos funcionários de carreira (*Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums*) deu, pela primeira vez, uma definição jurídica do “não ariano”, que era: “qualquer um nascido de pais e avós não arianos, e os judeus em particular”. Bastava, então, que um dos avós não fosse ariano para que um indivíduo fosse definido como “não ariano”. Essa definição, conhecida com o nome de *Arierparagraph*, constituiu o ponto de partida para todas as sucessivas perseguições que sofreram judeus e ciganos.

Baseadas nessa lei, inúmeras disposições foram levadas adiante, cada uma visando a uma determinada categoria social e profissional no interior da comunidade judaica alemã. As medidas antissemitas diziam respeito primeiro à área jurídica, depois aos médicos, aos mestres-escolas e aos professores, chegando, enfim, aos setores da agricultura, do jornalismo e até do esporte (como a arianização dos complexos esportivos, decretada em 24 de maio de 1933).

Após um período de relativa calma, uma violenta campanha de propaganda antissemita foi retomada em 1935. Teve como ponto culminante a promulgação da Lei pela defesa do sangue e da honra alemães (*Gesetz zum Schutz des deutschen Blutes und der deutschen Ehre*) e da Lei sobre a cidadania no Reich (*Reichsbürgergesetz*), mais conhecidas pelo nome Leis de Nuremberg. Essas leis distinguiam os judeus segundo uma classificação que compreendia os “puros”, os “mistos (*Mischlinge*) de primeiro grau” e os “mistos de segundo grau”. Pela primeira vez na História, tais medidas — apoiadas em uma premissa biológica — impunham o isolamento dos judeus do restante da população alemã. A partir de 14 de novembro de 1935, os judeus foram

destituídos de seus direitos civis (o direito de voto, por exemplo). Funcionários públicos, professores universitários e de escola, médicos e advogados que até então não tivessem conseguido licenças excepcionais foram, todos, demitidos. Os casamentos mistos e os casamentos entre *Mischlinge* foram proibidos e, além disso, qualquer relação sexual entre judeus e arianos tornou-se “um delito contra a raça” (*Rassenschande*). Cerca de 502 mil judeus considerados “puros” (isto é, inteiramente judeus) e 250 mil pessoas consideradas *Mischlinge* se viram afetadas por essas leis.

Dentro dessa primeira fase (1933-1939), o ano de 1938 foi certamente decisivo para a concretização da política antissemita do regime nazista. Em 26 de abril, os judeus receberam ordens de declarar todos os seus bens, dando início, assim, ao processo de “arianização” sistemática das empresas judias e desferindo um golpe fatal em candidatos à emigração. Foi o ano, também, do *Anschluss* (“anexação” da Áustria ao território do Reich). Todas as medidas antissemitas promulgadas na Alemanha nos cinco primeiros anos do regime foram automaticamente aplicadas à Áustria. O país, desse modo, se tornou um campo de prova para a adaptação, em países ocupados, da política antissemita decretada pelo regime nazista. O ano de 1938 presenciou também o fracasso das diversas tentativas internacionais que buscavam encontrar uma “solução” para o problema dos refugiados, sobretudo judeus. Além do inegável fiasco da Sociedade das Nações (SDN), a Conferência de Evian, organizada em julho para resolver a questão, fracassou lamentavelmente, pois nenhum país, nem mesmo os Estados Unidos, se declarou disposto a receber os judeus ameaçados. As cotas de emigração já existentes foram mantidas, sem qualquer melhoria.³⁷

Em 9 de novembro, ocorreu a *Pogromnacht* (geralmente chamada “Noite dos cristais”, *Reichskristallnacht*);³⁸ primeiro atentado concreto contra a integridade física e a vida dos judeus da Alemanha. O acontecimento marcou o fim dos atos antissemitas espontâneos e deu à administração nazista a certeza de que o povo alemão, em seu conjunto, reagia com indiferença à política antijudaica do regime. Uma nova onda de prisões em massa teve início logo após o pogrom.

O fato de os judeus terem sido presos em *Lager* não era propriamente uma novidade, mas, até então, não se tratava de um fenômeno maciço. Foi, porém, a primeira vez em que judeus, enquanto tais e pelo exclusivo motivo de serem judeus, foram inseridos no “sistema concentracionário”.

Esse “sistema” funcionava desde a primavera de 1933, quando, após o incêndio do Reichstag, o regime adotou uma série de medidas preventivas visando a repressão de toda forma de oposição política. As pessoas visadas (comunistas, pacifistas, sociais-democratas, sindicalistas, judeus militantes em organizações de trabalhadores e alguns personagens “não alinhados” da Igreja) foram postas em “custódia preventiva” (*Schutzhaft*).³⁹ Os prisioneiros eram submetidos a condições de encarceramento particularmente difíceis, caracterizadas por violência, torturas arbitrárias e, em certos casos, execuções. O tempo de duração das prisões podia variar, e muitos detidos foram soltos após alguns meses de cárcere.⁴⁰ Em 1934, Heinrich Himmler, *Reichsführer*⁴¹ das SS, conseguiu obter o controle total dos campos e deu início a um amplo processo de reorganização do sistema concentracionário nazista.⁴² Entre 1936 e 1937, a evolução no interior desse sistema se apoiou em dois fatores principais. De um lado, a implementação do plano quadrienal, definido pelo *Reichsmarschall*⁴³ Hermann Göring, cujo principal objetivo era o rearmamento da Alemanha (teoricamente proibido pelo Tratado de Versalhes). Na perspectiva cada vez mais próxima da eclosão da guerra, o plano previa a utilização da mão de obra prisioneira em fábricas administradas pelas SS.⁴⁴ Outro fator decisivo foi a ampliação do princípio de “custódia preventiva” às demais categorias sociais, definidas de maneira mais ampla, ou seja, abrangendo todas as pessoas consideradas “prejudiciais” à *Volksgemeinschaft* (a “comunidade do povo”): criminosos comuns, refratários ao trabalho, pessoas infectadas por doenças contagiosas (sobretudo venéreas), prostitutas, homossexuais, vagabundos, alcoólicos, psicopatas, perturbadores da ordem pública (inclusive motoristas perigosos); todos foram considerados “associais”, assim como as testemunhas de Jeová e os ciganos, chamados “parasitas da nação” (*Volksschädlinge*).⁴⁵

A partir de 1936, cinco grandes campos de concentração (*Konzentrationslager*) foram abertos para internar essas novas categorias e os opositores do regime: Sachsenhausen (1936), Buchenwald (1937), Flossenbürg (1938), Mauthausen (1938, depois do *Anschluss*) e Ravensbrück (1939, campo feminino).⁴⁶ O aumento da população concentracionária tornou necessária a adoção de um sistema de identificação das categorias, com triângulos de diferentes cores: vermelho para os políticos, negro para os associais, marrom para os ciganos, roxo para as testemunhas de Jeová (*Bibelforscher*), cor-de-rosa

para os homossexuais, verde para os criminosos penais, azul para os apátridas e dois triângulos cruzados, sendo um deles amarelo, para os judeus.

Durante essa fase, o índice de mortalidade aumentou bruscamente, até atingir 5% em Dachau e mais de 9% em Buchenwald.⁴⁷ Os índices continuariam subindo. Às vésperas da guerra, a mortalidade em Buchenwald tinha chegado perto de 14%.

É importante ressaltar que os judeus não foram, até 1938, incluídos de maneira sistemática nesse sistema penal repressivo. Os muitos que, desde 1933, foram deportados aos campos específicos desse sistema concentracionário, tinham vindo, em geral, por pertencerem a outras “categorias” de pessoas visadas pela legislação (sobretudo “opositores políticos” e “associais”). No entanto, o fato de ser judeu era visto como um fator agravante e justificava, no entender das SS, um tratamento mais rude. De fato, durante esse período, o índice de mortalidade dos judeus nos campos se aproximava da casa dos 50%.

Quando, a partir de 9 de novembro de 1938, as varreduras policiais atingiram o conjunto da população judia, 35 mil pessoas foram trancafiadas, principalmente nos campos de Buchenwald, Sachsenhausen e Dachau. Em menos de três meses, 234 delas foram mortas, ou seja, um número maior do que nos cinco anos anteriores.⁴⁸ Mas a maioria foi solta após alguns meses.

A guerra: da política de guetos à formulação da “Solução Final”, 1939-1940

O período que vai de 1939 a 1940, caracterizado pelo início do conflito mundial, representou a segunda fase do processo de perseguição e de destruição dos judeus da Europa. Em 1º de setembro de 1939, as tropas alemãs invadiram o território polonês. Nesse país de 27 milhões de habitantes se encontrava a maior comunidade judaica, composta de mais de 3,2 milhões pessoas. Os judeus representavam, então, quase 12% da população total e quase 30% da população urbana.

De acordo com o pacto de não agressão germano-soviético, assinado em agosto de 1939 pelos ministros do Exterior alemão e soviético (von Ribbentrop e Molotov), a Polônia foi dividida entre as duas potências, com uma parte amplamente preponderante para a Alemanha. A população judia, mais numerosa na parte controlada pela Alemanha, ficou, desse modo, submetida à política antissemita do regime nazista. Uma grande reestruturação demográfica do território foi empreendida, consistindo em “repatriar” os *Volksdeutsche*

(pessoas de etnia alemã) que viviam no território soviético e deslocar as populações locais consideradas perigosas do ponto de vista “racial” (principalmente os judeus, mas também certos poloneses considerados “não germanizáveis”).⁴⁹ Tratava-se de um deslocamento da fronteira “étnica” do Reich em quase mil quilômetros. O plano, desse modo, criava condições para tornar o Reich “*judenfrei*” (sem judeus), com a emigração forçada, para o Leste, de toda a população judaica do Reich.

Nos dois meses que se seguiram à invasão, os territórios ocupados pela Alemanha foram divididos em duas partes distintas. Os territórios a oeste da Polônia (a Alta Silésia, o Warthegau, o distrito Dantzig-Pomerânia e a Prússia Oriental) foram incorporados ao Reich; os do centro e do leste (os distritos de Lublin, Cracóvia, Radom e Varsóvia) foram transformados em reserva para uma força de trabalhos forçados chamada “Governo Geral”, e colocados sob a jurisdição alemã.

Tropas especiais das SS passaram a controlar de perto o exército para “limpar” o que restara dele, eliminando uma parte da elite polonesa suscetível de se rebelar contra o poder, assim como muitos judeus. Além disso, novos campos de concentração foram estabelecidos nos territórios conquistados para internar a *intelligentsia* local e uma nova categoria de prisioneiros: os prisioneiros de guerra. Desse modo, em 2 de setembro, o campo de Stutthof foi aberto nas proximidades de Dantzig⁵⁰ e, em abril de 1940, o campo de Auschwitz foi implantado entre a Cracóvia e Katowice. Com relação aos judeus, o plano previa que fossem transferidos para mais a leste e reagrupados nos centros urbanos, para um melhor controle.

A partir da primavera de 1940, o projeto de isolamento em guetos dos judeus poloneses (incluindo, em certos casos, como em Lodz, uma parte da população cigana) se organizou em todas as cidades, a partir dos territórios anexados até aqueles do Governo Geral. Para a política nazista, entretanto, os guetos não podiam deixar de representar uma solução apenas transitória para um problema territorial bem mais amplo, para o qual a administração nazista elaborava a *Endlösung der Judenfrage* (Solução Final para a Questão Judaica).

O extermínio em massa: a Shoah (1941-1945)

A terceira fase foi a do extermínio físico. Começou em 1941, com a invasão da União Soviética.

As forças de invasão eram seguidas de perto por “tropas especiais”⁵¹ (*Einsatzgruppen*) que tinham a tarefa de fuzilar a população judia que se encontrasse em seu campo de intervenção (que progressivamente se estendeu do Báltico ao sul da Bielorrússia). Essas “unidades móveis” de combate das SS conseguiram levar adiante as suas ações destrutivas graças, sobretudo, à ajuda de uma parte da Wehrmacht e de certos elementos recrutados na população local e que se juntavam às tropas de apoio das SS. O saldo de vítimas é estimado entre 1,5 milhão e 1,8 milhão de pessoas.⁵² Para eliminar judeus no território russo, os alemães utilizaram o método das execuções em massa que lhes parecia, no caso, o mais funcional para atingir a meta desejada. O sistema de assassinio, adotado pelas unidades móveis, permitia eliminar em um tempo reduzido um número significativo de pessoas que não estavam agrupadas, como na Polônia, em centros urbanos demarcados. Mas, rapidamente, problemas maiores apareceram, forçando a administração alemã a prever novos métodos de matanças, sobretudo estabelecendo uma relação mais distanciada entre vítimas e executores. Além disso, a abertura de gigantescas fossas comuns na proximidade das cidades maiores e o fato de ser praticamente impossível ocultar das populações locais a realidade dos massacres em massa tornaram a situação difícil de ser sustentada. Em pouco tempo, o estado psicológico das tropas que cumpriam os massacres alertou as autoridades. As execuções maciças, porém, não eram o único método de assassinio praticado pelo regime.

De fato, imediatamente após o início da guerra, um gigantesco plano secreto foi posto em curso, no interior do Reich, com a finalidade de preservar a pureza da *Volksgemeinschaft*. O plano, com o nome codificado *Aktion T4*, previa a eliminação dos doentes mentais. Teve início com a morte de crianças deficientes por injeção de medicamentos em doses letais. Em seguida, uma outra técnica foi elaborada para provocar a morte de adultos: o gás, por inalação do monóxido de carbono puro, em garrafas, nos institutos especialmente preparados para isso e equipados com uma câmara de gás. Essa operação custou a vida de mais de 80 mil vítimas.⁵³ A técnica foi reproduzida e utilizada, entre 1939 e 1940, em asilos e sanatórios da Polônia, Pomerânia e Prússia Oriental, para eliminar doentes internados. O gás era, então, inalado através de botijões de monóxido de carbono instalados em caminhões que transportavam as vítimas.

Entre o verão e o outono de 1941, a administração nazista tomou a decisão de aplicar, sobre a população judaica da Europa ocupada, esses métodos de eliminação programada e científica. Tratava-se do maior projeto de morte em massa jamais concebido pelo homem. Para tanto, era preciso definir métodos operacionais mais adequados, para alcançar essa meta de tão ampla envergadura.

Em setembro, as experiências levadas a cabo em câmaras de gás fixas foram retomadas na região de Minsk.⁵⁴ Com uma novidade, todavia, em relação ao método praticado no âmbito da operação T4: o gás utilizado era o mesmo do escapamento do motor, reintroduzido na cabine por canos.

Na mesma época, uma variante dos *Gaswagen* (caminhões de gás) foi testada na Ucrânia, com a introdução do gás não mais a partir de botijões, mas diretamente do escapamento.⁵⁵ Os *Gaswagen* foram adotados para uma primeira grande operação de execução em dezembro, em Chelmno, com judeus provenientes do gueto de Lodz e das zonas ao redor do *Wartheland* (parte ocidental da Polônia, anexada ao Reich). O mesmo tipo de veículo foi quase simultaneamente utilizado na Sérvia, no campo de Semlin, para matar os judeus de Belgrado.

A eliminação sistemática dos judeus do Governo Geral (compreendendo igualmente a Galícia Oriental, após a invasão da URSS) se organizou entre o fim de 1941 e o início de 1942. A operação, que posteriormente passou a se chamar *Aktion Reinhard* (homenageando o chefe do RSHA, Escritório Central para a Segurança do Reich, Reinhard Heydrich, assassinado em maio de 1942 pela Resistência tcheca), foi confiada ao chefe da polícia do distrito de Lublin, Odilo Globocnik, e a seu ajudante, Christian Wirth. Este último, como muitos funcionários que passaram a trabalhar na eliminação dos judeus do Governo Geral, tinha estado diretamente implicado na execução da operação T4.

Para levar a cabo a tarefa, três locais foram identificados, em função dos seus entroncamentos ferroviários, para abrigar as estruturas de execução, com câmaras de gás fixas e entrada do monóxido de carbono dos motores: Belzec (entre a Cracóvia e Lvov), Sobibor (perto de Lublin) e Treblinka (entre Varsóvia e Bialystok). O primeiro campo a funcionar foi Belzec, em março de 1942, depois Sobibor, entre abril e maio, e, finalmente, Treblinka, no mês de julho.⁵⁶

Os três campos foram construídos a partir de uma estrutura idêntica, que se compunha de um setor reservado aos blocos de habitação para os corpos da guarda (formado principalmente por guardas ucranianos) e um número bem limitado de prisioneiros trabalhando na recuperação dos bens roubados das vítimas, um outro setor ao redor da rampa, no interior do campo, para a “descarga” dos judeus, uma zona de barracões para a armazenagem dos objetos (*Sortierplatz*), um espaço e uma construção em que as vítimas se despiam, uma zona de passagem que eram obrigados a atravessar (*Schlauch*, “tubo”), cercada de arame farpado, com um outro prédio em sua extremidade, onde se encontravam as câmaras de gás e uma sala com um grande motor a diesel. No final de tudo isso, um amplo espaço para as fossas comuns em que os corpos, num primeiro momento, eram enterrados, até começarem a ser queimados a céu aberto, numa fase posterior.

Em 1943, após a liquidação quase total dos guetos poloneses e o estabelecimento das novas estruturas de extermínio de Birkenau (compreendendo câmaras de gás e fornos crematórios), foi dado um fim à *Aktion Reinhard* e suas estruturas foram definitivamente desmontadas no decorrer do outono. A operação havia feito mais de 1,7 milhão de vítimas naqueles três campos, além de todos os judeus mortos no momento da liquidação dos diferentes guetos e de todos os demais, mortos nos campos de trabalhos forçados para judeus no interior do Governo Geral.

Auschwitz-Birkenau e seu papel na “Solução Final”

Em 27 de abril de 1940, o campo de Auschwitz foi fundado em um antigo quartel militar da pequena cidade de Oświęcim, situada no território da Alta Silésia, recentemente anexado ao Reich. Foi criado, inicialmente, como campo de concentração para opositores políticos poloneses.⁵⁷ Em 4 de maio de 1940, o *SS-Hauptsturmführer*⁵⁸ Rudolf Höss foi nomeado comandante do campo.

Como em todos os campos de concentração nazistas, um crematório (*Krematorium I*) foi instalado com uma finalidade sanitária, para incinerar os cadáveres e, desse modo, evitar a propagação de epidemias. O de Auschwitz, então, foi construído e entregue pela firma alemã *Topf & Söhne* de Erfurt.⁵⁹ Ao visitar o campo, em 1º de março de 1941, Himmler ordenou a ampliação do *Lager*, tendo em vista a chegada de 30 mil novos prisioneiros, e que 10 mil presos fossem colocados à disposição do IG Farben, o maior grupo da indústria

química alemã, para a construção da sua nova fábrica no vilarejo vizinho, Dwory.

Entre o verão e o outono do mesmo ano, a administração de Auschwitz tentou experiências para novas técnicas de morte, semelhantes às que eram aplicadas no Leste. No início de setembro, seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos e 250 prisioneiros poloneses doentes e julgados inaptos para o trabalho foram enviados a uma sala, no subsolo do bloco 11, e mortos com gás Zyklon B. Esse gás, até então, servia unicamente para a desinfecção dos barracões e das roupas. Após essa primeira experiência de morte em massa com o Zyklon B, uma parte da sala mortuária do Crematório I foi transformada em câmara de gás. Nessa câmara de gás “provisória” foram eliminados, de maneira esporádica, prisioneiros de guerra soviéticos, detentos considerados inaptos para o trabalho (no âmbito do *Aktion 14f13*) e os primeiros comboios de judeus provenientes da Alta Silésia.

No final de setembro de 1941, foi dada a ordem para a construção de um novo campo, imenso, a três quilômetros do *Stammlager* (campo principal). Essa ordem deu origem ao campo de Birkenau (que em seguida seria chamado Auschwitz II), inicialmente previsto como campo para prisioneiros de guerra (*KGL: Kriegsgefangenenlager*), sobretudo soviéticos. No espaço de dois meses, porém, foi tomada a decisão, em Berlim, por iniciativa das grandes indústrias, de se utilizar no interior do Reich, e em grande escala, a mão de obra dos presos soviéticos. A decisão foi determinante para o futuro de Birkenau, pois o campo, apesar de construído por prisioneiros russos, se tornou um campo principalmente judeu. Tal orientação foi confirmada por uma ordem de Himmler, datada de 25 de janeiro de 1942, na qual anunciava o envio de judeus no lugar dos prisioneiros soviéticos.⁶⁰

Na época da Conferência de Wannsee, no início de 1942, os planos para a eliminação dos judeus da Europa foram apresentados aos chefes do Partido. O plano previa a deportação para os campos; a eliminação imediata dos judeus considerados inaptos para o trabalho (sob uma definição bem ampla, englobando a grande maioria da população); e a exploração até a morte da minoria submetida ao trabalho forçado.

Auschwitz-Birkenau, cuja posição geográfica é central (sobretudo como entroncamento ferroviário para importantes linhas europeias), foi dotado de estruturas que se adequavam à ampliação prevista das atividades de extermínio

e assumiu um papel decisivo na destruição do povo judeu. No decorrer do mês de março de 1942, enquanto *Aktion Reinhard* dava início às primeiras experiências com gás, em Belzec, uma fazendola na floresta próxima do campo de Birkenau (ainda em construção) foi transformada para que acomodasse duas câmaras de gás. Em junho, uma segunda casinha, 100 metros adiante, foi por sua vez também adaptada, se tornando uma câmara de gás de quatro cômodos. Essas estruturas foram chamadas Bunker 1 e Bunker 2 (os prisioneiros as denominavam “casa vermelha” e “casa branca”). Barracões de madeira foram construídos junto às duas estruturas para que as vítimas enviadas à morte se despissem. Os judeus selecionados eram submetidos ao gás nos Bunkers logo em seguida ao desembarque na rampa de descarga. A *Judenrampe*,⁶¹ situada junto à estação de mercadorias da cidade de Oświęcim, foi utilizada, a partir daquele momento, exclusivamente para a chegada dos comboios de judeus. A “seleção inicial”, na chegada dos trens, entrou em vigor pouco tempo após a ativação do Bunker 2. Esse procedimento separava a pequena minoria de judeus temporariamente inserida no campo, para ser explorada, da imensa maioria (mais de 80%) diretamente enviada à morte nas câmaras de gás. A finalidade era a eliminação total dos judeus.

Depois da sessão de gás nos Bunkers, os corpos das vítimas eram enterrados em amplas fossas comuns, cavadas nas imediações. A partir do mês de setembro, os cadáveres passaram a ser sistematicamente incinerados, para aumentar a capacidade das fossas e evitar os riscos de epidemias. A remoção dos cadáveres da câmara de gás e sua liquidação nas fossas era confiada a um grupo de prisioneiros judeus chamado Sonderkommando. Os objetos e as roupas das vítimas eram enviados para triagem, numa área especial do campo, situada, primeiramente, entre os campos de Auschwitz I e Birkenau, e chamada *Effektenlager*, ou *Kanada I*.

Os judeus “selecionados” para ingressar no campo seguiam um percurso diferente e eram enviados a estruturas denominadas *Sauna*, para ali passarem por procedimentos de matrícula e de desinfecção: registro, cabelos e pelos raspados, ducha, tatuagem do número no antebraço esquerdo (Auschwitz era o único campo de concentração a tatuar os prisioneiros). Antes de ingressarem nos campos, então divididos em dois setores, BIa para os homens e BIb para as mulheres, e de serem distribuídos em diferentes *kommandos* de trabalho, todos os prisioneiros eram enviados ao setor de “quarentena”.

Em 1942, com a chegada maciça de judeus deportados da Europa inteira, a prática das indústrias alemãs das redondezas de “alugar” o trabalho dos prisioneiros se difundiu a ponto de engendrar a criação de inúmeros subcampos, situados nas imediações de fábricas e de canteiros de obra que demandavam a mão de obra escrava disponibilizada pelo campo. O campo de Monowitz (que se tornou, mais tarde, Auschwitz III), por exemplo, foi construído no mês de julho junto à fábrica Buna, do IG Farben. Dentro do complexo de Auschwitz, as condições de sobrevivência dos prisioneiros eram aterradoras: higiene e alimentação desastrosas, contínuos maus-tratos e carga horária inumana. “Seleções” internas eram regularmente empreendidas, visando eliminar pessoas que já estavam fracas demais para continuar a trabalhar e livrar o campo das “bocas inúteis”.

Em 1943, o campo de Birkenau se expandiu com a abertura de um setor inteiro, o BII, maior do que o BI. Essa nova zona do campo foi subdividida em vários setores (igualmente chamados “campos”) separados por arame farpado. Desse modo, o setor BIIa se tornou o setor de quarentena dos homens, o BIIb, o campo para as famílias judias deportadas de Theresienstadt,⁶² o BIIc foi utilizado em 1944 como *Durchgangslager* (campo de trânsito), sobretudo para mulheres judias deportadas da Hungria, o BIIId se tornou o campo masculino, o BIIe, o campo para famílias ciganas Rom e Sinti⁶³ e, enfim, o setor BIIIf, que se tornou o hospital dos homens. O conjunto do setor BI foi transformado em campo feminino.

A capacidade de matança por gás nos dois Bunkers rapidamente se tornou insuficiente diante da chegada maciça de comboios de deportados provenientes de toda a Europa ocidental. A partir da primavera de 1942, os judeus eram deportados dos territórios sob influência nazista, principalmente Eslováquia, França, Países Baixos, Bélgica, Iugoslávia e Noruega. Quatro grandes instalações foram, então, construídas (a decisão, propriamente, fora tomada no outono do ano anterior), para reagrupar as ações de morte e de eliminação dos cadáveres (câmaras de gás e fornos crematórios) em uma só e única estrutura denominada Crematório. Os Crematórios II, III, IV e V começaram a funcionar entre 14 de março e 25 de junho de 1943. Essas construções representam as maiores estruturas complexas de matança jamais elaboradas pelo homem.

Os Crematórios II e III foram identicamente construídos com tijolos vermelhos, um em frente ao outro, na ponta dos setores BI e BII do campo. Arame farpado eletrificado cercava o pátio dos prédios. No verão de 1944, uma barricada de troncos de árvores foi erguida para esconder as estruturas que tinham chaminés de 20 metros de altura. Os prédios tinham dois andares (um subterrâneo e o outro ao nível do chão) e mais uma área sob o telhado, servindo, a partir do verão de 1944, de alojamento para os homens do Sonderkommando, isto é, o “comando especial” encarregado do trabalho nas câmaras de gás. No subsolo, as estruturas de eliminação das vítimas comportavam a sala para se despir, na entrada (com 50 metros de comprimento), com bancos e ganchos numerados para as roupas, e a câmara de gás, com 30 metros de comprimento por 7 de largura, perpendicular à estrutura visível da propriedade. Nela podiam caber mais de 1.500 pessoas. As únicas aberturas eram as portas blindadas (dispondo de uma janelinha de vidro, protegida por uma grade) e os quatro orifícios no teto, fechados por um pesado tampo de cimento e protegidos por colunas de aramado metálico, pelas quais se espalhava o ácido cianídrico (Zyklon B) liberado em contato com o ar por pequenos cristais embebidos de gás. Todo um sistema mecânico de ventilação e de corte da ventilação permitia a limpeza do ar de forma relativamente rápida para que os homens do Sonderkommando pudessem esvaziar a câmara de gás, após cada “tratamento especial”. Tubulações de chuveiros camuflavam o verdadeiro uso daquela peça. Uma espécie de átrio separava o salão de se despir da câmara de gás. Era um espaço utilizado para cortar os cabelos dos cadáveres e retirar dentes de ouro e próteses⁶⁴ recuperados e que seriam enviados a departamentos específicos do Reich. Uma vez executadas essas operações, os cadáveres eram transportados em um montacargas até a sala dos fornos, no andar térreo do prédio. Uma sequência de cinco fornos, cada um com três bocas, servia para a cremação dos corpos, em uma sala que tinha 30 metros de comprimento.⁶⁵ Outros cômodos ao nível do chão serviam de necrotério e quartos de serviço para os soldados designados para a guarda dos Crematórios e para os homens do Sonderkommando.⁶⁶

Os Crematórios IV e V se situavam em outra parte do campo, na extremidade norte do setor BII, nas proximidades do *Kanada II*. Essas duas estruturas foram igualmente construídas uma espelhando a outra. Diferentemente das duas anteriores, as câmaras de gás, assim como os fornos

crematórios, tinham sido instalados no nível do chão. Havia três câmaras de gás na parte mais baixa de cada um desses crematórios e duas chaminés de 17 metros de altura. As câmaras de gás, de diferentes tamanhos, tinham uma capacidade total para 1.200 pessoas. A sala entre as câmaras de gás e os fornos serviam, alternativamente, de sala para se despir e de necrotério, onde os cadáveres eram deixados ao serem retirados das câmaras de gás.

Assim que essas grandes estruturas passaram a funcionar, os nazistas desmontaram o Bunker 1 e desativaram provisoriamente o Bunker 2.

No mês de novembro do mesmo ano, o comandante do campo, Rudolf Höss, foi chamado a Berlim e Arthur Liebehenschel o substituiu. O complexo de Auschwitz foi, então, dividido em três estruturas administrativas distintas: Auschwitz I, Auschwitz II (Birkenau) e Auschwitz III (Monowitz, que incluía a administração geral de todos os subcampos). No final de 1943, início de 1944, um segundo enorme *Effektenlager (Kanada II)* foi construído em Birkenau, assim como uma grande estrutura central para a matrícula dos recém-chegados e desinfecção das roupas, a *Zentralsauna*. O novo setor em construção, o BIII (chamado pelos prisioneiros de *México*), acolhia, em condições de higiene lamentáveis, as mulheres judias deportadas da Hungria e ali deixadas, assim como no setor BIIc, até serem enviadas à morte ou a *kommandos* externos em outros campos do Reich.

Entre meados do mês de maio e meados do mês de junho, com a aproximação do fim da guerra, os nazistas resolveram deportar para Birkenau uma grande parte da comunidade judaica da Hungria que tinha sido, até então, relativamente poupada das execuções em massa. Para conseguir eliminar em tão pouco tempo quase 400 mil pessoas, o campo precisou passar por obras. Rudolf Höss foi chamado para supervisionar essa “ação húngara” e Liebehenschel foi, por sua vez, substituído no meio do mês de maio por Richard Bauer. A estrada de ferro foi prolongada até o interior do campo (*Bahnrampe*) para racionalizar o momento da seleção e encurtar o caminho que separava as vítimas da morte. Imediatamente após os judeus húngaros e com os comboios chegando de toda a Europa, os últimos judeus do gueto de Lodz (o único gueto a permanecer funcionando por tanto tempo) chegaram, por sua vez, a Birkenau, no verão de 1944. Foi o momento em que Birkenau atingiu sua capacidade máxima de extermínio, a ponto de a administração decidir reativar o Bunker 2 (sem os barracões para se despir, que haviam sido

desmontados e divididos em apenas dois cômodos, servindo de câmaras de gás), além das quatro grandes estruturas, para dar conta dos desembarques em massa. Além disso, cinco fossas de cremação foram cavadas a céu aberto, no pátio do Crematório V, para remediar as falhas dos fornos, insuficientes para a quantidade de corpos a incinerar.

Foi exatamente nesse momento que o comando do campo ordenou o início da queima dos papéis mais comprometedores, sobretudo das listas de transporte (*Transportlisten*) detalhando os desembarques em Birkenau. O cessar das operações de morte por gás e a desmontagem sistemática das estruturas de matança começaram no mês de novembro, após a chegada dos últimos transportes em massa. Equipes, formadas basicamente por mulheres, foram encarregadas do desmantelamento dos Crematórios (o IV tendo sido, em parte, destruído no final da revolta do Sonderkommando).

A última chamada geral, em 17 de janeiro de 1945, enumerou quase 67 mil prisioneiros, quase todos judeus, ainda presentes no campo. A maioria dos prisioneiros políticos poloneses tinha sido anteriormente transferida para campos no interior do Reich. No dia seguinte, teve início a evacuação geral do campo. Mais de 58 mil prisioneiros foram obrigados a efetuar a trágica viagem a pé ou em vagões, na neve e no frio glacial, para outros campos espalhados pelo Reich. Muitos foram eliminados ao longo do trajeto.

Nove mil pessoas, sobretudo doentes, permaneceram no complexo de Auschwitz até a libertação pelas tropas soviéticas, em 27 de janeiro. Os guardas que permaneceram no campo ainda tiveram tempo de matar mais setecentas pessoas, às vésperas da libertação.

O Sonderkommando de Birkenau

Em geral, todos os campos de concentração nazistas dispunham de um forno crematório para queimar os cadáveres dos prisioneiros mortos, ou seja, por motivos “sanitários”. O *Stammlager* (Auschwitz I), nesse sentido, não era uma exceção: em setembro de 1940, um antigo depósito de munição foi adaptado com essa finalidade e três prisioneiros foram designados para trabalhar ali, como *Heizer* (homens encarregados da incineração dos cadáveres). De início, a capacidade crematória do forno, dotado de duas bocas, era de, no máximo, cem cadáveres por dia. Em fevereiro de 1941, um segundo forno foi acrescentado, dobrando a capacidade. Depois, um terceiro forno, em

maio de 1942, com a capacidade de cremação passando para 340 cadáveres por dia. Quando começaram as primeiras experiências de extermínio, no outono do ano seguinte, surgiu a necessidade de formar um novo *kommando*, mais consistente, com cerca de vinte homens. Esse grupo de vinte prisioneiros era chamado *Fischl-Kommando*, a partir do nome do kapo.⁶⁷

O início do extermínio sistemático dos judeus em Birkenau, na primavera de 1942, tornou obrigatória a formação de um novo grupo de judeus, em geral escolhidos entre os deportados jovens e ainda relativamente fortes ao desembarcarem no campo. Tais homens seriam forçados a cumprir a terrível tarefa de extrair os cadáveres de pessoas recém-assassinadas, às vezes da própria família, arrastá-los até as fossas abertas nas proximidades e, em seguida, restaurar as câmaras de gás para os próximos “tratamentos especiais” (*Sonderbehandlung*). Esse grupo, empregado nas operações de morte no Bunker 1, se compunha, inicialmente, de quase setenta membros, com uma parte encarregada do tratamento dos cadáveres (o *Sonderkommando*)⁶⁸ e outra parte encarregada de cavar as fossas (o *Begrabungskommando*). No mês de setembro de 1942 as duas equipes se fundiram, passando a ser chamadas apenas *Sonderkommando*. Nos primeiros meses, a maior parte dos seus membros era eliminada após algumas “ações”, com uma injeção de fenol no coração, aplicada no *Stammlager*.

No final do mês de abril, foi formada uma nova equipe de cinquenta pessoas ligadas ao trabalho no Bunker 1 e 150 outras encarregadas de abrir fossas, sob o comando do *SS-Obersturmführer* Franz Hössler. Com a ativação do Bunker 2, em junho de 1942, a estrutura do *Sonderkommando* foi reforçada, chegando a quatrocentas pessoas no final do verão. Esses homens tinham alojamento no bloco 2 do setor BIb (que ainda era campo masculino, naquela época), em um barracão isolado dos demais por um muro encimado por arame farpado.

Por ordem de Himmler, a operação de reabertura das fossas dos Bunkers teve início em setembro. A operação consistia em desenterrar os cadáveres para serem queimados em grelhas especiais.⁶⁹ Trezentos homens do *Sonderkommando* foram obrigados a participar dessa operação. A partir desse momento, os corpos das vítimas mortas por gás nos Bunkers deixaram de ser enterrados, sendo sistematicamente incinerados a céu aberto, diretamente nas fossas.

Quase todos os membros do Sonderkommando foram eliminados na câmara de gás do *Stammlager*⁷⁰ assim que se terminaram de apagar os traços do massacre (quase 700 mil corpos queimados). Um novo Sonderkommando foi formado e posto para trabalhar em 9 de dezembro, sob a responsabilidade do *SS-Hauptscharführer* Otto Moll. Este homem foi, segundo o depoimento de alguns sobreviventes do Sonderkommando, um dos piores criminosos da história do campo.

Em fevereiro de 1943, prevendo a próxima disponibilização das novas instalações de morte em massa, reunindo no prédio a câmara de gás e as estruturas de cremação dos cadáveres, um novo grupo de prisioneiros foi formado para a utilização dos fornos no Crematório I de Auschwitz. Começaram a trabalhar em Birkenau em 13 de março, quando tiveram que incinerar os corpos do primeiro grupo de 1.492 judeus da Cracóvia, inaugurando o Crematórios II.

Por volta de meados de julho, todos os homens do campo foram deslocados do setor BIb para o setor BIId. Os membros do Sonderkommando foram igualmente transferidos para o novo campo masculino, mais exatamente para o bloco 13, isolado dos demais barracões por um muro com arame farpado no alto.

Com a ativação das quatro novas grandes estruturas, o número de homens designados para o Sonderkommando cresceu até somar quatrocentas pessoas, sob o comando do *SS-Oberscharführer* Peter Voss.⁷¹ Separados em quatro grupos, os homens trabalhavam em equipes de noite e de dia. Um *kommando* particular, o *Abbruchkommando*, foi acrescentado às equipes habituais para tapar as fossas, igualando o terreno, e desmontar o Bunker 1.

Em 24 de fevereiro de 1944, após uma tentativa de fuga de cinco homens do Sonderkommando e dada a diminuição do fluxo dos desembarques em Birkenau, o Sonderkommando foi reduzido à metade. Duzentos homens foram, então, enviados ao campo de Majdanek para serem eliminados. Porém, muito rapidamente, o Sonderkommando ganhou força, diante da chegada maciça dos judeus húngaros, em maio de 1944. Em agosto, o número de homens ligados ao Sonderkommando chegou a 874. Frente à intensificação das mortes por gás, o Bunker 2 foi reativado, para aumentar a capacidade assassina. Perto do Crematórios V, fossas comuns foram cavadas, para manter o ritmo de cremação dos cadáveres.

Além dos judeus poloneses que já trabalhavam no Sonderkommando, um número importante de judeus húngaros (250) e de judeus gregos (quase uma centena, entre os quais Shlomo Venezia, seu irmão e seus primos) foram incorporados para trabalhar nos Crematórios.

Höss pediu que Otto Moll voltasse para supervisionar a “ação húngara”. Duas semanas após os primeiros desembarques de judeus húngaros, Moll ordenou a transferência do alojamento dos homens do Sonderkommando, que passaram a dormir diretamente nos Crematórios (sob o telhado, no II e no III, e na sala de se despir, no IV).

As estruturas para o extermínio, no campo, alcançaram, nesse período, sua plena capacidade. O “trabalho sujo”, obrigatoriamente executado em cadeia e em dois turnos de 12 horas cada, consistia em acompanhar as vítimas à sala de se despir, evitando que percebessem a morte trágica que as esperava, ajudá-las a se despirem o mais rapidamente possível, juntar as suas roupas enquanto os SS matavam as pobres vítimas, extrair seus corpos da câmara de gás, retirar próteses, dentes de ouro e cortar os cabelos das mulheres, queimar os corpos nos fornos crematórios ou fossas comuns a céu aberto, triturar restos de ossos, jogar as cinzas no rio Vístula e limpar a câmara de gás, pintando as paredes com cal, deixando tudo pronto para o “tratamento” de um novo transporte. Em caso nenhum os membros do Sonderkommando tinham participação direta no ato de matar.

Em 23 de setembro, após a eliminação do último grande grupo de judeus ainda vivo nos territórios anexados, ou seja, os judeus do gueto de Lodz, começou a sistemática redução do Sonderkommando. Duzentos homens, sobretudo judeus húngaros que tinham sido utilizados para trabalhar no Bunker e nas fossas comuns do Crematório, foram mortos por gás no *Effektenlager Kanada I*.⁷²

Os membros do Sonderkommando várias vezes tentaram organizar uma revolta coletiva para pôr fim ao extermínio em massa. Regularmente apelavam para os membros da “Resistência política” que tinham estruturado uma rede no *Stammlager*, sem jamais, porém, conseguir resultados concretos. As ações de resistência passaram a se limitar a tentativas de evasão que, em geral, fracassaram, ou em juntar informações e escondê-las no pátio dos Crematórios, com a finalidade de informar as gerações futuras e evitar o total esquecimento.⁷³

Uma rebelião foi, contudo, organizada. Estourou em 7 de outubro, em condições desesperadas que conseguiram, apesar de tudo, pôr fora de uso o Crematório IV. A revolta terminou com a eliminação quase total das pessoas que dela haviam tomado parte. Em dois dias, 452 pessoas foram mortas. Apenas os homens do Crematório III, cuja participação na revolta fora imediatamente interrompida pelo kapo Lemke e pelos guardas alemães, permaneceram vivos. Shlomo Venezia é um desses homens.

Em 10 de outubro, restavam apenas 198 prisioneiros no Sonderkommando (154 do Crematório III e 44 do Crematório V). Cento e setenta deles foram alojados no bloco 13 do campo masculino.

Os transportes de deportados pouco a pouco pararam de chegar a Birkenau e, em 26 de novembro, houve a derradeira redução do Sonderkommando: trinta homens foram designados para as últimas cremações no Crematório V e setenta para participar das operações de desmonte das estruturas dos Crematórios (*Abbruchkommando*). Os demais desapareceram.

Em 18 de janeiro, no momento da evacuação geral do complexo de Auschwitz, a maior parte dos homens do Sonderkommando que ainda estava viva (dentre os quais 25 gregos) conseguiu se misturar às colunas de deportados em marcha que deviam ser evacuados para outros campos de concentração no interior do Reich. Com isso, conseguiram evitar uma morte certa. Alguns deles, em geral judeus poloneses, conseguiram escapar por ocasião daquilo que posteriormente foi denominado “a marcha da morte”.

Em maio de 1945, no final da guerra, apenas noventa homens do Sonderkommando de Birkenau ainda estavam vivos. Cerca de vinte outras pessoas, como eles, foram “testemunhas” do extermínio: eram os prisioneiros que trabalharam perto das fossas comuns dos Bunkers (trabalho de escavação, de eletricista...) e que conseguiram se integrar posteriormente em outros *kommandos* de trabalho, o que os salvou.

Alguns sobreviventes do Sonderkommando de Birkenau e dos campos de extermínio da *Aktion Reinhard* testemunharam no decorrer dos diferentes processos contra criminosos nazistas, como Alter Feinsilber, Henryk Tauber e Szlama Dragon, que prestaram depoimento em Varsóvia e em Oświęcim, assim como Milton Buki, Dow Paisikovic e Filip Müller, que testemunharam nos processos de Frankfurt, mas as suas histórias permaneceram pouco conhecidas

do grande público. O testemunho de Shlomo Venezia é uma peça primordial para a compreensão dos mecanismos de extermínio.

Marcello Pezzetti
Historiador da Fundação CDEC, especialista em Auschwitz
Diretor do Museu da Shoah em Roma

³⁶ Para uma análise mais aprofundada do período, ver Wolfgang Benz (organizador), *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft*, Munique, Beck, 1996; Friedländer, Saul, *Nazi Germany and the Jews*, vol. I, *The Years of Persecution 1933-1939*, HarperCollins, Nova York, 1997; e Hilberg, Raul, *The Destruction of the European Jews*, Holmes & Meier Publishers Inc, Nova York/Londres, 1985.

³⁷ A Conferência de Evian, da qual participaram 32 países, foi realizada entre 6 e 15 de agosto de 1938. O jornal do partido nazista, *Völkischer Beobachter*, em sua edição de 13 de julho, publicou uma manchete triunfal em referência ao destino dos judeus: “Ninguém os quer.”

³⁸ Noventa e uma pessoas foram assassinadas durante o pogrom, 191 sinagogas foram destruídas e 7.500 lojas foram saqueadas.

³⁹ Gudrun Schwarz, *Die Nationalsozialistischen Lager*, Campus, Frankfurt-Nova York, 1990, p. 21-33.

⁴⁰ Para uma análise detalhada dessa primeira fase do sistema concentracionário, ver Klaus Drobisch/Günther Wieland, *System der NS-Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 1993; e Johannes Tuchel, *Konzentrationslager. Organisationsgeschichte und Funktion der “Inspektion der Konzentrationslager” 1934-1938*, Boppard, 1991.

⁴¹ Equivale aproximadamente a marechal de campo no Exército brasileiro. (N. da E.)

⁴² Norbert Frei, *Der Führerstaat. Nationalsozialistische Herrschaft 1933 bis 1945*, Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 2002, p. 139.

⁴³ Marechal do Reich. (N. da E.)

⁴⁴ Dieter Pohl, *Verfolgung und Massenmord in der NS-Zeit 1933-1945*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 2003, p. 140.

⁴⁵ Herbert Ulrich, *Von der Gegnerbekämpfung zur “rassischen Generalprävention”*, in Herbert Ulrich/Karin Orth/Christoph Dieckmann, *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt, 2002, p. 79-80.

⁴⁶ Karin Orth, *Die Konzentrationslager-SS. Sozialstrukturelle Analysen und biographische Studien*, Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 2004, p. 24-25.

⁴⁷ Walter Bartel e Klaus Trostorf (organizadores), *Buchenwald. Mahnung und Verpflichtung*, VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften (DDR), Berlim Oriental, 1983, p. 698.

⁴⁸ Stanislav Zámečník, *C’était ça, Dachau. 1933-1945*, Le cherche midi, Paris, 2003, p. 113-114.

⁴⁹ Para um aprofundamento desse assunto, ver Peter Longerich, *Politik der Vernichtung. Eine Gesamtdarstellung der national-sozialistischen Judenverfolgung*, Munique-Zurique, Piper, 1998; e Götz Aly, “Endlösung” *Völkerverschiebung und der Mord an den europäischen Juden*, Frankfurt, Fischer Verlag, 1998.

⁵⁰ Mirosław Glinski, *Organisation und Struktur des Lagers Stutthof*, in Donald Stayer (organizador), *Stutthof. Das Konzentrationslager*, Gdansk, Wydawnictwo “Marpress”, 1996, p. 77.

⁵¹ Cf. Helmut Krausnick, *Hitlers Einsatzgruppen. Die Truppen des Weltanschauungskrieges 1938-1942*, Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1993.

⁵² As pesquisas empreendidas pelo padre Patrick Desbois (em vias de publicação) devem trazer à tona um aumento considerável do número de vítimas dos *Einsatzgruppen*.

⁵³ O *Aktion T4* foi suspenso no verão de 1941, sobretudo por pressão da opinião pública e pelo engajamento de responsáveis da Igreja exigindo o fim dessas operações. Uma parte dos funcionários que contribuíram com o *Aktion T4* foi encaminhada para os diferentes campos de concentração, para a organização das execuções dos prisioneiros julgados inaptos para o trabalho (operação designada pelo código *14f13*). Cf. Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide: From Eutanasia to the Final Solution*, University of North Carolina Press, Chapel Hill e Londres, 1995; e Ernst Klee (organizador), *Dokumente zur “Euthanasie”*, Frankfurt, Fischer Verlag, 2001.

⁵⁴ Cf. Michael Tregenza, *Purificare e distruggere. (I) Il programma “Eutanasia”. Le prime camere a gaz naziste e lo sterminio dei disabili (1939-1941)*, Ombre Corte, Verona, 2006, p. 111-117.

⁵⁵ Cf. Mathias Beer, *Die Entwicklung der Gaswagen beim Mord an den Juden*, in *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte*, Bd. 35, Heft 3 (1987), p. 403-417.

⁵⁶ Para um aprofundamento do tema, ver Raul Hilberg, *La Destruction des Juifs d’Europe*, Paris, Fayard, 1988; nova edição revista e ampliada, Paris, Gallimard, Folio, 2006, 3 vol.; Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka. The Operation Reinhard Death Camps*, Bloomington/Indianápolis, Indiana University Press, 1987; e Dieter Pohl, *Von der “Judenpolitik” zum Judenmord. Der Distrikt Lublin des Generalgouvernements 1939-1944*, Frankfurt/Berlim/Berna/Nova York/Paris/Viena, Peter Lang, 1993.

⁵⁷ Para a história do campo de Auschwitz, ver Yisrael Gutman e Michael Berenbaum (organizadores), *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*, Indiana University Press, Bloomington, 1994; Sybille Steinbacher, “Musterstadt” Auschwitz. Germanisierungspolitik und Judenmord in Ostoberschle, Munique, Saur, 2000; Danuta Czech, *Kalendarz wydarzeń w KL Auschwitz*, Wydawnictwo Panstowowego Muzeum w Oswiecimiu-Bezezinca, 1992; e Waclaw Długoborski e Franciszek Piper (organizadores), *Studien zur Geschichte des Konzentrations- und Vernichtungslagers Auschwitz*, 5 vol., Oświęcim, Verlag des Staatlichen Museums Auschwitz-Birkenau, 1999.

⁵⁸ Equivale aproximadamente a capitão no Exército brasileiro. (N. da E.)

⁵⁹ Para maiores detalhes sobre a estrutura dos crematórios, cf. Jean-Claude Pressac, *Auschwitz: Technique and Operation of the Gas Chambers*, Nova York, The Beate Klarsfeld Foundation, 1989; e Jean-Claude Pressac, *Les Crématoires d'Auschwitz. La machinerie du meurtre de masse*, CNRS Editions, Paris, 1993.

⁶⁰ A partir de 7 de outubro de 1941, os primeiros grandes grupos de prisioneiros soviéticos começaram a chegar em Auschwitz. Em apenas um mês, perto de 10 mil prisioneiros de guerra soviéticos foram, assim, deportados, principalmente vindos do *stalag* silesiano de Lamsdorf. Mil deles foram fuzilados ou mortos a gás quase imediatamente. Os demais foram utilizados para os trabalhos de construção de Birkenau. Em novembro, quase 3.700 pessoas já haviam morrido, e mais de 8.300, em fevereiro de 1942. Apenas uma centena dos 10 mil ainda vivia, ao final dos trabalhos de construção.

⁶¹ Cf. Serge Klarsfeld, Marcello Pezzetti e Sabine Zeitoun (organizadores), *L'Album d'Auschwitz*, Paris, Éditions Al Dante/Fondation pour la Mémoire de la Shoah, 2005, p. 38-39.

⁶² A partir do mês de setembro, os judeus provenientes do gueto de Theresienstadt foram inseridos no campo sem passar por qualquer seleção ao chegarem. Os núcleos familiares foram mantidos no interior do campo. No entanto, a quase totalidade desses judeus foi eliminada por ocasião de duas trágicas *Aktionen*, em 1944.

⁶³ Esse setor, também chamado *Zigeunerlager*, foi ocupado por deportados ciganos enviados a Auschwitz após a promulgação de um decreto de Himmler, datado de 16 de dezembro de 1942. Eles não passavam por seleção inicial e eram mantidos em família, em seu setor próprio. O primeiro transporte chegou ao campo em 26 de fevereiro de 1943. A primeira *Aktion* contra os ciganos aconteceu em 22 de março de 1943, com a eliminação de 1.700 deportados suspeitos de contaminação por tifo. Uma segunda *Aktion* ocorreu em 25 de maio, quando mais de quinhentas pessoas foram mortas por gás. Um ano depois, em 16 de maio de 1944, decidiu-se pelo fim do *Zigeunerlager*. Os nazistas cercaram o setor, com a intenção de enviar todos para a câmara de gás. Prevenidos, os adultos enfrentaram violentamente os SS. A *Aktion* foi adiada para 2 de agosto e 2.897 inocentes foram afinal enviados à câmara de gás do Crematório V. Cf. Waclaw Dlugoborski (organizador), *Sinti und Roma im KL Auschwitz-Birkenau 1943-1944. Vor dem Hintergrund ihrer Verfolgung unter der Naziherrschaft*, Verlag Staatliches Museum Auschwitz-Birkenau, Oświęcim, 1998.

⁶⁴ Essas operações podiam igualmente se dar no local dos fornos. Os cabelos eram vendidos para empresas alemãs que produziam telas; o ouro dos dentes era fundido num pequeno quarto do Crematório III e enviado a Berlim.

⁶⁵ O Crematório II era equipado com mais um forno, destinado exclusivamente à incineração de lixo e à destruição de certos objetos pessoais das vítimas, como documentos e fotografias.

⁶⁶ No Crematório II havia também uma sala de dissecação, utilizada pelo médico SS Josef Mengele e seu assistente, o prisioneiro judeu Miklos Nyszli, conhecido médico designado para o Sonderkommando. Ver Miklos Nyszli, *Médecin à Auschwitz*, Paris, Julliard, 1961.

⁶⁷ Goliath Fischl era um *Vorarbeiter* (contramestre) polonês.

⁶⁸ Cf. Müller Filip, *Sonderbehandlung. Drei Jahre in den Krematorien und Gaskammern von Auschwitz*, Steinhauser, Munique, 1979; Leon Cohen, *From Greece to Birkenau. The Crematoria Worker's Uprising*, The Salonika Research Center, Tel-Aviv, 1996; André Balbin, *De Lodz à Auschwitz. En passant par la Lorraine*, Presses Universitaires de Nancy, Nancy, 1989; Shaje Gertner, *Zonderkommando in Birkenau*, in *Anthology of Holocaust Literature*, sob a direção de Jacob Glatstein, Israel Knox, Samuel Margoshes, Jewish Publication Society, Filadélfia, 1968, p. 141-147; Henryk Mandelbaum, "... et je fus affecté au Sonderkommando", in Jadwiga Mateja e Teresa Swiebocka, *Témoins d'Auschwitz*, Le Musée d'État d'Auschwitz-Birkenau, Oświęcim, 1998. Uma antologia de depoimentos de sobreviventes do Sonderkommando se encontra em Gideon Greif, *Wir weinten tränenlos... Augenzeugenberichte der jüdischen "Sonderkommandos" in Auschwitz*, Böhlau Verlag, Colônia-Weimar-Viena, 1995; Eric Friedler, Barbara Siebert e Andreas Kilian, *Zeugen aus der Todeszone. Das jüdische Sonderkommando in Auschwitz*, zu Klampen, Lüneburg, 2002; Claude Lanzmann, *Shoah*, Éditions Fayard, Paris, 1985; Rebecca Camhi Fromer, *The Holocaust Odyssey of Daniel Bennis, Sonderkommando*, The University of Alabama Press, Tuscaloosa e Londres, 1993.

⁶⁹ A ordem veio diretamente de Himmler, pouco depois de sua visita a Auschwitz, em 17-18 de julho. Em 16 de setembro, o comandante Höss, acompanhado dos SS Hössler e Dejaco, foi a Chelmno para estudar os métodos utilizados por Paul Blobel para incinerar cadáveres. De fato, Blobel fora encarregado de eliminar os traços dos massacres em massa nos territórios polônês e russo, durante uma ação que teve o nome-código *Aktion 1005*. Cf. Shmuel Spector, *Aktion 1005 — Effacing the Murder of Millions*, in *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 5, nº 2, 1990; Patrick Desbois e Levana Frenk, *Operation 1005. Des techniques et des hommes au service de l'effacement des traces de la Shoah*, Paris, Les études du Crif, nº 3, 2003.

⁷⁰ Essa *Aktion* foi a última operação de uso do gás levada a cabo no Crematório I de Auschwitz I. As instalações de cremação continuaram ainda a funcionar por alguns meses, até serem, por sua vez, desmanteladas.

⁷¹ Moll foi substituído por Peter Voss após o fim das atividades nos Bunkers. Foi nomeado *Lagerführer* do subcampo Blechhammer.

⁷² As listas dos diferentes *kommandos* de trabalho no campo, mantidas pelos nazistas, mostram que, em 30 de agosto, 874 pessoas trabalhavam nos Crematórios, e somavam apenas 661 em 3 de outubro. Ver APMO (Arquivos do Museu de Estado de Auschwitz-Birkenau), D-AUII-32/49, *Arbeitseinsatzliste*, Bd. 11.

⁷³ Alguns manuscritos foram, dessa forma, encontrados entre março de 1945 e outubro de 1980. Foram publicados na íntegra pelo Museu de Auschwitz e traduzidos para várias línguas. Cf. Mark Ber, *Des voix dans la nuit. La résistance juive à Auschwitz-Birkenau*, Paris, Plon, 1982; e Georges Bensoussan (organizador), "Des voix sous la cendre. Manuscrits des Sonderkommando d'Auschwitz-Birkenau", *Revue d'histoire de la Shoah*, nº 171, janeiro-abril de

2001. Ver também David Olère, *A Painter in the Sonderkommando at Auschwitz*, Nova York, The Beate Klarsfeld Foundation, 1989.

A Itália na Grécia:
Pequena história de um grande fracasso
por Umberto Gentiloni

A história de Shlomo Venezia faz parte da nossa história, da história de uma Europa ferida pela Segunda Guerra Mundial. Para compreender melhor o depoimento de um judeu italiano na Grécia, é necessário retomar o contexto histórico em que viveu Shlomo.

Em 28 de outubro de 1922, a marcha sobre Roma inaugurou o que o regime chamou “a era fascista”. Exatamente 18 anos mais tarde, em 28 de outubro de 1940, começou a campanha da Grécia: fiel a seus projetos expansionistas, a Itália marchou para Atenas, lembrando explicitamente o ato fundador do regime. Ainda nos dias de hoje, na Grécia, essa data é o dia nacional, símbolo da união da nação e da sua resistência diante do agressor.

A política fascista de ocupação da Europa mediterrânea representou um objetivo estratégico, capaz de conciliar a ampliação territorial e o status de grande potência. O fascismo sempre reivindicou o Mediterrâneo como espaço necessário e vital, chegando, inclusive, a voltar a denominá-lo *mare nostrum*. Foi nessa dinâmica que o “projeto imperial” de domínio do Mediterrâneo se impôs, fazendo, dessa maneira, coincidirem referências retóricas com o passado romano e as metas expansionistas, buscando redistribuir o jogo das potências, em uma abordagem principalmente anti-inglesa.⁷⁴ O imperialismo colonial italiano se apoiava, então, em uma ideologia bélica e racista que se manifestou, sobretudo, na “África italiana”. No entanto, essas reivindicações estavam profundamente enraizadas no âmbito internacional da Segunda Guerra

Mundial, para além do simples contexto italiano.⁷⁵ Tudo começou em 10 de junho de 1940, com a entrada da Itália na guerra, ao lado da Alemanha nazista. As ambições mediterrâneas do fascismo eram um componente essencial do eixo Roma-Berlim. Apesar de sua fraqueza e de suas derrotas, o regime italiano conseguiu salvar, pelo menos em parte, seu prestígio internacional graças ao apoio decisivo do aliado alemão. Com base nisso se pode afirmar que a campanha da Grécia e seu término desastroso para o exército italiano marcaram uma reviravolta decisiva e o fim das pretensões hegemônicas do poder italiano. A Itália fascista se viu obrigada a assumir o papel e a função de aliado subalterno, submetido às escolhas e estratégias do III Reich.⁷⁶

Antes mesmo de entrar em guerra, a Itália tinha começado a ocupar a Albânia, em abril de 1939. A partir desse momento, os planos de uma possível invasão da Grécia foram elaborados. No dia fatídico do início da campanha italiana no Mediterrâneo, Hitler e Mussolini se encontraram em Florença, para discutir as responsabilidades recíprocas, enquanto cobeligerantes. No entanto, a Itália não fez qualquer alusão à iminente ação no Mediterrâneo, pois a invasão da Grécia devia ser mantida em segredo. As manchetes do *Corriere della Sera* ressaltavam com ênfase: “Os destinos da nova Europa amadurecem. Guerra de secessão do continente contra a odiosa hegemonia britânica. Profunda impressão no mundo, após o encontro em Florença.”⁷⁷ Nos primeiros dias, a guerra pareceu tomar o caminho de uma vitória iminente, e uma derrota inglesa, com uma paz negociada, era uma perspectiva bastante plausível. Quando, em 12 de outubro de 1940, a Alemanha invadiu a Romênia, Mussolini considerou estar na hora de passar à ação, seguindo, dessa forma, um caminho duplo: a “surpresa” e a guerra paralela. Essa estratégia permitiu que se alinhasse à estratégia nazista, com relação ao mesmo inimigo, mas agindo de maneira autônoma nos planos militar e diplomático. Certo de uma vitória rápida, Mussolini teria declarado a seu Conselho de ministros: “Se não estivermos em condição de ganhar dos gregos rapidamente, desisto de ser italiano.”⁷⁸

Seus planos militares, porém, logo esbarraram na resistência do exército grego. Podemos, então, distinguir quatro fases sucessivas no conflito: do início das hostilidades, em 28 de outubro, a 13 de novembro de 1940, data do fracasso do último ataque da Itália (após os bombardeios italianos a Salônica, em 1º de novembro); da metade de novembro ao fim de dezembro,

contraofensiva do exército grego; do final de dezembro de 1940 a 26 de março de 1941, estagnação da situação entre os dois exércitos, cujas posições se mantiveram consolidadas; e, enfim, de 27 de março a 23 de abril de 1941, intervenção da Wehrmacht, que lançou uma ofensiva e abriu caminho para o armistício, com a capitulação da Grécia.

Apesar da derrota grega, o balanço militar, do lado italiano, se configurou um verdadeiro desastre. O exército italiano, mal preparado e mal informado, não soubera enfrentar a resposta militar grega, comandada pelo general Papagos. Mussolini foi obrigado a aceitar a intervenção das tropas alemãs e enfrentar as críticas de Hitler quanto a seu comando catastrófico das operações militares.⁷⁹ A vitória da Wehrmacht foi fulgurante. Já no dia seguinte à assinatura do armistício, o destino da Grécia foi selado em Viena. O território foi dividido em três zonas de ocupação: alemã, italiana e búlgara. A primeira, sob controle alemão, compreendia uma grande parte de Creta, o Pireu (porto de Atenas), uma parte da Macedônia incluindo Salônica, uma parte da Trácia ocidental até os confins da Turquia, e as ilhas de Lemnos e Quios.

Ao norte da zona de ocupação alemã, Salônica era a cidade em que se encontrava a principal comunidade judaica da Grécia: mais de 56 mil pessoas. A partir do mês de outubro de 1941, Himmler obteve de Hitler a autorização para agir contra a população judaica de Salônica; mas as coisas levaram algum tempo para se organizarem. Em 13 de julho de 1942, o trabalho forçado foi introduzido, obrigando de 6 a 7 mil judeus a trabalhar em áreas infestadas de paludismo e em minas de cromo. Inúmeros judeus tentaram se refugiar na zona ocupada pela Itália. Nos primeiros tempos, os judeus de nacionalidade italiana foram poupados, mas, na primavera de 1943, as autoridades exigiram a sua transferência para a zona italiana. Em janeiro de 1943, Rolf Günther, representante de Eichmann, foi a Salônica e, em seguida, Dieter Wisliceny e Aloïs Brunner (que também trabalhavam com Eichmann), para instaurar a política antisemita que muito rapidamente se assumia. A partir de 25 de fevereiro de 1943, medidas foram introduzidas para identificar todos os judeus (exceto os de nacionalidade estrangeira) e todos os seus estabelecimentos comerciais. Um gueto foi instituído como zona de residência obrigatória, dividida em várias partes, segundo um plano bem detalhado. A área Baron-Hirsch, nas proximidades da estação de trem, em pouco tempo se tornou a

antecâmara da deportação, o local de agrupamento dos judeus antes da última viagem.

Em 20 de março de 1943, o primeiro comboio deixando Salônica chegou a Auschwitz-Birkenau, via Belgrado e Viena. Outros 18 comboios o seguiriam até o último, em 18 de agosto de 1943. Ao todo, 46 mil pessoas foram deportadas de Salônica para Auschwitz.⁸⁰

A segunda zona, mais vasta, passou para o controle italiano e incluía a Tessália, o centro da Grécia, o Ático, Corfu, as ilhas Jônicas e uma parte de Creta. A ilha de Rodes e o Dodecaneso já pertenciam à Itália desde a guerra da Líbia, em 1911-1912. Cerca de 14 mil judeus viviam nessa zona e estavam relativamente protegidos, apesar das exigências nazistas. Até o final do verão de 1943, as leis antisemitas em vigor na Itália só eram aplicadas de maneira limitada no território grego ocupado. As coisas mudaram radicalmente após a queda do fascismo.

A terceira zona foi atribuída ao aliado mais controverso dos alemães: a Bulgária. O país, inimigo da Grécia, não participara das hostilidades, mas recebeu, apesar de tudo, os territórios férteis da Trácia ocidental, uma parte da Macedônia e um acesso direto ao Mar Egeu. A Bulgária, que se juntara ao Eixo em 1º de março de 1941, tinha se tornado, de certa forma, um país entre o aliado e o satélite. Não participou do ataque à União Soviética (com a qual manteve relações diplomáticas até setembro de 1944), mas se mantinha em reserva nos Bálcãs. Havia quase 50 mil judeus na Bulgária. Com a conquista dos novos territórios, esse número aumentou em 15 mil. Os judeus da Bulgária sofriam discriminações e contínuas perseguições, mas não foram deportados. Em 31 de agosto de 1944, as leis antisemitas foram abolidas em Sofia. As coisas, entretanto, se passaram de maneira contrária nos territórios conquistados no momento da partilha da Grécia. De fato, a administração búlgara ali aplicou, de maneira intransigente, as diretivas nazistas, organizando a deportação dos judeus para o campo de extermínio de Treblinka. Onze mil judeus foram assim exterminados: 4 mil vieram da Trácia (o primeiro comboio partiu de Gornadzumaja em 18 de março de 1943, passando por Sofia antes de chegar a seu destino final), 158 foram deportados do município de Pirot e mais de 7 mil da Macedônia (em três transportes sucessivos, tendo o primeiro partido em 11 de março de 1943).⁸¹

A ocupação alemã tornou catastrófica a situação econômica da Grécia: degradação da situação alimentar, confisco sistemático da produção agrícola, inflação galopante, desenvolvimento do mercado negro. Essas consequências se fizeram sentir de forma muito dura no inverno de 1941-1942, causando 360 mil mortes em uma população de 8 milhões de habitantes,⁸² mas o país ficou à margem das preocupações das grandes potências. A invasão da URSS, em junho de 1941, pelas tropas alemãs, e a entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro de 1941, após o ataque de Pearl Harbor, ampliaram o campo das hostilidades.

Uma dolorosa fase de estagnação se instalou na Grécia até o verão crucial de 1943, que assistiu à reviravolta dos acontecimentos, com repercussões maiores, sobretudo na Itália. Sucederam-se o desembarque das tropas anglo-americanas nas costas sicilianas, o início dos ataques aéreos à capital italiana, a queda de Mussolini e do Grande Conselho do fascismo (25 de julho de 1943), que abriu caminho para o governo provisório do marechal Badoglio e, enfim, a assinatura do armistício com o general Eisenhower, comandante em chefe dos exércitos aliados no Mediterrâneo, anunciado em 8 de setembro de 1943.⁸³

A Itália, então, ficou dividida entre o governo provisório, que controlava o sul, e a República Social Italiana, com base em Salò, no norte, com Mussolini à frente, que prosseguia a guerra ao lado da Alemanha.

Nas áreas que passavam para o controle alemão, a política nazista se impunha a todos, sobretudo no referente à população judaica. Na Grécia, a Wehrmacht em poucos dias ocupou todo o território que era controlado pela Itália. As famílias judias, que até então eram protegidas, se viram rapidamente submetidas à mesma sorte das comunidades judaicas do restante da Europa sob ocupação. Em 3 de outubro de 1943, o responsável pelas SS e pela polícia, Walter Schimana, ordenou o recenseamento de todos os judeus. Em março de 1944, repetiram-se as operações de varredura, afetando cerca de 5.400 judeus. Dois comboios partiram de Atenas em direção a Auschwitz (em 11 de abril) e a Bergen-Belsen (cinco dias depois). Os últimos transportes deportaram habitantes das ilhas gregas: mais de 2 mil deportados de Corfu, em junho, e 2 mil judeus de Rodes e de Kos, deportados em meados de agosto de 1944.

O número preciso de vítimas da região ainda é difícil de ser determinado, pois restam algumas dúvidas. Considera-se que cerca de 65 mil judeus foram deportados: 54 mil para Auschwitz, a partir da área de ocupação alemã, e 11

mil deportados da zona búlgara e mortos em Treblinka. Duas mil e quinhentas pessoas morreram em consequência da ocupação do território grego. Treze mil judeus gregos sobreviveram à guerra que teve fim com a entrada das tropas inglesas em Atenas, em 3 de outubro de 1944.

Umberto Gentiloni
Professor de História Contemporânea
Universidade de Teramo (Itália)

⁷⁴ Cf. N. Labanca, “*Mediterraneo*”, in V. De Grazia e S. Luzzatto (organizadores), *Dizionario del fascismo*, Turim, Einaudi, 2003, vol. II, p. 117-119.

⁷⁵ Para as principais contribuições sobre o tema, ver D. Rodogno, *Il nuovo ordine mediterraneo. Le politiche di occupazione dell'Italia fascista in Europa (1940-1943)*, Turim, Bollati Boringhieri, 2003; N. Labanca, *Oltremare. Storia dell'espansione coloniale italiana*, Bolonha, Mulino, 2002.

⁷⁶ Cf. D. Rodogno, “*Campagna di Grecia*”, in *Dizionario del fascismo*, op. cit., vol. I, p. 635-638.

⁷⁷ *Corriere della Sera*, 29 de outubro de 1940.

⁷⁸ G. Bottai, *Diario 1935-1944*, Milão, Rizzoli, 1989, p. 228.

⁷⁹ R. De Felice, *Mussolini l'alleato*, vol. I: *L'Italia in Guerra 1940-1943*, t. I: *Dalla guerra “breve” alla guerra lunga*, Turim, Einaudi, 1996, p. 322-326.

⁸⁰ Os comboios chegaram em Auschwitz em 24, 25 e 30 de março; 3, 9, 10, 13, 17, 18, 22, 26 e 28 de abril; 4, 7, 8 e 16 de maio; 8 de junho; 13 de agosto (Bergen-Belsen) e 18 de agosto de 1943. Ver o quadro das deportações em H. Fleischer, “*Griechenland*”, in Wolfgang Benz (organizador), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, p. 273; e A. Récanati, *Mémorial de la déportation des Juifs de Grèce*, op. cit., p. 48.

⁸¹ Sobre a política antisemita na Bulgária, ver Hans-Joachim Hoppe, “*Bulgarien*”, in Wolfgang Benz (organizador), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, op. cit., p. 275-310; Raul Hilberg, *La Destruction des Juifs d'Europe*, op. cit.

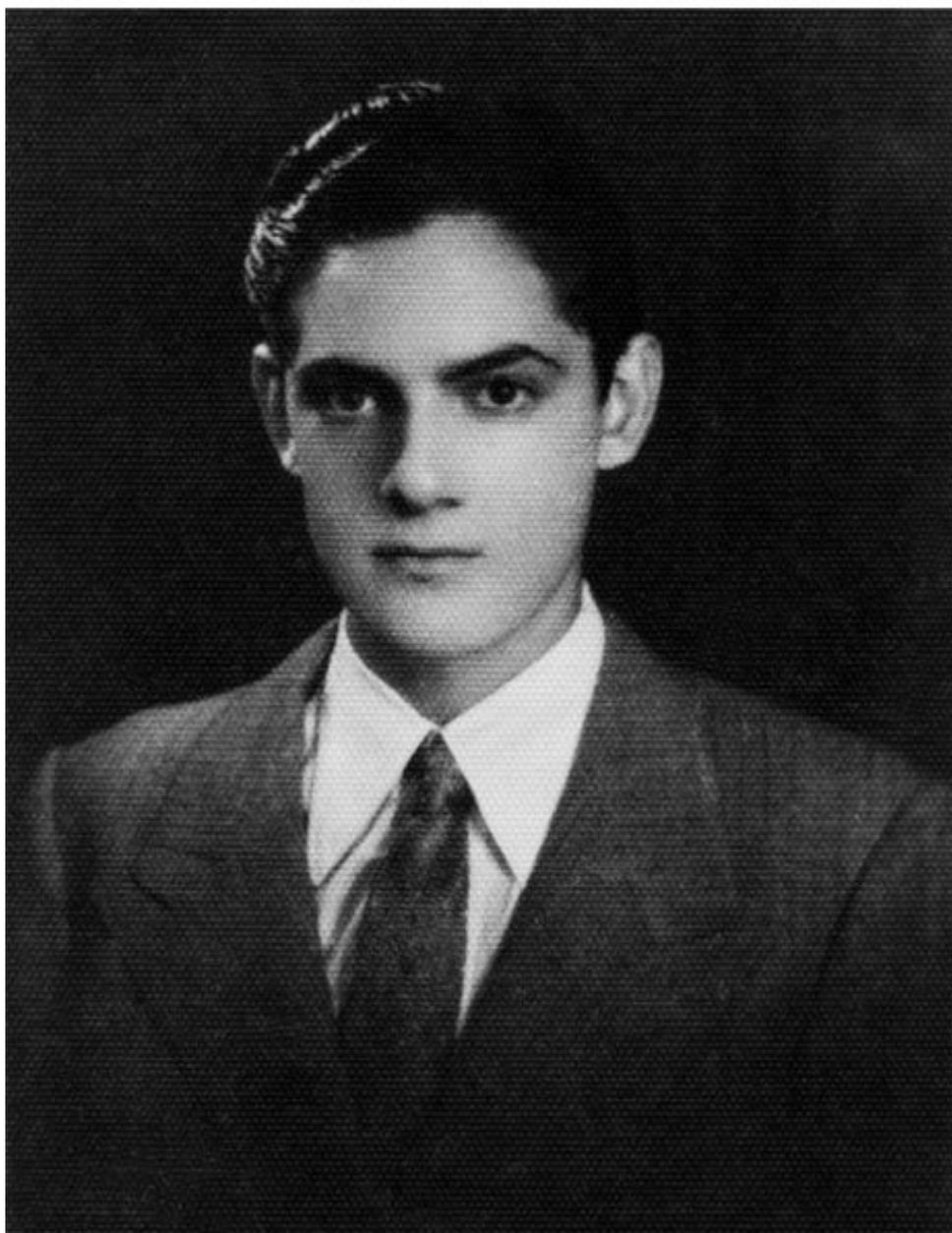
⁸² Cf. M. Mazower, *Inside Hitler's Greece: the Experience of Occupation 1941-44*, New Haven, Yale University Press, 1993.

⁸³ Cf. Pavone, *Una guerra civile. Saggio storico sulla moralità nella Resistenza*, Turim, Bollati Boringhieri, 1991; E. Aga-Rossi, *Una nazione allo sbando. L'armistizio italiano del settembre 1943 e le sue conseguenze*, Bolonha, il Mulino, 2003.

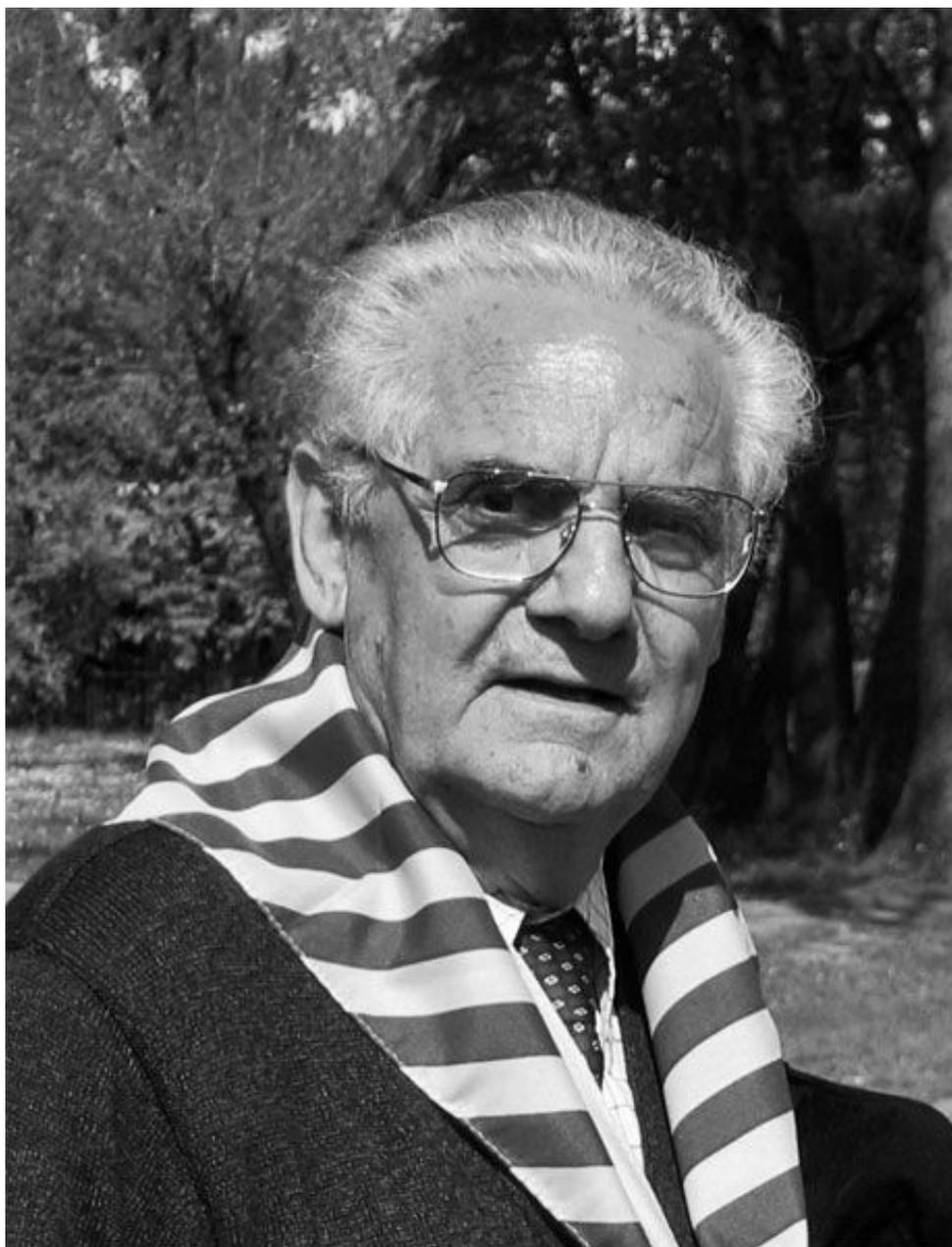
Bibliografia

- GREIF, Gideon, *Wir weinten tränenlos... Augenzeugenberichte der jüdischen "Sonderkommandos" in Auschwitz*, Colônia-Weimar-Viena, Böhlau Verlag, 1995.
- GUTMAN, Yisrael e Berenbaum, Michael (orgs.), *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*, Bloomington e Indianápolis, Indiana University Press, 1998.
- HÖSS, Rudolf, *Le commandant d'Auschwitz parle*, Maspero, [1979], reed. com prefácio e posfácio de Geneviève Decrop, Paris, La Découverte, 2005.
- HÖOS, Rudolf, Broad, Pery e Kremer, Johann Paul, *Auschwitz vu par les SS*, Oświęcim, Museu de Estado de Auschwitz-Birkenau, 1996.
- KIELAR, Wieslaw, *Anus Mundi: Cinq ans à Auschwitz*, Paris, Robert Laffont, 1980.
- KLARSFELD, S., Pezzetti, M. e Zeitoun, S. (orgs.), *L'Album Auschwitz*, Paris, Éditions Al Dante-Fondation pour la Mémoire de la Shoah, 2005.
- LANZMANN, Claude, *Shoah*, Paris, Fayard, 1985.
- MANDELBAUM, Henryk, "... et je fus affecté au Sonderkommando", in Mateja, J. e Swiebocka, T. (orgs.), *Témoins d'Auschwitz*, Oświęcim, Museu de Estado de Auschwitz-Birkenau, 1998, p. 341-350.
- MARK, Ber, *Des voix dans la nuit. La résistance juive à Auschwitz*, Paris, Plon, 1982.
- MÜLLER, Filip, *Trois ans dans une chambre à gaz d'Auschwitz. Le témoignage de l'un des seuls rescapés des commandos spéciaux*, Paris, Pygmalion, 1980.
- NYISZLI, Miklos, *Auschwitz, o Testemunho de um Médico*, São Paulo, Record, 1974.
- OLER, Alexandre, *Un génocide em héritage. Tableaux de David Olère, Survivant des Sonderkommandos*, Paris, Éditions Wern, 1998.
- PEZZETTI, Marcello, Picciotto, L., Hayon, N. e Vergani, G., *Destinazione Auschwitz*, Milão, Proedi, 2000.
- POLIAKOV, Léon, *Auschwitz*, Paris, Julliard, 1964.
- POLUDNIAK, Jan, *Zonder. Rozmowa z członkiem Sonderkommanda. Henrykiem Mandelbaumem*, Katowice-Sosnowiec, Sowa-Press, 1994.
- PRESSAC, Jean-Claude, *Auschwitz: Technique and Operation of the Gas Chambers*, Nova York, The Beate Klarsfeld Foundation, 1989.

- BENDEL, Paul, “Les Crématoires. Le Sonderkommando”, in *Témoignages sur Auschwitz*, Paris, Éditions de l’Amicale des déportés d’Auschwitz — Fédération nationale des déportés et internés résistants et patriotes, 1946.
- BENSOUSSAN, Georges (org.), “Des voix sous la cendre. Manuscrits des Sonderkommandos d’Auschwitz-Birkenau”, *Revue d’histoire de la Shoah*, n° 171, 2001.
- COHEN, Nathan, *Diaries of the Sonderkommandos in Auschwitz: Coping with Fate and Reality*, in *Yad Vashem Studies*, vol. 20, 1990, p. 275-312.
- CZECH, Danuta, *Kalendarium der Ereignisse im Konzentrationslager Auschwitz-Birkenau 1939-1945*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1989.
- FRIEDLER, E., Siebert, B. e Killian, Andreas, *Zeugen aus der Todeszone. Das jüdische Sonderkommando in Auschwitz*, Lüneburg, Klampen, 2002.
- GRADOWSKI, Zalmen, *Au coeur de l’enfer: document écrit d’un Sonderkommando d’Auschwitz, 1944*, Paris, Kimé, 2001.
- SEDEL, Alfred, *Sonderkommando*, in *Le Monde Juif*, n° 134, 1989, IV-VI, p. 75-80.
- _____ “Testimony of a Sonderkommando Survivor”, in *The Voice of Auschwitz Survivors in Israel*, n° 23, 1983, p. 5-7.
- WELLERS, Georges, *Les chambres à gaz ont existé. Des documents, des témoignages, des chiffres*, Paris, Gallimard, 1981.



Shlomo aos 21 anos de idade, em Atenas, em 1944, poucas semanas antes de ser deportado. ©



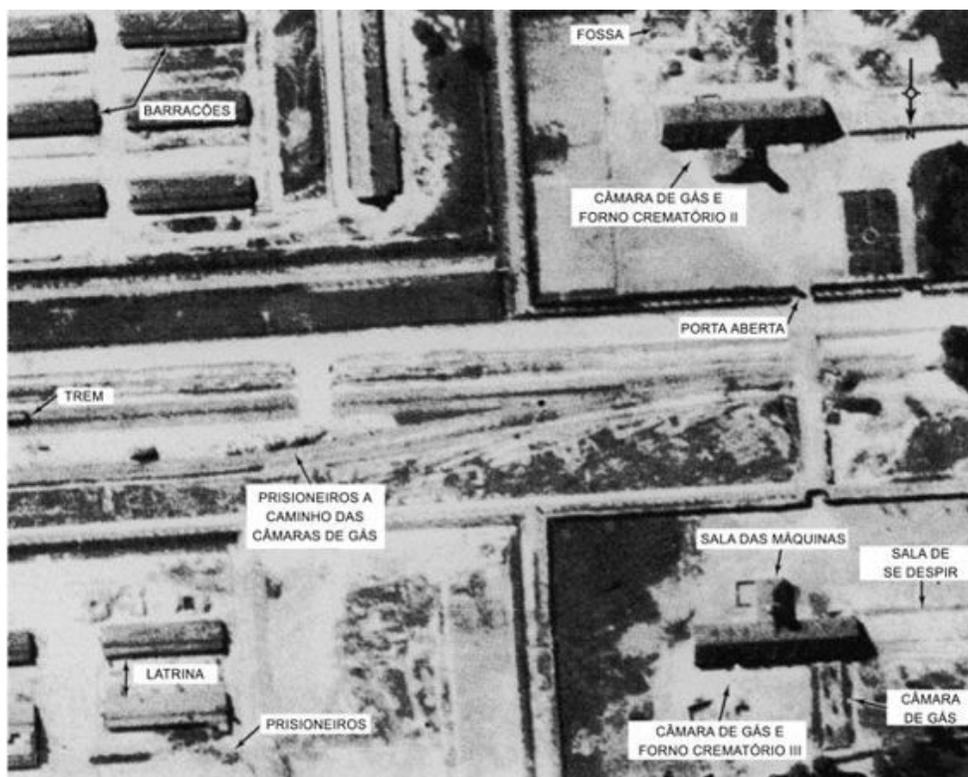
Retrato de Shlomo em Auschwitz, usando o lenço azul e branco dos ex-deportados (março de 2003). ©



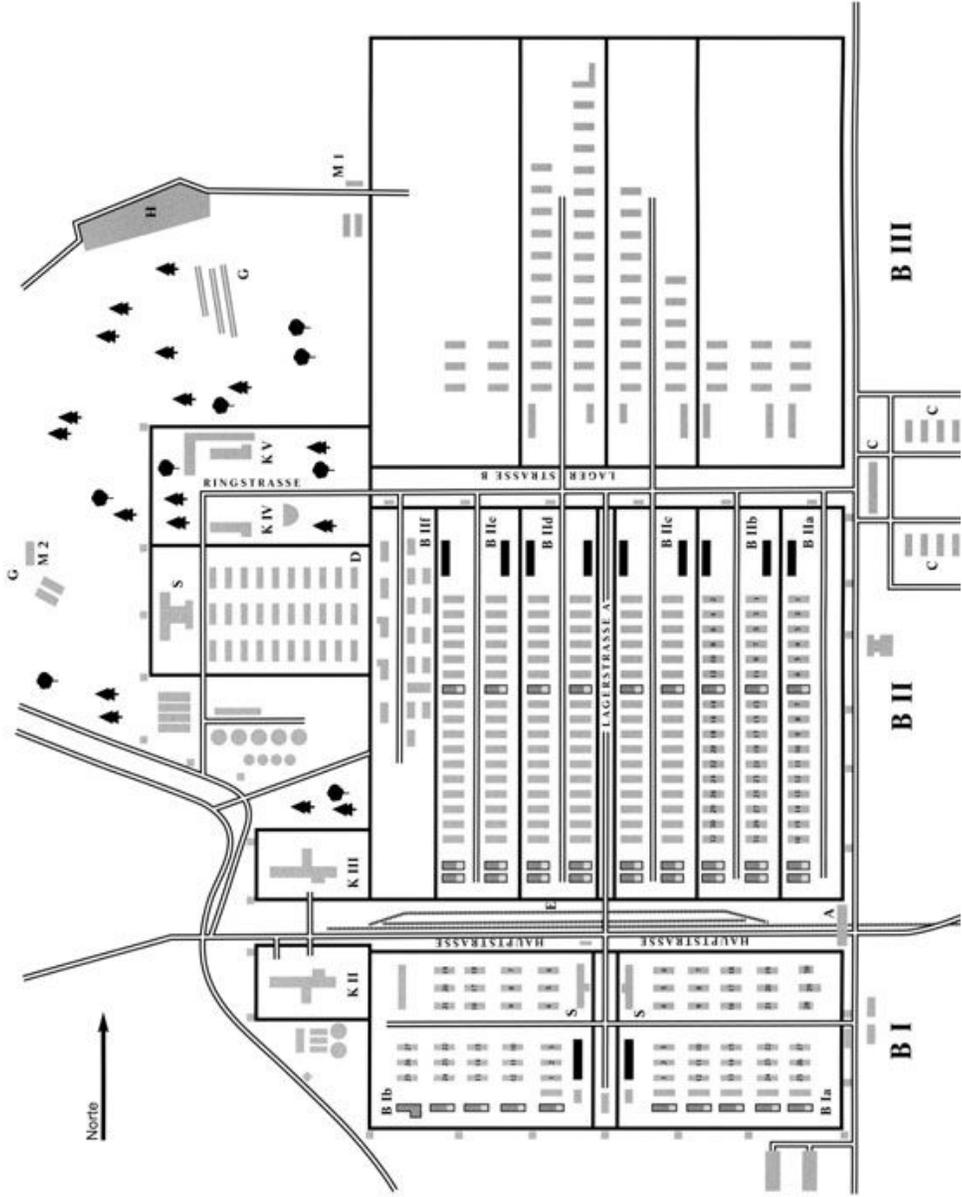
Vista aérea de uma parte do complexo de Auschwitz I e Auschwitz II-Birkenau. A via férrea está situada entre os dois campos. A *Judenrampe* serviu como rampa de chegada e de seleção dos comboios de judeus até maio de 1944, quando foi substituída pela *Bahnrampe*, que levava as vítimas até o interior do campo, às proximidades dos Crematórios II e III. (Memorial da Shoah / Centro de Documentação Judaica Contemporânea)



Foto aérea de Birkenau, tirada pela aviação inglesa de reconhecimento em 23 de agosto de 1944. No alto da imagem, sobe a fumaça das fossas comuns do Crematório V. (Arquivo de Reconhecimento Aéreo)



Vista dos Crematórios II e III de Birkenau, anotada por Jean-Claude Pressac. Detalhe. (Memorial da Shoah / Centro de Documentação Judaica Contemporânea)

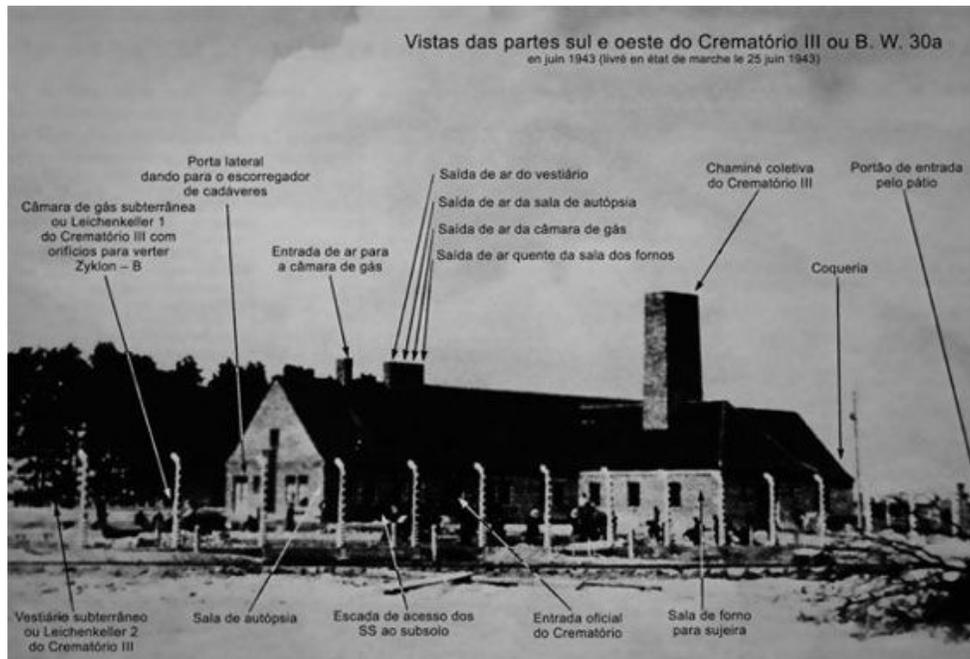


Mapa de Auschwitz-Birkenau. (Instituto Yad Vashem / Fundação para a Memória da Shoah)

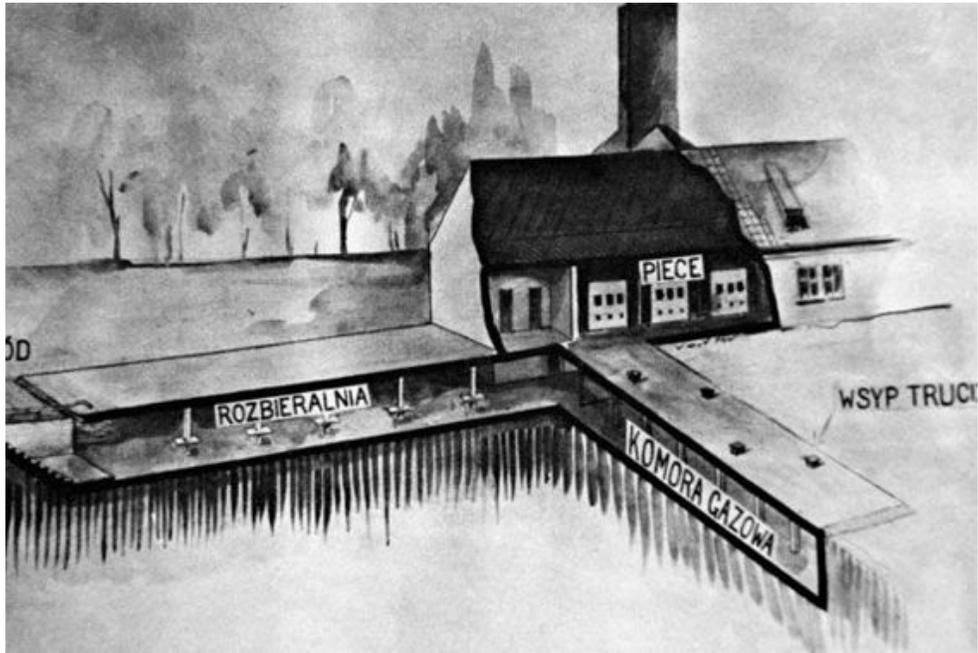
A	serviço de guarda principal, com torre de vigia	BIIe	campo dos ciganos (<i>Zigeunerlager</i>)	KII	câmara de gás e Crematório II
BI	primeiro setor do campo	BIIIf	hospital dos detentos	KIII	câmara de gás e Crematório III
BII	segundo setor do campo	C	<i>Kommandantur</i> e barracões das SS	KIV	câmara de gás e Crematório IV
BIII	terceiro setor do campo, em construção (México)	D	armazém dos objetos pilhados de detidos assassinados (<i>Kanada</i>)	KV	câmara de gás e Crematório V
BIIa	campo feminino	E	rampa onde eram descarregados os comboios e se faziam as seleções	M1	primeira câmara de gás provisória (casa vermelha)
BIIb	no início, campo masculino; a partir de 1943, campo feminino	G	fogueiras em que se queimavam cadáveres	M2	segunda câmara de gás provisória (casa branca)
BIIa	campo de quarentena	H	fossas comuns de prisioneiros de guerra soviéticos	S	chuveiros e local de matrícula (<i>Sauna</i>)
BIIb	campo familiar para judeus de Terezin				latrinas e lavabos
BIIc	campo para judeus da Hungria				
BIIId	campo masculino				



Este clichê está incluído em uma série de cinco fotografias clandestinas tiradas por um membro não identificado da Resistência em Auschwitz e que foi denominado Alex. A imagem, a partir do interior do Crematório V, foi registrada em agosto de 1944 e mostra (ampliação de detalhe) mulheres nuas entrando na câmara de gás do Crematório V, depois de se despirem ao ar livre. (Centro de Documentação Judaica Contemporânea / Pantswowe Museum Oświęcim)



Vista dos Crematórios II e III de Birkenau, anotada por Jean-Claude Pressac. Detalhe. (Memorial da Shoah / Centro de Documentação Judaica Contemporânea)



Projeção do Crematório II. No subsolo, na parte esquerda, a sala de se despir. Na parte direita, também no subsolo, a câmara de gás. (Fundação Klarsfeld)



Fotografia incluída no *Álbum de Auschwitz*, tirada por um SS na chegada de um comboio de judeus da Hungria. Atrás das pessoas sendo enviadas para o Crematório II está perfeitamente visível a fachada da sala dos fornos do Crematório III. (Instituto Yad Vashem / Fundação pela Memória da Shoah)



Vista geral dos fornos do Crematório II, poucas semanas antes de ser posto em funcionamento. (Museu de Estado de Auschwitz-Birkenau)



Ruínas do Crematório II no momento da Libertação. Em primeiro plano, troncos de árvores foram amontoados, no final do verão de 1944, para camuflar o local. (Memorial da Shoah / Centro de Documentação Judaica Contemporânea)



Shlomo dando seu testemunho diante das ruínas do Crematório II, em Birkenau. A seu lado, o historiador especialista em Auschwitz, Marcello Pezzetti (março de 2004). (Sara Berger)



Shlomo e Avraham Dragon (veterano do Sonderkommando). Israel, julho de 2004. (Marcello Pezzetti)



Shlomo e Lemke Piliszko, “Chaim”, membro do Sonderkommando e ex-kapo do Crematório II. Israel, julho de 2004. (Marcello Pezzetti)



Da esquerda para a direita: Avraham Dragon, seu irmão Shlomo Dragon, Eliezer Eisenschmidt, Yakob Gabbai, Josef Sackar (atrás) e Shaul Hazam, em Birkenau. (Marcello Pezzetti)



Shlomo com seu irmão Maurice Venezia e o primo Dario Gabbai. (Marcello Pezzetti)